



Universidade Federal de Goiás



PPGAS
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Universidade Federal de Goiás



Mestrando: George Bruno Machado Leão
Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Janine Helfst Leicht Collaço

Futebol em Goiânia: Sociabilidades e Espaços

Outubro de 2016

Goiânia

George Bruno Machado Leão

Futebol em Goiânia: Sociabilidades e Espaços.

Defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, como requisito para à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Áreas de Estudo: Antropologia e Futebol.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Janine Helfst Leicht Collaço

Outubro de 2016

Goiânia

George Bruno Machado Leão

Futebol em Goiânia: Sociabilidades e Espaços

Defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do grau de Mestre, aprovado em _____ de _____ de _____, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores (as):

Prof.^a. Dr.^a. Janine Helfst Leicht Collaço

Orientadora

Prof. Dr. Guillermo de Ávila Gonçalves

Banca Examinadora – Convidado IFG

Prof. Dr. Manuel Ferreira Lima Filho - PPGAS/UFG

Banca Examinadora

Memorial

Decidi pelo curso de ciências sociais no ensino médio, a partir das aulas de sociologia, e também pelo desejo de estudar política. Por este motivo prestei vestibular para a primeira turma de ciências sociais com habilitação em políticas públicas da Universidade Federal de Goiás. Fui aprovado em 4º lugar no vestibular e ingressei na UFG no ano de 2009.

Durante o curso de ciências sociais dediquei meus dois primeiros anos participando da pesquisa de violência urbana, até perceber que sociologia não era a área de ciências sociais que eu gostaria de seguir. Durante este período fui me aproximando cada vez mais da antropologia. Particpei da XXVII RBA em Belém no Pará fortalecendo bastante o meu caminho na antropologia e então, no meu terceiro ano de curso, fui monitor de Antropologia sob tutela dos professores Manuel Ferreira Lima Filho e Izabela Maria Tamasso.

Em fevereiro de 2013, defendi o meu TCC, intitulado: Políticas públicas patrimoniais: um estudo de caso referente à salvaguarda do modo de fazer as bonecas Karajá, orientado (novamente) pelo professor Manuel Ferreira Lima Filho, que me ajudou bastante e sempre me instigou a seguir em frente. O TCC foi uma oportunidade de somar a antropologia às concepções de políticas públicas que aprendi ao longo do curso, e é um viés do qual não pretendo me desvincular.

Meu primeiro contato com o mestrado em antropologia foi no segundo semestre de 2013 com a disciplina de 'Formas de Organização Social' ministrada pelo professor Alexandre Herbetta, onde participei na condição de aluno especial e foi extremamente importante para amadurecer a minha forma de pensamento, análise e discussão na antropologia. Em novembro de 2013, prestei a seleção do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFG e fui aprovado, novamente em 4º lugar.

Conheci a minha atual orientadora, professora Janine Collaço na disciplina de teorias antropológicas I, e a partir de várias horas conversando sobre diversos assuntos, decidi me afastar da etnologia (que trabalhei no meu TCC) e passei a trabalhar com futebol, memória e globalização. E aqui, lhes apresento a minha dissertação.

Dedicatória

À minha mãe Giril-Lene que sempre tentou me tornar uma pessoa melhor. Através do exemplo me mostrou a importância de valores como a honestidade, a bondade, a compaixão. Uma mulher com a história de vida marcante, passando por altos e baixos e que sempre teve humildade, vontade, obstinação e determinação para continuar e se superar a cada dia. Carregarei seus ensinamentos por toda a minha vida.

Ao meu irmão Luiz Carlos com quem tanto aprendi e cresci. Sempre me espelhei nas suas ações, o seu senso de justiça, determinação e sou grato por poder conviver e desfrutar a vida com ele.

À minha amável e dedicada namorada Daniela, que coloca as cores nos meus dias, sempre com novas reações às mesmas coisas, e tornando tudo que é mundano bem mais interessante. Seu apoio foi essencial para que eu conseguisse escrever esta dissertação, assim como seus diálogos e questões. É uma pessoa única com quem eu posso compartilhar minhas ideias malucas, minha visão de mundo e também confiança e amor.

Agradeço aos meus amigos mais próximos, amigos com os quais cultivo a amizade desde criança.

À minha orientadora Janine Collaço, uma pessoa muito aberta, divertida e sincera. Que com muita paciência e calma sempre esteve ao meu lado para apoiar e ensinar. Uma excelente pessoa para se conversar sobre qualquer assunto e se divertir bastante com o seu humor que está sempre “pra cima” independente do dia e de questões pessoais. É aquele tipo de pessoa que alegra o seu dia apenas por estar perto.

Agradeço muito ao Álvaro Leandro. Se não fosse por ele, tudo teria se tornado muito mais complicado; ele me inseriu no campo e antes mesmo de definir muitos parâmetros da pesquisa, sempre se mostrou interessado em ajudar com ideias, opiniões e caminhos para se seguir. Também agradeço ao Edmar e ao Silvinho que tornaram os primeiros passos da pesquisa bastante sólidos e me mostraram que o futebol vai muito além do que eu pensava, e trouxeram à tona um novo ponto de vista sobre algo com o qual eu convivo desde sempre. Suas experiências são fontes de admiração e aprendizado.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Goiás pelo ensino público de qualidade, com professores capazes que me ofereceram novos modos de se enxergar o mundo e que prezam pela alta qualidade de ensino e educação.

*“Dark matter flowing out on to a tape
Is only as loud as the silence it breaks
Most things decay in a matter of days
The product is sold the memory fades”*

Steven Wilson

Resumo

Baseado nos estudos de memória, procurarei fazer um diálogo sobre o desenvolvimento do futebol fora dos campos, a partir da década de 60, e a realidade de clubes de futebol amador e semiprofissional. Utilizando o método etnográfico, a pesquisa se valeu do arcabouço teórico da antropologia urbana e trouxe pessoas que conviveram desde o momento de estruturação do futebol local até o período pelo qual esse esporte passou por grandes transformações internacionais, nacionais e locais através da globalização, dialogando com David Harvey nos quesitos de passagem do tempo e mudanças no espaço e suas implicações nesse processo. Então, por via de diálogos de memória, restituirei uma configuração social de memória coletiva acerca da conexão entre a cidade de Goiânia e o futebol.

Palavras-Chave: Memória, futebol, globalização, Goiânia, antropologia urbana.

Abstract

Based on memory studies, I'll seek to make a dialogue on soccer development off the pitch, from the 60s, and the reality of amateur and semi-professional football clubs. Using the ethnographic method, the research leaned on the theoretical framework of urban anthropology and brought people who coexisted from the moment of structuring the local soccer to the moment that this sport underwent major international, national and local changes through globalization, dialoguing with David Harvey in questions of passage of time and changes in space and its implications in football. Then, through memory dialogues, I will restore a social configuration of collective memory regarding the link between the city of Goiânia and soccer.

Key words: Memory, soccer, globalization, Goiânia, urban anthropology.

Índice

Memorial	4
Dedicatória.....	5
Resumo	7
Abstract.....	7
I. Introdução.....	9
a. Contexto Empírico (Global-Local).....	9
b. Pressupostos Teóricos	15
c. Procedimentos metodológicos	23
d. Cidade, futebol e memória.....	37
Capítulo 1 - O futebol em Goiânia	46
1.1 O futebol como processo simbólico e a sua globalização	46
1.2 Espaço e sua transição	58
Capítulo 2 - O futebol e encontros	66
2.1 Família e clubes como instituição	66
2.2 Lazer	77
Capítulo 3 - Global e local	81
3.1 Novos espaços e clubes amadores e semiprofissionais	81
3.2 Internet e novos meios de perceber o futebol	90
3.3 Prestígio e identidade local.....	95
3.4 Novos símbolos	100
Considerações Finais	105
Referências Bibliográficas.....	108
Anexo	110

I. Introdução

a. Contexto Empírico (Global-Local)

O campeonato alemão e a seleção alemã de futebol foram os expoentes no mundo futebolístico nos últimos dez anos. Afirmando isso tanto pelas conquistas da seleção alemã - terceiro lugar nas Copas do Mundo de 2006 e 2010, campeã da Copa do Mundo de 2014, vice-campeã da Eurocopa de 2008 e terceiro lugar na Eurocopa de 2012 - quanto pelo futebol apresentado. Aqui no Brasil, esses apontamentos são caracterizados como futebol alemão. A mídia utiliza todos os fatores que existem no futebol de um país, sem considerar as especificidades locais, regionais e nacionais, e une esse complexo em um termo que engloba todo o futebol do país. Seja a organização de seus campeonatos nacionais, a coordenação das seleções de futebol (que é gerida pelas confederações), o desenvolvimento e características marcantes de seus jogadores mais talentosos ou o comportamento de suas torcidas. Todas essas especificidades são descaracterizadas e substituídas por estereótipos para englobar uma noção pré-concebida em um termo simples, que pode ser usado em vários momentos durante uma transmissão ou análise futebolística.

Pensar o futebol de forma contundente requer que desmembramos esse termo popularmente utilizado de futebol (alemão, brasileiro, etc.) nas várias redes de relações suportadas e perpassadas na vida social e política, relações que se ampliam à medida que aplicamos a analogia do global à esfera local, que é exatamente o ponto do objeto desta pesquisa. O local de pesquisa é a cidade de Goiânia, e, portanto, o objetivo é pensar e relacionar as redes de relações que o termo futebol goiano sugere. Por isso trago a proposta de desmembrar e até certo ponto desmistificar este termo, trazer um ponto de lógica real e simbólica do grande aparato de relações sociais que é representado quando se diz que o futebol é de determinado local.

Para problematizar esta questão proponho um retrospecto e uma pequena análise referente a três países nas diversas vertentes que compõem o futebol, que são Alemanha, Brasil e Inglaterra e de que forma elas podem se relacionar com o futebol local (goiano).

O campeonato inglês, conhecido por *Barclays Premier League*¹ é considerado pelas mídias de reprodução futebolística como a maior liga da atualidade, afinal conta com um grande número de clubes de renome internacional, e boa parte dos grandes jogadores do futebol atual. Vamos considerar o elenco do time *Manchester City Football Club* da temporada 2014/2015: de 24 jogadores, apenas cinco jogadores são de nacionalidade inglesa (sendo que dois deles são goleiros). Da mesma forma o *Chelsea Football Club* da temporada 2014/2015: de 24 jogadores, apenas três são jogadores de nacionalidade inglesa (os jogadores podem ter mais de uma nacionalidade, mas aqui considero apenas sua primeira nacionalidade).

Estes dois clubes vem de uma história recente de aquisição a partir de proprietários de outros ramos que injetaram uma grande quantidade de dinheiro para formar um super time. O *Manchester City* foi campeão na temporada 2013/2014, com o *Chelsea* sendo o terceiro colocado. Na temporada (2014/2015) o *Chelsea* foi campeão, com *Manchester City* na segunda posição.

Aqui me pergunto: esses dois clubes, que de certa forma agem como representantes do chamado futebol inglês, praticam o chamado futebol inglês?

Temos aqui duas abordagens diferentes: 1) O futebol inglês pode ser caracterizado pelo modelo de jogo utilizado pela maioria dos times (da *Premier League*), ou ao menos dos times que normalmente são bem sucedidos na *Premier League*; ou 2) O futebol inglês pode ser caracterizado como aquele praticado pela seleção inglesa.

As duas concepções possuem falhas. Afinal, se for adotada a concepção número um então afirmamos que os clubes menores ou de outras divisões não praticam o determinado futebol inglês, assim como, times bem sucedidos nem sempre possuem ingleses o suficiente no elenco para determinar um pesado modelo de jogo que caracteriza o nacional. Já a segunda concepção peca no fato de que constantemente as seleções mudam seus estilos de jogo à medida que há mudanças nas gerações e nos treinadores.

Por isso, ao se pensar o futebol em Goiânia, como podemos caracterizar o futebol como goiano? Local? É possível? O local é influenciado pelo nacional, logo, os clubes ingleses citados influenciam os clubes locais na Inglaterra. Mas de que forma ocorre aqui no Brasil, já que não se existem estes “super clubes”? Da mesma forma no

¹ Aqui, pela consistência da dissertação, não pretendo investigar e retratar todas as divisões relacionadas ao futebol inglês, brasileiro e alemão, que consistiria em um grande número de divisões masculinas e femininas, além de outros aspectos como as copas e as divisões de futsal.

Brasil não existem clubes onde o número de jogadores estrangeiros é predominante, e por isso devemos considerar os diferentes alcances que a globalização tem sob diferentes lugares.

Para utilizar um exemplo da questão da seleção representar o estilo de futebol, vamos comparar as seleções alemãs de 2002 (que chegou à final da Copa do Mundo contra o Brasil) e a seleção de 2014 (que também chegou à final da Copa do Mundo contra a Argentina). Ambas possuem estilos de jogadores e jogo completamente diferentes, e a diferença é praticamente uma geração. Considerando jogadores da seleção de 2002 como Oliver Bierhoff, Michael Ballack e Bernd Schneider, Oliver Khan, a seleção alemã possuía um modelo de jogo extremamente físico, cuja ofensividade era caracterizada a partir de lançamentos e cruzamentos; mas era um time que preferia defender a atacar, pois a postura tática e defensiva era muito organizada. Já a seleção de 2014 com a presença de jogadores como - Thomas Müller, Phillip Lahm, Bastian Schweinsteiger, Toni Kroos, Sami Khedira, Miroslav Klose, Lukas Podolski, Mesut Özil - conta com uma concepção de futebol bastante diferente. O modelo de jogo é caracterizado pela compactação, aproximação e triangulações; prefere a posse de bola e o jogo ofensivo, preferência de tabelas e pouca utilização de cruzamentos com a bola correndo, apesar de possuir um forte jogo aéreo a partir de bolas paradas. Dessa forma, a seleção acaba por impedir considerações acerca do modelo de jogo nacional com a noção de permanência, afinal o modelo de jogo de uma seleção pode mudar totalmente em um curto prazo de tempo.

As seleções dessas duas diferentes épocas compõem o futebol alemão em até certo ponto e em nenhum momento durante essa transição se perdeu algum caráter de autenticidade do futebol praticado pelos germânicos. Ambos em suas épocas compuseram um modelo de jogo memorável, afinal o futebol também muda suas concepções técnicas e táticas ao longo do tempo.

O futebol em Goiânia está longe de ser o apresentado pela seleção brasileira (que também passa por crises de identidade), mas isso não torna o futebol local menos brasileiro ou menos autêntico, apenas diferente. Aqui quero pontuar que o futebol local contribui para a construção do futebol nacional, mas não por vias diretas. Por isso cabe à pesquisa entender melhor como se dá essa relação entre a formação de jogadores e estilos de jogos locais relacionados aos estilos que são trabalhados a nível nacional; entender essa troca de contribuições bem como entender que diferentes gerações marcam diferentes estilos de prática do futebol; e que o trabalho de memória é

importante para compreender que não somente o futebol fora de campo mudou, mas também a forma pela qual o futebol é percebido e jogado; o esporte se modernizou também dentro de campo e isso constitui espaço no futebol local.

Ainda na problematização da existência de um futebol característico de cada nação, pensamos na organização do esporte no país. Existe o estereótipo de que somente nos países latino-americanos os estádios são um antro da violência urbana, afinal inúmeros são os casos deste tipo de problemática em países como Argentina, Brasil e o México. Entretanto a mesma problemática também existe nos países europeus; o velho clássico escocês entre *Rangers Football Club* e *Celtic Football Club* é um exemplo específico de uma história de violência entre pessoas associadas a estes clubes. Em 2011, uma notícia publicada no jornal britânico *The Guardian*², mostra dados de que quando o clássico ocorre, a violência doméstica contra mulheres no oeste da Escócia aumenta em 138.8% quando os jogos ocorrem no sábado, em 96.6% nos domingos e em 56.8% durante a semana. Citamos também o fato do dia 30 de novembro de 2014 na Espanha, onde um torcedor morreu em briga entre a torcida do *Club Atlético de Madrid SAD* e *Real Club Deportivo de La Coruña*³.

Com estes exemplos, busco demonstrar que a violência no futebol não é uma característica do futebol brasileiro, ou do futebol latino americano. A violência no esporte em geral existe em diversos graus e categorias diferentes por todo o mundo, seja a violência direta contra o corpo de um atleta ou torcedor, seja a violência psicológica e até mesmo a desvalorização do trabalho do profissional. Essa problemática de violência que ocorre nos jogos locais, principalmente entre Goiás *versus* Vila Nova acaba por afastar as pessoas do estádio, do convívio da manifestação social que é o jogo. Apesar da violência não ser ponto central deste trabalho, vale a observação de que é um fator central para determinar se as pessoas frequentam ou não o estádio em dias de jogo, e que provavelmente memórias estarão associadas a esse tipo de embargo.

Essas crises acabam por compor o futebol e atingir momentos em que a falta de controle sobre o esporte e suas expressões surgem e estão presentes por todo o mundo. Sobre estas organizações me debruço sobre os dados de média de público, um indicador de fácil acesso e que pode trazer a primeiro instante muitas temáticas da organização

² <http://www.theguardian.com/commentisfree/2011/mar/12/celtic-rangers-glasgow-domestic-violence> - Acesso em julho de 2015.

³ <http://esportes.terra.com.br/futebol/internacional/espanha/campeonato-espanhol/briga-esquerda-x-direita-que-matou-torcedor-choca-espanha.26831f5ec450a410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> - Acesso em julho de 2015.

dos campeonatos nacionais. Utilizando os dados das médias de público de 2011⁴, a *Bundesliga* (campeonato alemão) teve a maior média mundial de público com 45.179 torcedores por jogo. Bastante atrás em segundo lugar veio a *Premier League* com 34.601 torcedores por jogo. Já o Campeonato Brasileiro série A ficou apenas na 14ª posição mundial com 13.004 torcedores por jogo, atrás dos campeonatos nacionais de países de menor prestígio no futebol mundial como Estados Unidos, China, Japão, ficando atrás até mesmo das segundas divisões tanto da *Bundesliga* quanto da *Premier League*.

Esses dados precisam ser tratados com cuidado, pois muito se dá pelas políticas estatais do esporte e cultura, pela forma como as federações nacionais e regionais tratam, divulgam e organizam o futebol nacional, assim como pela pressão das corporações midiáticas e de patrocínios no investimento ao esporte. Nestas condições podemos reconhecer que os alemães se sobressaem quando percebemos que não somente suas duas divisões possuem uma gigante média de público, como vemos a performance das torcidas do *Borussia Dortmund* (torcida conhecida por Muralha Amarela) e do *FC Bayern München* impressionar até mesmo os mais fanáticos por torcidas organizadas.

As questões relacionadas à organização do futebol no Brasil são complexas e extensas, e neste recorte das médias de públicos quero deixar claro que a competente organização da Alemanha em relação ao seu futebol não torna o país como o maior representante futebolístico do mundo, ou como o maior centro de futebol do mundo, afinal estas são titulações extremamente subjetivas e que normalmente só possuem caráter representativo na mídia de massa. No fim cada pessoa tem a sua própria concepção de perceber o futebol. Todavia, lugares que não possuem uma extrema média de público, um campeonato nacional/local de referência técnica, coletiva e organizacional, que não possuem um *background* histórico de futebol muito forte e várias outras variantes que poderiam descaracterizar como um centro de prática do esporte – não deixam de ser relevantes para seus contextos locais, principalmente no caráter simbólico e de construção de sentidos sociais.

Mesmo a cidade de Goiânia não possuindo clubes que são referências continentais para o futebol, isso não descaracteriza o valor que a população local pode colocar no futebol como representação social e em muitos casos como representação

⁴ http://espn.uol.com.br/fotos/341296_campeonato-brasileiro-esta-longe-de-ter-maior-media-de-publico-do-mundo-veja-em-fotos - Acesso em julho de 2015.

histórica de vida, e aqui busco, por via de conversas e diálogos com pessoas que participaram do processo futebolístico na cidade, pensar de que forma essas pessoas se relacionam com o futebol e se o mesmo possui ou possuiu algum impacto de qualquer espécie durante a sua vida. Também me preocupo com o atual posicionamento do futebol na cidade, considerando a estimativa de média de público, buscando entender também a partir desta discussão, como o Goiás Esporte Clube, que era o único clube goiano representante da série A do campeonato brasileiro de 2014 possuiu a pior média de público (contabilizado até a última rodada da temporada 2014), com a média de 7.246 pagantes por jogo, sendo que o estádio Serra Dourada, local no qual o Goiás costuma atuar, comporta até 37.800 pessoas.

Acerca de todas essas considerações, busco formular uma discussão da transição do global para o local, as inferências, o impacto, as mudanças, e a nossa percepção do exterior. Buscar na empiria, associado à memória das pessoas, acontecimentos, fatos e histórias que possam contribuir para a formação de uma relação do futebol com o local no qual ele está inscrito, o espaço que é a cidade de Goiânia. Considerações de tempo e espaço que estão em constante mudança, que trazem diferentes significados simbólicos e práticos na percepção tanto da cidade como espaço físico, e do futebol como prática social. Por isso aqui considero que o termo “futebol goiano” possui um grande grau de complexidade que precisa ser trabalhado e pensado minuciosamente para extrair todo esse aspecto do que o futebol pode caracterizar em um determinado local.

Refutando a ideia de existir um estilo de futebol brasileiro que podemos caracterizar em um time, campeonato ou seleção, crio um espaço para que todas as localidades do Brasil contribuam para essa construção simbólica do futebol brasileiro, afinal essa concepção é complexa demais para que seja considerada a simples termos; os 23 jogadores de uma seleção ou os 20 clubes de um campeonato não representam as milhares de pessoas do Brasil que participam, jogam e vivem do futebol. Mesmo locais que estão fora dos grandes distritos de futebol brasileiro (Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais), possuem sua relevância futebolística e vivem tanto as condições boas quanto ruins que o futebol traz. Para o esporte existir ele não se condiciona a estruturas de gerenciamento de infraestrutura, de talento e de mídia de massa; estes fatores são reservados aos poucos times do mundo que chegam até a grandeza. Mas a maioria dos clubes existentes se contentam com pouco ou nada dessas condições e mesmo assim possuem a sua legião de torcedores, sua história, seu significado e suas memórias.

b. Pressupostos Teóricos

O uso do termo memória coletiva esteve presente na escrita de Maurice Halbwachs já em 1925, quando evidenciou que a memória é um fenômeno especificamente social. Entretanto, posterior a este período pouco se pensou em memória coletiva; a atenção dos estudos de memória no interesse popular estava em literatura autobiográfica, genealogia familiar e museus. Os estudos de memória coletiva se tornaram presentes na Europa a partir da década de setenta e se espalharam para as ciências humanas americanas na década de oitenta (KLEIN, 2000).

Para Halbwachs (1968) a ação da memória nos indivíduos somente é possível a partir de instrumentos, que são as palavras, as ideias que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Esse é o significado simbólico, são as categorias que representam um grupo, são os traços sociais. Comunicamo-nos por via da linguagem (falada, simbólica) pois compartilhamos ou aprendemos um idioma, conhecemos gestos, vestimentas, comportamentos. Esses são fatores gerais, que estão postos a todas as pessoas.

Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que eu fazia parte foi o teatro de um certo número de acontecimentos, dos quais digo que me lembro, mas que não conheci a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente. Eles ocupam um lugar na memória da nação. Porém eu mesmo não os assisti. Quando eu os evoco, sou obrigado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não vem aqui completar ou fortalecer a minha, mas que é a única fonte daquilo que eu quero repetir (HALBWACHS, 1968, pág. 58).

Essa memória que Halbwachs anuncia como sendo emprestada, já que não é dele, é caracterizada por memória não vivida, que normalmente em suas formulações não possuem fatores emotivos a serem narrados. Caso a memória seja uma experiência narrada, se considera como sendo memória vivida. Neste ponto a memória é experiência, seja a sua ou a de outros. Mas como delinear a memória de forma cognitiva? Afinal, muitas experiências que passamos são difíceis de serem traduzidas em palavras, seja pela velocidade do fato, por fatores sentimentais, ou até mesmo por algo inigualável, que preenche a nossa mente de êxtase e/ou surpresa. Dessa forma a memória não consegue guardar detalhes e passo-a-passo de todas as experiências de nossa vida, pois demandaria uma enorme capacidade do nosso cérebro de armazenar e restituir essas memórias.

Levando essas considerações adiante, a memória é caracterizada como: representar a realidade vivida, de uma forma eficientemente cognitiva e de reter esta experiência vivida de forma coerente e efetiva (CONWAY, 2005, pág. 596) – de que forma retemos? Pelo esquecimento. É nesta etapa que a memória organiza de forma coerente o que marcou a experiência pessoal e delinea etapas como âncoras, um termo utilizado nos estudos de memória para ações, sentimentos, situações, pessoas, cheiros, familiaridade, registros (situações que memória coletiva pode trazer) que impulsionam a nossa mente a se lembrar de fatos. Não temos condições de armazenar todas as informações a respeito de nossas vidas, por isso a memória é seletiva e ainda mais importante: memória é lembrança e esquecimento - “*As lembranças precisam ser continuamente descartadas e combinadas; somente o esquecimento nos possibilita classificar e estabelecer ordem no caos*” (LOWENTHAL, 1998, pág. 205).

Kerwin Klein (2000) resume esta concepção de que memória não é propriedade de mentes individuais e sim é uma coleção diversa e em constante mudança de artefatos materiais e práticas sociais. Não é uma constante que em determinado momento para no tempo; sempre estamos vivendo novas experiências e sentimentos, novas posses. “*O ambiente social molda como e o que nos lembramos [...] a memória aqui se torna estrutural, considerando que aqui usamos a palavra com flexibilidade o suficiente para trazer tanto as noções de estrutura social [...] quanto à noção de sistemas de diferença*” (KLEIN, 2000, pág. 132, tradução minha). Como não podemos “essencializar” a estrutura, trabalho apenas com um pequeno aspecto desse conceito.

Kerwin Klein (2000) ainda sugere que a forma como ele percebe a memória coletiva se distancia muito da forma empregada por Maurice Halbwachs, já que a concepção do autor francês se aproxima do “caráter interior” de uma raça ou nação pois estava muito ligada ao Estado. O autor americano propõe o seguinte conceito de memória coletiva ligada à análise anterior do sistema de signos:

Memória coletiva..., como “linguagem”, pode ser caracterizada como um sistema de signos, símbolos e práticas: datas memoráveis, nomes de lugares, monumentos e arcos do triunfo, museus e textos, costumes e maneiras, imagens estereotipadas (incorporadas, por exemplo, em maneiras de expressão), e até mesmo na própria linguagem (nos termos de Sausurre). A memória individual – que é, o ator de recordar – é uma instanciação destes símbolos, análogo ao “discurso”; nenhum ato de recordar é como qualquer outro (KLEIN, 2000, pág. 133, tradução minha).

A memória também pode ser negativa, afinal a vida é um apanhado de encontros e desencontros; parte da memória que é esquecida, é um mecanismo de defesa da mente, pois o que é *“inibido são representações mentais, memórias e pensamentos que configuram a emergência de uma imagem pessoal bastante negativa de um self amputado e deficiente”* (CONWAY, 2005, pág. 607, tradução minha). O esquecimento compõe o que é memória, existem dores, ações das quais nos arrependemos, palavras que não deveriam ser ditas e ouvidas, momentos de enorme estresse, em que somente após o esquecimento, conseguimos seguir em frente. Até mesmo situações traumáticas são bloqueadas por nossa memória, que são os casos de amnésia provocada em acidentes por exemplo.

A discussão entre memória e história também é importante para separar as possíveis ambiguidades que possam vir a surgir. *“Tanto memória quanto a história não parecem objetivas mais. Em ambos os casos estamos aprendendo a levar em consideração seleções conscientes e inconscientes, interpretação e distorção são socialmente condicionadas”* (BURKE apud KANSTEINER, 2002, pág. 184, tradução minha). A relação entre história e memória é complexa e é um desafio no campo científico. A memória se desvia da história por ser flexível, a história se dá a partir do tradicional, do discurso formal histórico que é sancionado e formalizado pela ciência, que está dentro de uma linearidade regular, segmentada e constante; que precisa de documentos, testamentos, objetos que provam a verdade. Não é foco elucidar as diferenças de ambos métodos de pesquisa, mas sim reconhecer as diferenças mais evidentes.

Já a memória é oralidade, a história que a pessoa tem a contar, e muitas vezes essa história pode mudar ao longo do tempo a partir de novos símbolos. A memória é mais fluida, não demanda uma linearidade, pode tratar de vários tempos diferentes no mesmo discurso, não tem comprovante de veracidade além dos fatos que podem ser ligados a documentos históricos, nas palavras de Kerwin Klein (2000, pág. 130, tradução minha) *“Se a história é objetivamente fria, um sentido rígido de mundo, memória é a subjetividade aquecida, no sentido mais aconchegante desta palavra. Em contraste com a história, memória razoavelmente vibra com a plenitude de ser”*.

Estes são alguns dos pontos de separação, mas não quer dizer uma quebra total, e em muitos momentos estes pontos se embaralham, por isso temos a complexidade da relação entre estes dois termos. *“Nosso uso da memória como suplemento, ou como substituição, da história reflete que tanto há aumento no descontentamento com o*

discurso histórico quanto um desejo de lidar muito com o antigo padrão de prática linguística. (KLEIN, 2000, pág. 145, tradução minha)”. O antigo padrão de prática linguística é a oralidade, o fato de passar adiante o mito a partir do discurso, de releituras do simbólico a partir das experiências vividas. A memória coletiva de acordo com Wulf Kansteiner (2002) está em um espaço entre memória e história, por isso é algo compartilhado entre as duas disciplinas.

Por fim, na visão de Wulf Kansteiner (2002, pág. 193, tradução minha) “*O fato de que a memória individual não pode ser conceituada e estudada sem recorrer a seus contextos sociais não necessariamente implica o inverso, que é, a memória coletiva pode ser somente imaginada e acessada por via de manifestação no indivíduo*”. A crítica do autor se dá pelo fato de que a memória coletiva não somente pode ser imaginada e acessada por manifestação do indivíduo, como também pode ser acessada por manifestações coletivas e muitas vezes fora do seu contexto social. Por isso o autor sugere uma diferença entre os tipos de memória social, a memória biográfica de um lado e a memória coletiva de outro. Argumenta ainda que pela falta destas diferenciações as pessoas tendem a cometer o grave erro metodológico de perceber e conceituar a memória coletiva exclusivamente em termos psicológicos e de dinâmicas emocionais de lembranças individuais. Afinal o limite entre o individual e o coletivo é comumente cruzado.

No que pontua o futebol o interesse principal é o seu aspecto, interferências, constituição, relações com o local, especificamente com a cidade de Goiânia. Aqui me pergunto, qual a característica local do futebol? Quais são as suas particularidades? Com quem ele dialoga?

Estas questões são os primeiros passos para entender o futebol em Goiânia, as representações sociais⁵ que permeiam o esporte, o espaço que ocupa.

"Nem o tempo nem o espaço podem ter atribuídos significados objetivos sem se levar em conta os processos materiais e que somente pela investigação destes podemos fundamentar de maneira adequada os nossos conceitos daqueles" (HARVEY, pág. 189, 2007). Por isso precisamos primeiro entender os processos materiais e correntes do local pesquisado antes de pensar como se configuram no tempo e espaço, e como se dá o jogo

⁵ Aqui considero representação nas palavras de Moscovici (1978, pág. 25): “*Toda representação é composta de figuras e de expressões socializadas. Conjuntamente, uma representação social é a organização de imagens e linguagem [...] Encarada de modo passivo, ela é compreendida a título de reflexo, na consciência individual ou coletiva, de um projeto, de um feixe de idéias que lhe são exteriores. A analogia com uma fotografia captada e alojada no cérebro é fascinante; a delicadeza de uma representação é, por conseguinte, comparada ao grau de definição e nitidez ótica de uma imagem*”.

simbólico social no âmbito de pesquisa. *"Cada modo distinto de produção ou formação social incorpora um agregado particular de práticas e conceitos do tempo e do espaço"* (HARVEY, pág. 189, 2007). Com isso, cada pesquisa possui suas inferências de espaço, e este espaço pode ser entendido de diferentes maneiras por diferentes grupos no mesmo âmbito; o espaço normalmente tende a estar sempre em grandes conflitos, por isso entender a formação social, associada a diálogos de memória é essencial para se entender e aplicar práticas e conceitos de espaço e tempo.

David Harvey (2007) se preocupa bastante com o sistema de representação dentro de um espaço e tempo, pois se questiona sobre o fato do espaço ser quase pensado como o inverso do tempo nas produções sociais. *"De fato, todo sistema de representação é uma espécie de espacialização que congela automaticamente o fluxo da experiência e, ao fazê-lo, destrói o que se esforça para representar"* (HARVEY, 2007, pág. 191). Pensando que a memória é um sistema de representação, para manter a lembrança em seu estado verossímil com o ocorrido, acabamos por congelar o fluxo da experiência, destruindo o que nos esforçamos para representar porque uma mesma memória pode ter vários significados ao longo da vida. Esses significados podem ser mudados à medida que passamos por novas experiências e conhecimentos simbólicos.

Nas palavras de Harvey, as práticas espaciais e temporais de toda sociedade são abundantes em sutilezas e complexidades – inclusive dentro de uma mesma sociedade, temos diferentes concepções de tempo e espaço em diversas práticas sociais, como será aqui retratado o futebol. Estas concepções são centrais para refletir sobre os processos de reprodução e transformações das relações sociais. Portanto trabalho como esse fluxo de transformações acaba por modificar bastante a forma como lidamos com as atividades do nosso cotidiano *"todo projeto de transformação da sociedade deve apreender a complexa estrutura da transformação das concepções e práticas espaciais e temporais"* (HARVEY, 2007, pág. 201).

Retomando a concepção de memória em relação ao espaço e tempo, a lembrança congelada representa apenas a sua experiência simbólica daquele momento, pois estamos criando um círculo de espaço para algo que está dentro do tempo passado, constituído, e o controle desse espaço é muito complexo. Um exemplo disso é a escrita; estamos congelando em um espaço um fluxo de experiência atual, e para tentar retratar o constante esforço da busca pela representação, os autores de livros lançam constantemente novas edições. David Harvey, a partir da concepção de Lefebvre, situa três dimensões de práticas sociais: práticas espaciais materiais – é o vivido, são fluxos,

pessoas, objetos, infraestrutura, que são percebidas diretamente a partir da convivência; representações do espaço – é o percebido, a forma como lidamos com o espaço, como mensuramos as unidades que estão à nossa volta, localização, espaço pessoal, mapas de ocupação, comunidades; e por fim, espaços de representações – tratado como espaço imaginado, como pensamos que funciona as relações daquele lugar, as ligações daquele lugar com outros, conexões, distâncias, familiaridade, aconchego, estranheza.

A importância de pensar o tempo e espaço a partir destas dimensões: vividas, percebidas e imaginadas associadas à memória é que como pesquisador posso chegar a um determinado local que me é intangível por vários diferentes motivos e mesmo assim capturar o contexto deste local, deste tempo, como era a convivência, quais as representações tanto espacial quanto social; posso perceber a configuração de um tempo-espaço vivido de outrora.

Por isso é bastante importante esse diálogo com as pessoas, obter acesso a esse passado em primeira mão, sem nos remetermos às lembranças congeladas de livros, narrativas lineares; as memórias constituem lembranças que a todo momento produzem novas formas de representação. Permite-me um ponto de apoio e posso retratar como a mudança do tempo alterou o espaço em questão, além de refletir o porquê e de onde vieram tais trocas.

À forma de se pensar essa condição, traço um paralelo com Claude Lévi-Strauss (1997), em sua explicação sobre o mito. O mito é uma narrativa, logo muda de interlocutor para interlocutor, e pode até mesmo mudar com um mesmo interlocutor em épocas diferentes. O importante a ser trabalhado é que cada mito possui uma estrutura, uma base de narração; detalhes são modificados e alguns fatos são adicionados, ao passo que outros são retirados. O mesmo deveria ocorrer com a memória; as nossas lembranças são modificadas a partir do momento em que vivemos, e nos esquecemos de pequenas partes aos poucos, logo adicionamos ou retiramos informações desta lembrança. Afinal, não tem interesse representativo congelar a sua lembrança em um determinado espaço. Por isso o mito está em constante mudança, mas o seu aspecto representativo simbólico, não.

Pensar que a cultura de movimento envolve a relação entre corpo, natureza e cultura por meio de uma lógica recursiva é pensar que as técnicas corporais influenciadas pelo funcionamento orgânico e pelas trocas culturais, ao mesmo tempo em que criam e recriam os jogos, as danças, os esportes, as lutas ou as ginásticas, provocam mudanças tanto no organismo quanto na sociedade em que estão inseridas. Um determinado espetáculo, um poema ou um romance, um ritual, uma

dança, uma peça musical ou teatral, ou até mesmo a narrativa empolgada de uma partida esportiva podem emocionar alguém até as lágrimas, afetando, ainda que por momentos, seu equilíbrio biológico, ou seja, alterando o ritmo e a qualidade da comunicação intraorgânica (BAITELLO JÚNIOR, 1999, pág. 41).

No mito temos as práticas sociais e suas formas de realização, a tal “cultura de movimento” permite inserir nossas maneiras nas práticas sociais, o meu jeito no que é um composto social, é a “criação” da minha memória social, e até mesmo física (como praticante). Assim como o mito, a prática esportiva é mutável. O esporte transforma durante a convivência com a sociedade, recordes são batidos, regras são mudadas, tecnologia é adicionada, e a própria imagem e representação mundial do esporte muda com o passar do tempo no globo, basta revermos as diferenças do aspecto físico e técnico do passar do tempo nas olimpíadas. Portanto vejo que neste momento o esporte e o mito compartilha muitos aspectos, e que apenas detalhes permanecem vivo na memória de cada pessoa, à medida que o esporte segue em frente no imaginário social.

A mudança faz parte do aspecto social e da memória; a constante mudança é que cria novas narrativas de memória coletiva, que reinterpreta e representa as memórias coletivas. Esse constante movimento dentro do esporte - do espaço, tempo e memória - possibilita o futebol a trazer uma visão de constituição social. O esporte está sempre a ponto de nos impressionar, nos tocar emotivamente, afetar o nosso equilíbrio biológico, nossa visão de mundo, nossas paixões, nosso sentimento estético, nossas leituras do que é impressionante, belo, ousado e muitas vezes, acaba por deturpar a nossa visão do que é correto. Essas mudanças de perspectiva atuam diretamente na nossa sociedade, no nosso comportamento, e, dessa forma, quando atingem um grande contingente de pessoas acabam por incorporar à memória coletiva um gosto em comum, pois o futebol incide em várias etapas da nossa vida.

O interesse da pesquisa social na área futebolística é perceber no discurso de memória das pessoas os pontos em comum que caracterizam o que é jogar futebol, o que é o futebol para si mesmo, o que ele representa, participar como jogador ou como observador, sua relação com a cidade, e a partir destes pontos verificar o que muda fora de campo, no ambiente social e familiar, quais representações são tomadas por identidade⁶.

⁶ Por mais que a identidade tenha uma ligação próxima a memória, pretendo manter o termo em aberto visto que a identidade a partir de vias esportivas é problemática e que somente a partir da pesquisa de campo poderíamos entender melhor e reformular a concepção de formação identitária que um esporte pode vir a contribuir. Desta forma, não procuro representar uma identidade de “goianidade” a partir do futebol, mas sim procurar pontos que o futebol contribui para a formação da identidade local.

É importante trabalhar em concepções sociais através das narrativas de memória para pensar, a partir da fundação da cidade de Goiânia, o esporte como um dos principais momentos de reunião das pessoas para uma atividade de lazer, para uma competição, para uma organização esportiva. As memórias de ambas (da cidade e do esporte) coincidem e por isso em certos pontos a narrativa de uma parte também pode constituir momentos da outra. Podemos notar que a memória pode trabalhar com um misto de retomadas tanto da cidade quanto do esporte. Pretendo também pensar certos aspectos de como ocorreu a globalização do futebol na cidade, afinal começaram a surgir os veículos da mídia eletrônica, em que *“indivíduos e grupos buscam anexar o global nas suas próprias práticas modernas”* (APPADURAI, 1996), que coloca em perspectiva o caminho que seguiu o futebol, visto que houve grandes mudanças no esporte, e pensar se de fato ocorreram mudanças consideráveis na tradução para o local.

c. Procedimentos metodológicos

A partir da visão de Walter Benjamin (2007) a contemplação de grandes coisas do passado consiste na verdade de acolhê-las em nosso espaço. Não somos nós que nos transportamos para dentro delas, elas é que adentram a nossa vida. Essa passagem de Benjamin traduz da melhor maneira possível essa trilha pelo tempo que percorre a memória e o futebol. Ambas estão em nosso espaço e de uma forma ou de outra acabam por adentrar as nossas vidas. Utilizando o conceito de Weber (1991) de ação social em que o sentido de cada ação (individual) se dá pelo seu fim, onde “*cada ato parcial realizado no processo opera como fundamento do ato seguinte, até completar-se a sequência*” (COHN, 1997, pág. 27), ações que moldam o futebol sempre possuem um interesse por trás ou uma expectativa em longo prazo, que decorridas no tempo se tornam memórias, registro de decisões, de riscos, de ações importantes para entender o espaço que o futebol toma em nosso tempo.

Essas relações podem ser visualizadas a partir do campo futebolístico. Os estudos de Bourdieu (2010) relatam que o poder dos atores envolvidos no seu conceito de campo não é independente de sua posição no mesmo e que esta se dá pelo seu pertencimento ao campo, no lugar particular que ocupa.

Compreender a gênese social de um campo e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidas (BOURDIEU, 1998, pág. 69).

Saber de onde vem o discurso é determinante para entender o processo atual do futebol; as narrativas de memória vão apresentar fatos e escolhas que levaram aos acontecimentos mais importantes do futebol goiano, e o posicionamento do discurso é importante para entender a sua reverberação no campo. “*Os indivíduos são considerados agentes movidos por um propósito engajados em projetos que absorvem tempo através do movimento no espaço*” (HARVEY, 2007, pág. 195). A mudança conduzida no campo é o tempo utilizado a partir de movimentações no espaço (trabalho, decisões políticas, mudanças profundas, globalização). “*Bourdieu sugere que é através da relação dialética entre o corpo e uma organização estruturada do espaço e do tempo que as práticas e representações comuns são determinadas*” (HARVEY, 2007, pág. 198). No diálogo desses autores fica claro a necessidade de entender o corpo social

(e físico), associado ao tempo e espaço para se chegar ao fim que é a representação a partir das memórias narradas. Por isso diferentes atores sociais, que terão variadas correlações de espaço e tempo, provavelmente vão produzir diferentes narrativas e representações, fomentando a sua perspectiva. Integrado à perspectiva geral (considerando vários atores diferentes), esse posicionamento chegará a uma composição do campo futebolístico local, ou ao menos de suas redes de relações sociais.

As grandes mudanças advindas da modernidade se dão quando "*quem define as práticas materiais, as formas e os sentidos do dinheiro, do tempo ou do espaço fixa certas regras básicas do jogo social*" (HARVEY, 2007, pág. 207). Essas regras básicas do jogo social são alteradas no momento da globalização, inicialmente a nível global e posteriormente local, afinal o tempo e o espaço tomam diferentes dimensões; a partir de uma pequena metáfora podemos considerar que em Goiânia antes da década de 1990, em até certo ponto o "*espaço e tempo coincidem amplamente na medida em que as dimensões espaciais da vida social, são, para a maioria da população, e para quase todos os efeitos, dominados pela "presença" – por atividade localizadas*" (GIDDENS, 1991, pág. 22). E assim funcionou o futebol localmente por muitas décadas como demonstrarei adiante: uma atividade caracterizada pelo encontro, pela personalidade, pela consideração do espaço como cenário físico geográfico da atividade social; a reunião presencial era essencial no funcionamento do futebol local.

A chegada da modernidade e das próprias mudanças que ocorrem na cidade, com o passar do tempo e de gestões governamentais, trouxe uma grande mudança nessa perspectiva "*O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros "ausentes", localmente distantes de qualquer situação dada [...], o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico*" (GIDDENS, 1991, pág. 22). A popularização dos equipamentos eletrônicos, dispositivos móveis, internet e até mesmo a expansão agressiva do futebol em vários caminhos diferentes (o esporte em si, mídia, *merchandising*, competições) permite que pessoas ausentes desses espaços geográficos anteriormente utilizados como contexto social do futebol local possam participar e até mesmo criar novos espaços sociais que até então seriam intangíveis. Giddens trata o local como fantasmagórico na concepção de que elementos não vistos passam a fazer parte daquele contexto social, elementos que surgem de cunhos espaciais distantes passam a habitar o espaço local. O que estrutura o local não está em cena, formas distantes passam a participar deste novo espaço.

Com isso as práticas materiais e sentidos do dinheiro se alteram drasticamente, até mesmo pela forma como a modernidade retraça o uso do espaço no dinheiro. Também se perde a necessidade de encontro presencial para o comércio. A nova forma do dinheiro cobrir grandes distâncias através do cartão de crédito, transferências monetárias (a um ponto que o dinheiro passa a ser em parte, números na tela do computador) perpetua uma nova concepção de futebol fora de campo (GIDDENS, 1991); este é um fator central para entender o ponto de transformação para o futebol moderno.

A globalização chega em diferentes vias e formas em cada local (isso quando chega). Nem sempre as atividades no meio esportivo mudam por via do dinheiro, apesar de que o mesmo impulsiona muitas dessas relações; não é diferente em Goiânia. O foco da pesquisa foi o futebol de rua, passando pelo futebol amador e semiprofissional; entretanto a pesquisa mostrou que mais se mudou no ambiente futebolístico com novas formas de espaço e relações sociais, do que com a chegada do dinheiro e seus usos e variantes, algo que poderia ser elusivo, diferente se a pesquisa seguisse o ambiente profissional.

Para chegar a este ponto, utilizei a pesquisa etnográfica, para buscar no próprio contexto social, os elementos que são importantes para a manutenção daquele campo social, a forma como o espaço foi usado, e suas recentes alterações, até os novos usos na atualidade. A etnografia propõe um encontro muito próximo do espaço e até certo ponto do tempo neste caso específico. A palavra dos interlocutores, é um resgate de momentos e lembranças vividas naquele momento. É a forma como podemos alcançar também um espaço intangível, não através de tecnologias e meios que a globalização nos trouxe, mas pela troca de experiências e lembranças.

O fazer e o saber etnográfico são as ferramentas mais importantes de um antropólogo, pois comportam técnicas essenciais na percepção de fenômenos sociais que são trabalhados a partir da teoria proposta. A pesquisa é o caminho que pretendemos trilhar e o percurso é a teoria, sabendo que existem vários percursos em um mesmo objeto de pesquisa. A escrita é a espinha dorsal do andar, é a forma que tratamos as mudanças de paisagens, pessoas, cheiro, tato, som. Todo este conjunto de sensações compostas é retratado na escrita (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1988). O método etnográfico é toda a aventura desta caminhada.

E é justamente ao compreender o que é a etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, é que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento [...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma "descrição densa" (GEERTZ, 1973, pág. 4).

Esta “descrição densa” pode ser entendida nas palavras do pioneiro no assunto Bronislaw Malinowski que considera:

Na Etnografia, o autor é, simultaneamente, o seu próprio cronista e historiador; e embora as suas fontes sejam, sem dúvida, facilmente acessíveis, elas são também altamente dúbias e complexas; não estão materializadas em documentos fixos e concretos, mas sim no comportamento e na memória dos homens vivos (MALINOWSKI, 1978, pág. 19).

O antropólogo deve treinar bastante os seus sentidos para aperfeiçoar as técnicas que existem no processo de etnografia; todos os sentidos tomam composições que podem ser revertidas em informações valiosas. A etnografia não consiste somente na observação participante, o convívio prolongado com os grupos pesquisados (VELHO, 1980), mas todo o aparato mencionado de pesquisar por longos períodos, as teorias envolvidas, apreender e aperfeiçoar as técnicas empregadas da etnografia, ir a este campo, fazer os diários, enfrentar as problemáticas diárias que o desafio oferece (muitas delas inesperadas); dialogar com as pessoas, observar seus movimentos, utilizar os sentidos e percepções, e depois analisar se os dados obtidos se enquadram na teoria; e então começa o processo de escrever e de mudanças em certos aspectos em relação ao projeto original.

O próprio processo de escrever possui seus contratempos. Nem sempre o antropólogo pode publicar tudo o que vê; os dados mesmo que qualitativos são sensíveis aos interlocutores e diferem em vários graus de importância pessoal ou de um determinado campo, sistema, etc. Portanto nem mesmo dados que seriam essenciais para determinada linha de pesquisa podem ser publicados e analisados. Muitas vezes são acontecimentos únicos, que não se repetem mais, e por isso não trazem uma reprodução integrante do sistema social. O que é estudado precisa ser coerente e seguir essa linha do início ao fim. O próprio pesquisador não pode ser um inconveniente para o grupo em que pesquisa durante a escrita de seu texto (WEBER, 2009). Deste modo, o antropólogo pode se ver no meio de problemáticas quando pesquisa sociedades ou

grupos em conflitos, afinal ele passa a ser um agente no campo que representa algum tipo de papel, "*Mas o texto final do antropólogo pode vir a fornecer manancial teórico e prático para as lutas específicas que os grupos estudados travam na sociedade, sem que o antropólogo seja [...] o representante do grupo que estuda.*" (ZALUAR, 1986, pág. 116).

A etnografia, por ser um trabalho de cunho complexo, possui alternâncias em cada um dos cenários na qual é aplicada; não possui uma receita específica que se aplica a todas as composições de pesquisa. Portanto devo adotar a vertente de antropologia urbana para obter as ferramentas necessárias para construir uma etnografia na cidade.

A concepção de que os antropólogos possuíam objetos de pesquisa dentro da cidade começou a ser pensada e trabalhada na Escola de Chicago (Estados Unidos) da década de quarenta (WHYTE, 2005). Num primeiro momento, o objeto antropológico se passava como um problema social a ser resolvido, normalmente relacionado a bairros pobres e de baixa infraestrutura municipal. Porém à medida que as pesquisas foram ocorrendo, começaram a tratar estes locais como um espaço social organizado; o local trazia realidades muito mais profundas do que um simples problema social que precisava ser resolvido.

Até a década de sessenta pouco foi desenvolvido na etnografia urbana; quando se resgatam o fazer etnográfico na cidade:

A etnicidade e a pobreza foram redescobertas, cada vez mais frequentemente eram tratados como "problemas urbanos". Na Europa, durante o mesmo período, migração de trabalho internacional, e em uma menor extensão, um afluxo de refugiados de tensões políticas, estavam mudando as características de muitas cidades [...] A relevância da antropologia encontra-se também em seu potencial, muitas vezes não percebido, de fazer as pessoas refletirem sobre a variabilidade da condição humana e sobre sua própria situação particular [...] antropologia urbana é o instrumento pelo qual os moradores da cidade podem pensar em novas perspectivas sobre o que acontece ao seu redor (HANNERZ, 1980, pág. 1; 7, tradução minha).

Portanto houve uma grande mudança de concepção até mesmo dentro da antropologia, que passou a enxergar mudanças no contexto social que forçavam uma mudança dentro de sua própria estrutura epistemológica, percebendo a cidade como um novo campo de pesquisa social; qualquer lugar contextualizado que tenha agência e pensamento humano se torna um objeto da antropologia. O futebol como objeto de pesquisa se caracteriza como uma nova perspectiva para pensar a cidade, pois mesmo de

forma indireta o esporte pode acabar por influir sua situação particular; estamos compartilhando do mesmo espaço geográfico na cidade e estamos sujeitos a ações externas que não controlamos, e o futebol é um grande representante social no Brasil.

O grande desafio de se pesquisar na cidade reside na diferença entre as pessoas que estão dividindo esse espaço geográfico, essa variabilidade da condição humana tão próxima uma da outra, em um sistema econômico, político e social totalmente voltado à vida particular de cada um, à individualidade. E a partir dessa conjuntura podemos pensar a antropologia urbana: “*Pois a consciência que é promovida de qualquer estilo de vida como uma dentro de um número quase infinito de alternativas, pode contribuir para a exorcização do que é familiar; sua estranheza recém-adquirida pode, então, tornar possível o pensamento fresco e incisivo*” (HANNERZ, 1980, pág. 8, tradução minha). A partir de tantas alternativas possíveis que podemos encontrar quando pesquisamos na cidade, não podemos esperar encontrar o familiar, pois as vidas são construídas de formas tão diferentes, caminhos tão separados e essa percepção é central para que a etnografia alcance a subjetividade necessária para construir o aparato de relações sociais que se dão dentro do contexto urbano. Portanto:

Familiaridade e a proximidade física não são sinônimos de conhecimento, assim como viajar milhares de quilômetros não nos torna livres de nossa socialização com seus estereótipos e preconceitos [...] Ora, o ponto que enfatizei em “observando o familiar” é que dentro de nossa própria sociedade existe, constantemente, esta experiência de estranhamento [...] Isto fica particularmente nítido quando fazemos pesquisa em grandes cidades e metrópoles onde a heterogeneidade provinda da divisão social do trabalho, a complexidade institucional e a coexistência de numerosas tradições culturais expressam-se em visões de mundo diferenciadas e até contraditórias. Sob uma perspectiva mais tradicional, poder-se-ia mesmo dizer que é exatamente isto que permite ao antropólogo realizar investigações na sua própria cidade (VELHO, 1980, pág. 15).

Goiânia, que foi fundada em 1933, é uma capital nova pelos padrões atuais, e em menos de 10 anos já possuía quatro clubes representantes fundados: Atlético Clube Goianiense (1937), Goiânia Esporte Clube (1938), Goiás Esporte Clube (1943), Vila Nova Futebol Clube (1943). Então estava claro que as pessoas trouxeram a prática do esporte para a nova cidade. Para facilitar a organização do pensamento e caracterizar o período histórico no qual se encontra cada narrativa, os períodos foram assim separados: 1943 (o início), os anos 70 e 80, e por fim o período de globalização que é da década de 90 até a atualidade.

Considero como foco da pesquisa o período de 1960 e 1980, mas ainda será de grande importância caracterizar os outros períodos como base nesse segmento de diálogo entre futebol e cidade. Dessa forma o público alvo de minha pesquisa foi formado por pessoas da geração anterior a minha, apesar de buscar gerações ainda mais anteriores para conseguir formar a base de interlocução entre tempo, espaço e futebol.

Acerca de todas essas considerações sobre etnografia, realizei a pesquisa com agentes específicos no campo, em maior parte e em certa medida, nos centros de treinamento dos clubes⁷, estádios, bairros com representação histórica para o futebol; observei o trabalho diário das pessoas envolvidas no futebol, como elas lidam, reconhecem, representam. Entrevistei⁸ ex-jogadores, dirigentes, pessoas que estão envolvidas com o esporte há muitos anos, aposentados que trabalharam nessa conjuntura.

Alan, que sempre foi uma pessoa próxima, se encaixava no perfil que buscava de interlocutores; morou no bairro de Campinas, com um grande interesse em futebol e torcedor apaixonado do Atlético Goianiense; quando jovem frequentava bastante o estádio junto da família, então foi a primeira pessoa a quem recorri. Após várias conversas sobre a pesquisa, o que eu buscava encontrar, a metodologia, ele organizou um encontro com Edson e Neto. Ambos quase chegaram à carreira profissional mas optaram pelo “trabalho convencional”. Conversando com Edson, ele me indicou Sérgio pois era o tipo de pessoa que buscava na pesquisa, ex-jogador que dedicou toda a sua vida ao futebol, organizando e encabeçando vários eventos do futebol amador e semiprofissional pela cidade e até agindo em certos momentos como olheiro e facilitador (além de outras dezenas de papéis que existem nos meandros do futebol).

Sérgio de fato foi essencial para a pesquisa, passou boa parte da vida em Goiânia, desde sua juventude no Setor Ferroviário até a organização de eventos e encontros futebolísticos pela cidade na atualidade; me contou várias histórias de sua vida e mostrou o quanto os clubes foram importantes para disseminar as relações do futebol pela cidade. Sérgio organizou um encontro futebolístico em um sábado no clube da Saneago e me apresentou vários ex-jogadores, empresários, entusiastas e a partir daí encontrei pessoas que me contaram suas experiências e histórias e deram vida a este trabalho.

⁷ Não pretendo trabalhar com a historiografia dos clubes de futebol de Goiânia, mas sim o impacto que eles trouxeram para pensar o futebol e a cidade. Logo, seus espaços físicos se tornam um local para se obter dados de pesquisa.

⁸ Para mais informações sobre os interlocutores, ver Anexo.

A pesquisa etnográfica não separa pessoas que detêm informações valiosas, então todas as pessoas envolvidas em diversos posicionamentos no campo futebolístico fizeram parte dessa pesquisa, através de entrevistas abertas. Considerando que o trabalho de campo é na cidade, o que tornou o acesso até certo ponto mais próximo, realizei a observação participante por quatro meses, utilizando as técnicas de diários de campo, gravações de *insight*. Caracterizei referências de espaços que se perderam e novas referências, por isso considero locais já extintos onde as pessoas se encontravam e assistiam jogos, bairros ou locais que passaram a se conectar de forma mais próxima com o futebol.

Acessei arquivos de pessoas, dos clubes e de jornais que trouxeram luz a situações e acontecimentos da temática que constituíram referências na construção da pesquisa; "*é preciso conceber os conhecimentos que compõem os arquivos como um sistema de enunciados, verdades parciais, interpretações históricas e culturalmente constituídas — sujeitas à leitura e novas interpretações*" (FOUCAULT, 1986, pág. 149). Temos que colocar no contexto social e simbólico, quem mantém este arquivo, quais interesses de grupos sociais e instituições estão depositados neste local; perceber a própria montagem da história que estes possíveis arquivos querem demonstrar de seus clubes e suas histórias.

Existem alguns temas “delicados”⁹ no futebol que apesar de serem importantes e relevantes na pesquisa social, aumentariam e abririam bastante o campo de pesquisa, o que não é o meu interesse atual; alguns desses fatores se tornaram recorrentes e parte essencial durante o processo de pesquisa; eles tomaram seu espaço na explicação teórica do tema com relação ao contexto; faz parte do fazer etnográfico estar atento a elementos do campo que surgem, mesmo sem anúncio anterior e que podem acabar por influenciar e mudar totalmente a proposta inicial de pesquisa e isso ocorreu em vários momentos da pesquisa.

Por fim, considero o impacto que a globalização trouxe ao futebol local a partir dos anos 1990, afinal muda bastante esse cenário: "*Por causa da absoluta multiplicidade das formas nas quais elas aparecem (cinema, televisão, computadores e telefones) e por causa do jeito rápido no qual eles se movem durante as rotinas da vida diária, mídias eletrônicas provém recursos para se imaginar todos os dias como projeto*

⁹ Temas delicados como preconceito racial e abertura de times para jogadores negros, gênero e sexualidade, o papel dos dirigentes em disputas políticas, mídia de massa, indústria de massa, migração no futebol, ditadura.

social” (APPADURAI, 1996, pág. 4, tradução minha). Considero esse ponto não como mídia de massa, mas como vetor da globalização no futebol.

A partir da globalização do futebol e dos avanços da mídia no futebol local, uma "nova ordem cultural e econômica" passou a transitar e se estabelecer no futebol local. "Horas iguais" na cidade, comenta Landes (1983), "anunciavam a vitória de uma nova ordem cultural e econômica". Esses fatores levam a marcação de jogos em horários que são mais propícios para se assistir em casa, do que no estádio por exemplo. Chega ao cúmulo de o futebol global se tornar mais acessível que o local. Caso você não vá ao estádio assistir aos jogos, é mais barato assistir ao campeonato europeu de futebol do que o próprio campeonato brasileiro, se você acompanha somente algum dos clubes goianienses por via de televisão a cabo (comparando o preço da assinatura de canais que transmitem campeonatos estrangeiros e o preço da assinatura do *pay-per-view* do campeonato brasileiro). Como esta relação influencia o futebol local?

Todas essas perguntas e inquietações advêm da busca pela relação entre a cidade de Goiânia e o futebol, e é buscando através das narrativas de memória que retomo essas memórias coletivas, pensando uma aplicação teórica social para conseguir responder a maioria dessas questões; também procuro explicar o ponto de contribuição que o futebol teve para a cidade de Goiânia, e como o futebol definiu certos pontos e aspectos da paisagem da cidade e suas representações locais.

Essas representações locais foram o primeiro ponto que mudou bastante quando entrei na pesquisa de campo pela primeira vez. Esperava verificar o quanto os quatro grandes clubes da cidade foram importantes para fomentar o esporte a nível local; que esses foram os precursores e símbolos no desenvolvimento social e esportivo local. Existe sim um ponto de importância no porte e representação destes clubes na época, mas não eram de fato os maiores representantes do esporte em si na cidade de Goiânia. As informações pela memória dos interlocutores da pesquisa me apontavam outro local como o mais recheado de representações para a sociedade e para o esporte naquele momento: as várzeas e os times amadores e semiprofissionais.

Eram nos locais onde haviam jogos de várzea e clubes onde se reuniam os times amadores e semiprofissionais que o futebol estava sendo caracterizado e “construído” e esta concepção permaneceu constante na narrativa dos interlocutores até a chegada da globalização no final dos anos 1980. Este foi um ponto de ruptura e transição no qual o futebol funcionava de uma maneira e passou a se comportar e ser percebido de outra. Em alguns pontos o funcionamento permanece similar, já em outros, completamente

diferente e esses pontos serão tratados adiantes para percebermos os rumos que o futebol tomou em um período de meio século.

Em um primeiro momento, quando pesquisei em alguns centros de treinamentos, via pontos muito próximos nas falas de cada interlocutor e no momento em que cruzava essas informações com notícias mais antigas, com as informações contidas no site oficial de cada clube, fui percebendo que os clubes, quando narravam o seu ponto de vista do futebol, estavam mais interessados em trabalhar a sua imagem, a sua história, o seu ponto de vista, do que a relação destes com a sociedade, as trocas de convivência e relacionamento com as pessoas que faziam o clube ser o que era. Ficava até mesmo claro em alguns pontos que a proximidade que os grandes clubes faziam com a sociedade em certas ocasiões estavam ligadas a trocas políticas, ou desenvolvimento e melhoria da imagem do clube junto à população. A questão era que a conexão nunca parecia ser feita sem um fim específico, sem um interesse por trás, era tudo muito empresarial e mecânico.

Os próprios merchandising históricos que os clubes distribuem como os DVDs, filmes, revistas, entrevistas são direcionadas ao momento em que o clube se superou dentro dos campos e como essa superação dentro dos campos se dava apenas porque houve uma superação política por trás que possibilitou o clube a chegar a tal sucesso. A ufania para o clube era tão grande que me lembrou do filme da FIFA¹⁰, com o título de “United Passions” de 2014 que narra de forma “gloriosa” a caminhada da formação da FIFA, justamente no momento em que Joseph Blatter (presidente da FIFA naquele momento) e João Havelange (ex-presidente da FIFA) estavam sendo investigados por escândalos de corrupção. Este momento conota perfeitamente a divergências das divulgações oficiais em relação à realidade. Esse foi o segundo grande ponto de mudança que a pesquisa de campo trouxe, e definitivamente tive que mudar a minha tática inicial.

Não queria uma história montada, contada, escrita com o maior cuidado possível para demonstrar a imagem de valor de cada um dos grandes clubes locais. Queria a história do momento social do futebol, a contribuição do esporte para a sociedade, e a contribuição da sociedade para o esporte; busquei este diálogo para demonstrar que o futebol vai muito além de um jogo e o quanto um esporte (qualquer que seja) pode ser representativo para um povo e como ele pode alternar a percepção da realidade de

¹⁰ Fédération Internationale de Football Association, sediada na Suíça, é a “entidade máxima” do futebol, a instituição que organiza e regula o futebol, o futsal e o futebol de praia no mundo.

pessoas que estão associadas a este, e de certa forma participar da realidade de pessoas que nem ao menos gostam do esporte.

Para esta pesquisa não consegui muitas informações de utilidade específica e dados (tanto quantitativos como qualitativos) para trabalhar com indicativos junto a Federação Goiana de Futebol. Seu site, apesar de conter muitas informações, atualizações constantes e informativos de jogos locais, possui documentação somente a partir de 2008, em sua maioria documentações regulamentadoras para o funcionamento da própria organização. Os indicadores que encontrei não são relevantes para essa pesquisa em específico pois são muito recentes. Nas vezes em que procurei visitar para procurar um acervo mais antigo fui mal atendido e não consegui praticamente nada da documentação mais antiga deles, impossibilitando de tratar com dados específicos para trazer uma abordagem mais pragmática ao que está sendo analisado. Este foi o terceiro ponto que mudou o caminho da pesquisa inicial; usar dados tende a dar uma dimensão melhor do que é abordado e até mesmo estes tendem a nos chocar quando vêm a partir de concepções inesperadas. Infelizmente todos os dados oferecidos são de cunho muito específico e travados para as informações do futebol dentro de campo.

De toda forma, foi nos interlocutores específicos que percebi o quanto estava sendo construído para o futebol nos clubes e várzeas pela a cidade. Naquelas locações estavam ocorrendo a sociabilidade do futebol e através da memória consegui chegar a ideias e concepções que não eram construídas sistematicamente, mas que foram vividas, sentidas e percebidas. A vida dessas pessoas estava conectada ao futebol desde a infância até os dias atuais (na maioria dos interlocutores) e estes me trouxeram a perspectiva da passagem do tempo não somente para eles, mas para o futebol; em certos momentos ambos eram a mesma coisa. Conseguiram se situar em diferentes momentos de suas vidas por acontecimentos importantes que ocorreram no futebol, em nível pessoal, local ou nacional. Lembravam-se de antigas datas pelo simples fato de algum time ter sido campeão naquele momento, de um jogador ter feito uma bela jogada em determinado jogo. São ações que ocorreram e permaneceram vivas na memória de cada uma dessas pessoas.

No período de trabalho de campo, fui muito bem recebido nos clubes, empresas e casas para as quais fui convidado. As pessoas adoram discutir sobre futebol, ainda mais sobre experiências próprias de um tempo em que o esporte era retratado de uma forma tão diferente. Essas pessoas viveram essas mudanças e possuem opiniões pessoais sobre as grandes transformações ocorridas no futebol neste período.

De um total de 25 pessoas entrevistadas (como apontado no comitê de ética), 36% eram pessoas que chegaram ao futebol no nível profissional e já estavam aposentados, ex-jogadores profissionais; todas elas jogaram em pelo menos um dos grandes times de Goiânia. A maioria dessas pessoas, encontrei nos clubes durante os eventos de reunião de ex-jogadores, famílias e interessados. Algumas trabalhavam nos clubes que visitei, com diversos papéis como professores, coordenadores, etc. Inclusive, Sérgio que foi um interlocutor muito especial e primário nesta pesquisa se encaixa neste grupo. Ele foi responsável por abrir muitas portas para encontrar novos interlocutores e foi essencial para me dar o panorama geral do futebol através dos tempos. E num evento específico de encontro ele foi a engrenagem principal para tudo funcionar e acontecer. Foi uma pessoa que viveu toda a vida pelo futebol e não pensa em se aposentar tão cedo enquanto tiver bola para rolar e pessoas para (re)encontrar.

O outro grupo, que conta com 24% são de pessoas que jogaram futebol a um nível amador e/ou semiprofissional, mas devido à necessidade de sustentar a família, trabalhar e estudar, trabalho pesado, ou até mesmo mudança de cidade precisaram abandonar a carreira futebolística. São pessoas que me fizeram enxergar a importância do futebol de várzea e de clubes para a criação de encontros sociais. Estas pessoas fazem parte dos meus primeiros interlocutores e desconstruíram a concepção inicial de meu projeto de pesquisa.

Muitos chegaram a jogar nos times juniores dos grandes times, mas atestam que o futebol que existe no time, com intuito profissional em muitas capacidades se diverge do futebol praticado em várzeas e clubes pela cidade. A memória destas pessoas revelava o sonho de se tornarem jogadores quando jovens. Apesar de todas as circunstâncias de vida e condições de trabalho naquela época, a paixão nunca deixou de existir, portanto participavam das reuniões de futebol em clubes locais e participavam de campeonatos amadores e semiprofissionais apenas pelo gosto, pela diversão, pela reunião, pela competição. Estas pessoas continuavam jogando futebol desde os 20 anos até aos 60 anos. Mostraram várias fotos de pré-partida, de troféus e histórias de como ocorreram esses eventos. São pessoas que possuem uma memória bem separada entre as partes da vida com futebol e sem futebol.

O terceiro grupo de pessoas que participaram da pesquisa foram os trabalhadores dos grandes clubes; estes compõem 16% do total de interlocutores. Procurei essas pessoas na intenção de insistir com a proposta que tinha realizado no início do projeto de pesquisa, de demonstrar essa correlação entre futebol e contexto social associado aos

grandes clubes da cidade de Goiânia, e foi nessas pessoas que percebi que realmente precisava mudar o foco da pesquisa; eles me deram essa certeza (como foi abordado anteriormente sobre uma construção minuciosa da história e representação de cada clube). As relações que eles me retrataram entre o grande clube, seus dirigentes, sua filosofia de trabalho com os jogadores, com as crianças e jovens que ali jogavam parecia de certa forma mecânica e muito “travada”. A busca de proponentes de memória estava sempre ligada a algum grande evento do clube, que se tornava maior do que as pessoas que faziam o clube crescer ou até mesmo diminuir. A própria relação com os jovens foi tardia visto que as chamadas escolinhas de futebol surgiram apenas na década de 1980.

Também com 16%, o outro grupo que compôs parte da pesquisa foram as mulheres que participaram desse ciclo de grupos sociais em clubes. Elas foram essenciais para posicionar o espaço da mulher neste contexto e também demonstrar a ambientação familiar que existia nessas reuniões (e a maneira como é aplicada atualmente) e como se davam as relações, além da progressiva mudança que houve tanto na forma como a mulher é vista na sociedade, como num campo predominantemente (até então) de homens. Mulheres desde sempre também tiveram interesse em se ingressar no esporte e por muitas variantes sempre acabavam tangidas em diferentes formas; entretanto encontraram uma forma de inserir e criar um espaço para elas nesse campo que era tão exclusivo e essa abertura foi essencial para trazer as próximas gerações mais próximas do futebol, independente do sexo.

Por fim, apenas 8% dos interlocutores são pessoas que nunca foram jogadores, nunca participaram de nenhum clube amador, semiprofissional ou profissional. Todavia possuem relações interessantes com o passado e os grandes clubes da cidade e os bairros da cidade. Alan participa deste grupo e ele foi essencial para me inserir no trabalho de campo. Morador do bairro de Campinas (bairro mais antigo que a própria cidade de Goiânia), me mostrou como o bairro e o Atlético dialogavam naquele espaço da cidade e moviam centenas de famílias para assistir aos jogos semanalmente em clima de festa, e em certa parte como funcionava o futebol de várzea de forma mais regrada pela família. Nunca deixou de acompanhar o Atlético Goianiense e todos os finais de semana acompanha o clube pela televisão, rádio e (atualmente) pelo celular.

Essas pessoas me demonstraram que não necessariamente você precisa dedicar parte da sua vida ao futebol para que este acabe inserido em sua vida. Provavelmente Alan se tivesse nascido em outro bairro poderia ter uma história de vida bastante

diferente e menos relacionada com o futebol. Sua memória retoma o quanto um clube de representatividade influencia as áreas da cidade que estão no entorno de seu estádio ou centro de treinamento.

Durante o meu tempo de trabalho de campo, muitas foram as histórias circundando os encontros em clubes que essas pessoas comumente faziam e que será discorrido adiante e tive a oportunidade de participar em dois dos encontros atuais, um que foi no Clube da Saneago¹¹ e outro que foi no Clube Oásis; nesses dois momentos pude me encontrar com vários ex-jogadores e dirigentes que apesar de não mais exercerem funções ligadas ao futebol, ainda estavam próximos dos encontros por fazerem parte da sua história, para rever velhos amigos e terem um momento de lazer junto à família. Esses encontros possuem um caráter chave para entender a dinâmica do funcionamento do futebol local.

¹¹ A SANEAMENTO DE GOIÁS S.A. – SANEAGO tem por objetivo social explorar serviços de saneamento básico no Estado de Goiás, mediante concessões, permissões ou autorizações; realizar pesquisa, lavra e comercialização de bens minerais, correlacionados com saneamento básico; fomentar e proteger o meio ambiente nos limites da legislação própria, mediante convênio e/ou colaboração com outros órgãos, e prestar serviços técnicos especializados de saneamento básico - Fonte: Estatuto da Saneago: <http://www.saneago.com.br/2016/arquivos/estatuto.pdf>

d. Cidade, futebol e memória

O Futebol no Brasil por muito tempo foi considerado apenas um momento de lazer, que às vezes desviava as pessoas de suas prioridades (que era o trabalho). Passou por um processo de estigma, no qual os jogadores eram reduzidos a vários termos pejorativos; esse processo mudou à medida que o esporte cresceu globalmente. O reforço do esporte como uma carreira de sucesso e fama se tornou evidente e ganhou proporções gigantescas pela globalização, tornando possível acompanhar todo o futebol mundial a partir da televisão, rádio e internet.

Mas como se deu esse processo localmente? Goiânia apesar de ser uma cidade formada no discurso de modernidade, não é uma cidade global¹². Reconheço que aspectos massivos da globalização já fazem parte da cidade, ainda mais no que diz respeito a objetos eletrônicos e acesso a informação. Entretanto no que diz respeito a formação do futebol, suas representações simbólicas, políticas e financeiras, esse é um processo totalmente diferente, e cabe aqui uma pesquisa para se pensar as diferenças que surgiram, e se elas foram preponderantes na constituição do futebol local. Será necessário pensar essa transformação do “antigo” (“artesanal”) formato de futebol para este “novo” (“massivo”), e se de fato essas diferenciações que vemos acontecer no global se tornam realidades localmente.

A historiografia da fundação da cidade de Goiânia e dos clubes de futebol segue uma relativa proximidade; Goiânia foi fundada no dia 24 de outubro de 1933, e apenas dez anos depois (1943) quatro clubes já haviam sido fundados: Atlético Clube Goianiense (1937), Goiânia Esporte Clube (oficialmente em 1938, mas algumas publicações apontam para 1936), Goiás Esporte Clube (1943), Vila Nova Futebol Clube (1943) (sem considerar os times amadores e semiprofissionais que existiram durante esta época). Isso demonstra que o futebol teve sua relevância como construto social e simbólico na cidade. A partir desse ponto procuro pesquisar o futebol enquanto prática social, considerando o tempo com base nos estudos de memória e o espaço segundo a cidade de Goiânia.

¹² De acordo com Ferreira (2003): “a maneira como a autora (Saskia Sassen, 1991) transfere o conceito da “cidade global” para outras metrópoles do planeta parece, pelo menos no caso de São Paulo, um pouco superficial (...) as classificações de diferentes autores variam, São Paulo podendo aparecer como uma cidade global “de segunda ordem”, “secundária”, “relevante”, “primária no sub-grupo das cidades semi-periféricas”” (Págs. 25, 26). Ferreira chega à conclusão de que São Paulo merece e está no patamar de cidade global pelo acompanhamento das transformações na economia mundial (formação de um sistema econômico globalmente integrado) e vários outros fatores. Goiânia, no entanto, não está nesse patamar.

Apesar do presente trabalho não focar nesses grandes clubes, como já apontado, entendo a importância de cada um para alavancar a prática em nível profissional como uma oportunidade de lazer e de produção de espetáculo para a população local. Além de criar representações para as torcidas e bairros envolvidos, criando uma espécie de divisão das populações locais sob as quatro bandeiras dos times da cidade.

Como de praxe no futebol, as separações de torcidas se dão de acordo com as estratificações sociais de seus torcedores, basicamente seguem a partir do senso comum a condição socioeconômica dos torcedores e traçam um comparativo para generalizar a torcida de outro time com a finalidade de classificar os times localmente e também poder contar vantagens ou até mesmo tirar sarro do torcedor adversário.

O Atlético Clube Goiâniense, possui a imagem de time “pacífico” cuja torcida é composta apenas de pessoas velhas (afinal o atual “bairro” de Campinas é mais antigo do que a cidade de Goiânia) e crianças, pois o clube ressurgiu com força total no início dos anos 2000. Antigamente, o Goiânia Esporte Clube era o maior rival do Atlético, ambos tinham o chamado “clássico vovô” em alusão aos clubes serem os mais velhos da cidade; o Goiânia era do centro da cidade e com a “falência” nos anos 1990 apenas permaneceram fieis os torcedores que viram o clube no seu melhor momento. Junto do desmantelamento do time veio a demolição do seu estádio (Estádio Olímpico, que fora construído em 1941), local que ficou embargado e em obras por décadas até que foi declarado pela prefeitura de Goiás que neste ano de 2016 ele seria reinaugurado¹³.

O Goiás Esporte Clube surgiu de pessoas, que assim como o Goiânia, possuíam um elevado status socioeconômico, mas com a característica de torcedores mais jovens. Atualmente o Goiás mantém essa característica de clube “elitizado”; em 1960 os dirigentes do clube compraram uma área de uma fazenda que viria a ser o centro de treinamento e estádio Hailé Pinheiro. E o seu maior rival, o Vila Nova Futebol Clube foi fundado no bairro homônimo ao clube. Foi por muito tempo o clube das massas operárias que moravam no próprio bairro Vila Nova e sempre manteve esse perfil de clube das massas.

A rivalidade entre Goiás e Vila é muito forte, e também muito violenta, são constantes os casos de violência no estádio a cada clássico. Tal qual às generalizações dos torcedores de cada lado, os esmeraldinos são os *playboys* “filhos de papai” e torcedores “modinha”; os torcedores do Vila normalmente são classificadas como de

¹³ Link: <http://globoesporte.globo.com/go/noticia/2016/08/jogo-festivo-marca-reabertura-do-olimpico-de-goiania-apos-10-anos.html>

baixa estratificação social e até mesmo são chamadas de bandido, ladrão, malandro independente da condição real e individual de cada um.

Para elucidar a forma como as pessoas percebem o futebol e os acontecimentos cotidianos, me lembro da história de Alan que é atleticano e trabalha com Edson (Vilanovense) e Neto (Alviverde):

A secretária tinha presenteado cada um de nós com um quadro dos nossos clubes de coração, para colocarmos nos nossos escritórios. Certa vez um ladrão invadiu o meu local de trabalho, o ladrão durante o assalto, utilizou do tempo para expressar sua motivação futebolística. Em uma das salas apenas tirou o quadro do Atlético do seu lugar, e o deixou em cima da mesa com o escudo escondido. Na outra sala, deixou o quadro do Vila Nova intacto, soberano em sua posição. E na sala do Neto, torcedor do Goiás, o ladrão pegou o quadro e jogou contra a outra parede, espatifando o objeto e deixando ele totalmente quebrado, demonstrando seu ódio ao time alviverde. Após este evento Neto confirmou aos seus dois amigos o que sempre dizia: Nem todo vilanovense é bandido, mas todo bandido é vilanovense.

Claro que brincadeiras e juízos de valores à parte a história de Alan demonstra o quanto as pessoas tendem a levar o futebol a sério, afinal, mesmo durante um assalto o “indivíduo” se deu o trabalho de expressar a importância que os clubes possuem em seu imaginário, e que neste momento reforçou o senso comum de que os torcedores do vila são ladrões. Mas a questão é que o estigma estava lá antes mesmo de o clube existir, afinal o clube acaba tomando para si a imagem do bairro no qual ele se posta e até mesmo a ideia que o clube propõe; se o Vila Nova foi o primeiro clube a abrir as portas do futebol profissional às pessoas da massa, então ele carregou desde então o estigma social colocado nestas pessoas que queriam se inserir num contexto que até então era elitizado.

Este estigma se estende até ao ponto da história: se um ladrão for declaradamente torcedor do Goiás, do Atlético, do Goiânia, poucos sequer darão importância a este detalhe, mas se for do Vila Nova, excitará reações e comoções sociais. O motivo de a pessoa ser um ladrão passa a ser somente o do clube para o qual ele torce, e não pelas escolhas que teve na sua vida e/ou qualquer outra questão. Justamente para fugir dessas condições mundanas que o futebol dos grandes clubes proporciona, busco na representação dos amadores e semiprofissionais os caminhos que vão além da forma como a mídia e o senso comum atribuem a esses grandes clubes. Busco perceber o que conecta as pessoas com o futebol, como as pessoas se conectam entre si pelo futebol, quais as motivações unem essas pessoas no esporte e o porquê

dessa reprodução tão massiva no esporte; o capítulo 1 é justamente para dialogar com essas multifaces que estão presentes no futebol.

Busco construir uma visão do jogo como ponto de referência, perceber o futebol de um local que está fora dos holofotes, dos grandes centros do futebol mundial e nacional, mas que é de um contexto relevante para a sua localidade. Pensando a partir da globalização do futebol em Goiânia que aqui considero a partir dos anos 90 (mas utilizando-me ainda dos períodos anteriores como base de pensamento a partir dos estudos de memória), trabalhar quais transformações ocorreram na percepção do futebol praticado, caracterizando o esporte (em diversas categorias) local e as considerações das pessoas em relação ao global, tal qual pensar novos patamares simbólicos que foram importados. A intenção é compreender essa articulação entre tempo memorial e globalização, a cidade como espaço, e o futebol como prática social; como se dá essa recepção do global e nacional, qual a influência que estes parâmetros exercem localmente e onde se dá o ponto de diferenciação do local para o nacional.

A estratégia para alcançar este proposto é a partir da análise de memória coletiva, esse retorno aos acontecimentos que não chegaram aos livros de história e discursos oficiais; acontecimentos que vivem apenas a partir de lembranças que as pessoas carregam consigo. A partir disso pensar representações e fatos que constituíram a formação de Goiânia e do futebol local. Assim como pensar o momento de transição com a chegada da globalização, momento no qual passamos a ter contato cada vez mais próximo e rápido com distantes nações e pessoas. Esse momento mudou muito o futebol a nível global, considerando as questões midiáticas e financeiras. Constatei que boa parte das mudanças globais se traduziram para o local, mas em diferentes formas e intensidades.

No primeiro momento trabalho o espaço e como o futebol foi se modificando a partir da época em que o estímulo imobiliário passou a fazer parte de Goiânia, e a especulação alavancou a construção e compra de imóveis. Esse processo se dá muito antes da chegada da globalização, mas diferentes perspectivas vieram com a chegada da mesma, novas formas de se usar e pensar o espaço surgiram e até mesmo novos meios tecnológicos que possibilitaram a não ocupação de determinados espaços, já que surgiram encontros virtuais. Trato a forma como a concepção de lazer junto ao futebol foi se transformando com o passar das gerações, percebendo que com a chegada da “modernidade” se expandiu muito o campo do que pode ser considerado como lazer e como esse inchaço de “coisas para se fazer” passou cada vez mais a dialogar e em certos

pontos a entrar em choque direto com o modo de se praticar o esporte. Ainda sobre o lazer trato também dessa compressão do tempo atual de que a dinâmica social e a racionalidade em relação ao capital nos torna seres sem tempo e parece que nada do que fazemos rende o suficiente.

A popularização e a disseminação da internet no Brasil mudou bastante a forma como as pessoas estão em contato com o esporte. O novo número de possíveis mídias com as quais podemos ter contato simultaneamente e que tratam sobre futebol são impressionantes. Num mesmo momento podemos ouvir *podcasts* de opiniões futebolísticas, mandar mensagens em grupos de *whatsapp* sobre futebol, conferir em um site o lance-a-lance em tempo real do seu time, com um aplicativo no celular atualizando todos os placares da rodada, com as escalações e notícias de porta de vestiário, e ainda depois do jogo “tirar sarro” dos outros clubes em *fanpages* de *facebook*. Tudo isso você pode ser feito enquanto se está sozinho preso em um congestionamento. Esse é um exemplo da forma como as pessoas estão conectadas ao futebol. Não mais somente através de rádio, jogos ao vivo pela televisão, jornais mostrando os reprises e melhores momentos. Tudo de forma instantânea: jogadores após o jogo já estão postando foto do vestiário no *twitter*. As informações sobre futebol que antes eram constantes, agora se tornaram maçantes. A velocidade dessas mudanças e a forma como as pessoas e os próprios profissionais estão lidando ainda são águas a serem exploradas, e aqui procuro contribuir para desbravar um pouco dessas águas.

Quando tratamos do local para o global, podemos caracterizar que até antes do período de globalização, era muito mais fácil distinguir o que era um e o que era o outro. Desde então ambos se permearam, mas ainda é possível resgatar o sentido de certos “comportamentos” locais, e com o estudo prévio de como funcionava o futebol local, ajuda em grande medida para distinguir do global. Já sabíamos em parte como funcionava o futebol no local, e após a chegada do global ainda temos a concepção de como está o futebol local em relação ao global. A questão se dá pela chegada cada vez maior de informações e novas mídias de acesso ao futebol, isso tem feito uma transição na forma de relacionamento da pessoa com o esporte.

Entrando na concepção de global, aqui considero globalização como:

(...) segundo as categorias de espaço/tempo, no âmbito do sistema-mundo, à luz dos conceitos de nação, mercado mundial e lugar. Associado à difusão de novas tecnologias que permitiram acelerar a circulação de informações e de fluxos financeiros. Globalização passou a ser sinônimo de aplicações financeiras e de investimentos

pelo mundo. Além disso, foi definida como um sistema cultural que homogeneiza, que afirma o mesmo a partir da introdução de identidades culturais diversas que se sobrepõe aos indivíduos (RIBEIRO, 2002).

Não somente, mas de forma complementar: *“cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”* (SANTOS, 1996, pág. 273), o que se torna essencial para entender a globalização como uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que a tecnologia nos permite várias aproximações, existem choques de concepções culturais a todo o momento, podendo criar desde rupturas até assimilação de conotações e comportamentos culturais; mas não devemos deixar de lado a parte importante, de que apesar dos locais poderem receber os adventos da globalização, a razão local permanece. Mesmo que a convivência, a realidade local mude em vários aspectos com a chegada do global, a estrutura permanece.

Esse é o ponto que liga a globalização com Goiânia e o processo de passagem de tempo. A busca é evidenciar que existia um processo, um funcionamento do futebol na cidade e suas particularidades; a chegada da globalização de fato abalou seu funcionamento “tradicional”, trouxe várias mudanças, novos signos e símbolos, todavia a estrutura do futebol permanece, a tradição ainda existe. Os novos espaços da cidade e os novos meios de tecnologia que reduziram ainda mais o espaço se tornaram uma constante local, mas ainda estão integrados com a história e memória do futebol das gerações anteriores; ambas estão seguindo o mesmo fim, apenas por caminhos diferentes.

Nas gerações anteriores à globalização, fica evidente que a única forma de se relacionar ao futebol era sair de casa e ir jogar o esporte ou ao menos assistir; você se reunia com outras pessoas em locais específicos. Pessoas iam e viam e a máquina social estava funcionando a pleno vapor. Diferentemente do período atual, no qual a máquina social ainda trabalha, mas com diversos elementos que ajudam a superar as distâncias e acelerar os acontecimentos. Claro que nada substituiu o encontro de amigos para jogar e assistir futebol, mas acredito que o número desses encontros foi significativamente reduzido; todos os entrevistados concordaram que tanto o número de encontros em clubes quanto o número de participantes diminuíram drasticamente. Atualmente você não precisa sair de casa para participar da rede de encontros que o futebol proporciona. Você pode discutir qualquer assunto relacionado ao esporte com pessoas que você nem mesmo conhece integrando o grupo que dedica o tempo para acompanhar o futebol.

É possível realizar outras atividades enquanto se assiste e comenta os jogos de futebol com amigos. Essa diferença que parece pequena é determinante para mudar o número de pessoas que estão presencialmente nos palcos (na cidade) que até então eram essenciais para a reprodução do futebol enquanto esporte e função social. Goiânia foi se adaptando a este novo modo de sediar o futebol. Atualmente pouco permite o futebol de rua e várzea, mas oferece outras alternativas; novas possibilidades surgem nos processos de mudanças.

A cidade de Goiânia, apesar de bastante nova, sempre possuiu o ideal de modernização e seguiu um crescimento de forma dinâmica e constante. Se compararmos as fotos da década de 1960 com as atuais dos mesmos locais, a cidade é completamente irreconhecível. Essas mudanças de espaços impactaram toda a concepção do espaço de seus moradores, mas também este impacto foi direto em como a sociedade reproduz a vida social; neste quesito procuro demonstrar o quanto Goiânia enquanto cidade foi determinante para primeiro viabilizar meios de encontro entre as pessoas interessadas no futebol, e posteriormente em novos meios de encontros se adequando ao novo mapeamento que a cidade sugere.

O projeto de pesquisa inicial deste trabalho buscava entender o papel que os grandes clubes tinham na disseminação do futebol como lazer desde a fundação da cidade. Fora os embates de documentação, me deparei com a dificuldade de encontrar pessoas de tais gerações, e à medida que ia adentrando ao campo, ia percebendo que as redes sociais que estavam presentes nas comunidades do futebol eram muito mais importantes do que as representações e contribuições sociais dos grandes clubes. Como já retratado na metodologia, os clubes mais narravam suas histórias próprias, seus embates e glórias do que a correlação daquelas pessoas que trouxeram o futebol para a capital. Estava lidando apenas com documentação de pessoas “visionárias” que viam em seus clubes de criação o orgulho, a trajetória de vitórias, a criação de um campeão. Mas isso dialogava de forma pobre em relação a sociedade, pois se pautava muito nos grupos de interesse que formaram tais clubes. A correlação com a cidade de Goiânia surgiu depois, quando as identidades locais de cada bairro passaram a pintar as portas de cada um dos grandes clubes.

Então o trabalho foi seguindo a trilha antropológica, a ideia de que havia uma sociedade formada no futebol em Goiânia e que esse era o fator evidente para refletir de que forma o futebol se tornou algo tão popular. Diferentemente da observação participante característica da etnografia, a pesquisa por via da memória se trata de uma

observação também indireta. Encontrei nesse conceito a possibilidade de obter dados sinceros, de um tempo que existe apenas na cabeça de determinadas pessoas, e todas elas com diferentes percepções de mundo. As perspectivas que os interlocutores trouxeram durante a etnografia demonstraram a movimentação que o futebol gerava em Goiânia, e comecei a perceber essas relações entre grupos de pessoas, que se tornaram bastante fortes a partir de 1960 e 1970 nas reuniões em clubes para jogar futebol e fazer um almoço completo com várias outras famílias. Esta etapa estava formando as pessoas que hoje fazem o futebol pela cidade acontecer, independentemente do nível de jogo. Quanto mais entrevistas fazia, percebia que essas pessoas construíram juntas uma comunidade sem dependência de qualquer entidade ou dinheiro externo. Esse estilo de vida ligado ao futebol era bancado por vontade própria.

A memória permitiu que eu me inserisse no espaço daquelas pessoas, em seus pontos de vista. Nas diferentes opiniões sobre o futebol e até mesmo sobre a vida, segui um caminho no qual buscava o ponto de encontro de todas essas memórias para saber o que realmente estava acontecendo naquele momento e lugar. Através da memória consegui várias respostas, algo que não encontrei nos documentos, centros de treinamento, federação local. Pensar o tempo e o espaço foi essencial para diferenciar as movimentações que houveram no futebol, pois assim como a sociedade, ele está em constante mudança. Por isso busquei considerar o futebol e suas dinâmicas sociais locais como um processo vivo, que mudou a partir da chegada de diferenciais na cidade, com novas perspectivas de continuação do que estava sendo feito, e o que foi afetado na vida de várias pessoas. Busquei pensar a mudança de tempo através da perspectiva futebolística, não pelo que ocorre dentro dos campos, mas pelo que ocorre fora.

Para isso, no capítulo 1 retrato a ideia do futebol em Goiânia, pensando a cidade como espaço e sua individualidade, que torna possível a forma como as relações sociais exercidas pelo futebol se reproduzam, assim como o avanço do tempo e os novos meios de utilização deste espaço. Também discuto a forma como o futebol é tratado na sociedade simbolicamente e em quais aplicações ele se pauta na análise das redes de encontro.

No capítulo 2 abordo essas redes de encontro e como elas são formadas e organizadas; nesse ponto trabalho sobre a questão familiar, da mulher e de que forma o lazer entrelaça estas dinâmicas. Também prossigo a discussão de espaço com a questão dos clubes, que foi essencial para a existência dessas redes de encontro.

Considerando a alusão de local, no capítulo 3 penso nas particularidades de Goiânia, como a formação dos clubes amadores e semiprofissionais foi essencial para moldar o estilo local de encontros e jogos de futebol. E ainda retomo o termo de globalização para retratar a forma como a internet tornou possível a retomada um espaço, mesmo de forma digital, para o desenvolvimento do futebol através de círculos sociais.

Dedico-me a explorar a questão global e local, pensando na relação de localidade a partir dos ex-jogadores e sua forma de considerar o futebol, traçando comparações entre a memória e a atualidade, considerando o prestígio e a identidade com Goiânia. E começo a pensar em nível global para dialogar os novos símbolos que possam vir a surgir no futebol, ou que estão em processo de mudança com a chegada da globalização, pois tudo é um processo que não está estagnado no tempo e devemos estar sempre atualizando as diferentes condições que estes símbolos aplicam na sociedade e até mesmo na cidade.

Capítulo 1 - O futebol em Goiânia

1.1 O futebol como processo simbólico e a sua globalização

O futebol, por muito tempo foi tratado no Brasil como uma forma de alienação, já que afastava as classes trabalhadoras dos “verdadeiros” motivos de preocupação (GASTALDO, 2009). À medida que os estudos pós-colonialistas foram surgindo, percebemos que tanto o esporte como alienação quanto o trabalho como real preocupação não passavam de mecanismos políticos de controle da mão-de-obra, que acabavam por pressionar deliberadamente as pessoas a trocarem o seu espaço de lazer e prazer pela castração dos trabalhos em fábricas. O desejo, o gosto, o prazer e a satisfação são sensações de cunho social, e todos eles estão representados em uma partida de futebol.

[...], o momento do jogo também dramatiza de maneira virtual as regras sociais, as representações espaciais e mesmo as relações de poder da sociedade e suas hierarquias, status etc.... Na verdade, o futebol, concebido dessa forma, redimensiona as representações sociais, ritualizando-as (TOLEDO, 1996, pág. 41).

Virtual sendo entendido como atual, potencial, todo o possível está no universo e trabalhamos apenas com algumas formas. A virtualidade está disponível a todos, mas nem sempre as pessoas seguem os mesmos caminhos, caso contrário todos nós teríamos a mesma cultura e linguagem. Essa dramatização das regras sociais (no momento de jogo) a partir do virtual se caracteriza como um momento no qual as pessoas podem ir um pouco além para truncar essas regras, pressioná-las; podemos verificar que as pessoas fazem no estádio (ou em sua volta) ações que normalmente não fariam e que muitas vezes acabam por sair da linha da normatividade das leis (um exemplo são as pessoas que utilizam os estádios para realizar protestos sociais, políticos, ocupacionais).

Ainda pensando na contribuição de Toledo, a virtualidade dramatizada se aplica também as representações espaciais e as relações de poder, considerando que, quando se expressam representações também se expressam identidades, e com isso podemos pensar sobre estrutura. Para exemplificar, utilizo a ideia de Edmund Leach (1996, pág. 68) que entende a estrutura social como: “*simplesmente em termos dos princípios de organização que unem as partes componentes do sistema*”. É deixado espaço para que a realidade possa atuar sobre o aspecto científico da definição, para não tratarmos tudo no mundo das ideias, afinal Leach critica que as estruturas que os antropólogos descrevem são apenas modelos formados em suas cabeças considerando sua lógica de

conceituação. Ora, toda a sociedade é real, e está passando por processos e mudanças no tempo a todo instante, está se transformando, mudando suas regras, se adequando a novas realidades, abandonando antigos costumes, adotando novos e essa constante mudança faz parte da vida social, afinal as disputas de poder trazem a ideia de hierarquias, conflitos, disputas, sentimentos, inveja, desgosto (LEACH, 1996).

O autor também trabalha com a estrutura de signos que dialoga diretamente com a sua concepção de estrutura social, e podemos perceber claramente na atualidade quando sociedades longínquas se comunicam e compartilham aspectos como o próprio futebol *“Admito que as diferenças de cultura são estruturalmente significativas. Mas o mero fato de dois grupos de pessoas serem de cultura diferente não implica necessariamente que pertençam a dois sistemas sociais totalmente diferentes”* (LEACH, 1996, pág. 79). Isso implica que o futebol e as sociedades correlacionadas a ele pertençam até certo ponto a um mesmo sistema social, mesmo existindo um abismo de diferenças culturais entre estas sociedades. E ainda no pensamento de Leach (pág. 75): *“É tarefa do antropólogo tentar descobrir e traduzir para seu próprio jargão técnico aquilo que está simbolizado ou representado”*. Cada sociedade possui sua estrutura de signos e este é o primeiro ponto a ser compartilhado com outras sociedades; no primeiro momento de contato esses valores são trocados.

Só existe estrutura onde existe linguagem (signos) e esses signos variam de sociedade para sociedade, pois criamos termos que não são existentes em outra realidade; existe apenas a diferença de relações, mas acabamos moldados por estas relações. Dessa forma o simbólico se torna muito poderoso na sociedade, forjando concepções a partir de estruturas de relação e imaginário (propaganda, conveniência, educação). O racismo é um exemplo: se compararmos duas pessoas (com exceção da cor da pele), nada mais é diferente (seja aptidão física, cognitiva, biologia corporal no geral). Não existe essa diferença na realidade, mas quando trazemos para dentro de uma sociedade, de uma cultura, por questões de poder e hierarquia, passam a existir diferenças de relações. Essas são representadas por vias simbólicas que disseminam uma ideia que *a priori* não existia para a sociedade, forjando concepções que muitas vezes não percebemos de onde surgiram, mas que mesmo assim reproduzimos. As pessoas que frequentam os estádios adquirem um ganho de voz (naquele momento específico) que pode ser tanto para exaltar quanto para combater as diferentes posições hierárquicas da sociedade, dependendo da condição social local naquele momento em questão e até mesmo os clubes/seleções em campo.

Por fim, o futebol leva as representações sociais para outras dimensões como demonstrado, de forma a ritualizar esses signos e representações. O ritual demonstra uma construção de pessoas, por via de símbolos, que motiva sentimentos, estados de consciência. O ritual é uma ação, é o fazer, e com ele age a efervescência, que é o momento no qual a pessoa é distraída de suas ocupações e preocupações diárias, caracterizado por gritos, cânticos, danças, música, movimentos violentos, fazendo truncar o encontro entre o lícito e o ilícito, atuando diretamente na relação de prazer (satisfação) do indivíduo (DURKHEIM, 1996).

Poderíamos classificar estes cantos e gritos de guerra basicamente em quatro categorias: aqueles de incentivo ao time e jogadores, os de protestos (em virtude de situações variadas), outros aqui denominados de intimidadores (de adversários, juizes, jogadores) e os de autoafirmação das próprias torcidas, particularmente das Torcidas Organizadas (TOLEDO, 1996, pág. 65).

Cânticos para a preparação e para a batalha, hinos para exaltar de que lado você está e pelo que você está lutado, elementos que trazem à flor da pele a adrenalina de combater, de contestar, de ridicularizar o adversário, de entrar em campo com a voz e a paixão.

[...] Outros revelam gostar mais da Torcida Organizada que do próprio time. Isto demonstra que o futebol é apreendido de inúmeras maneiras e não é um esporte somente para especialistas. Tudo colabora para que, de algum modo, apreciem-no: a disponibilidade em praticá-lo, a técnica, a estética do jogo, das torcidas em ação, o seu aparecimento na literatura, na poesia, nas músicas, nos filmes, em suma, toda uma dimensão imaginária em torno do esporte bretão (TOLEDO, 1996, pág. 35).

Como o futebol é mundialmente difundido esse imaginário pode ser retratado de diferentes formas, ainda mais por se tratar de um esporte altamente ligado a hierarquias sociais, políticas e econômicas. Cada um desses pontos imbuem as pessoas nesse campo de traços imaginários que se dão pelo simbólico. Como explicado por Stuart Hall:

No entanto, nós somos capazes de nos comunicar, porque compartilhamos amplamente os mesmos mapas conceituais [...] interpretar o mundo, ou dotá-lo de significados, aproximadamente da mesma forma. O ponto principal é que o sentido não é inerente às coisas do mundo. Ele é construído, produzido. É o resultado de uma prática significante, uma prática que produz sentido, o faz com que as coisas signifiquem. "A linguagem é um sistema de signos". Sons, imagens, palavras escritas, pinturas, fotografias, etc. Funcionam como signos dentro da linguagem "somente quando servem para expressar ou comunicar ideias [...] [Para] comunicar ideias devem ser parte de um sistema de convenções [...]" (HALL, 2010, págs. 449; 453; 458, tradução minha).

No Brasil existe um termo pejorativo dado às pessoas envolvidas nas direções de clubes de futebol, que são os “cartolas”. Muitos torcedores tendem a gostar mais de suas torcidas do que de seus próprios clubes (em alguns casos) por atribuir todos os fracassos do clube aos seus cartolas, ao passo que como torcedores assíduos essas pessoas percebem que a torcida dá o seu máximo para alavancar seu clube às vitórias. Estas imagens pré-concebidas de uma posição hierárquica social associam traços simbólicos que são formados pelo imaginário; independente da autenticidade da informação (relação entre pessoa e posição hierárquica) esses traços podem ser positivos ou negativos.

Nesse caso, na visão da torcida, os cartolas geralmente são um fator negativo, mas que em outras esferas sociais podem assumir características positivas e prestigiosas. Afinal eles são diretores, presidentes de instituições que movimentam muitas pessoas, dinheiro e influência. No futebol, o “prestígio” é bastante maleável, os dirigentes, treinadores, comissão técnica, jogadores estão normalmente sobre grande escrutínio social e essa mudança do prestígio ocorre frequentemente aqui reflete no posicionamento de Leach (1996) de que uma pessoa com prestígio pode tomar decisões até certo ponto controversas sem perder ou abalar o seu posicionamento social e/ou de poder, o prestígio tende a se adaptar à situação específicas.

Existem jogadores, treinadores com carreiras tão positivas que mesmo seus erros são “esquecidos”, “perdoados” quando se aposentam¹⁴, Enquanto outros perdem a qualidade do futebol, o caminho da vitória e conseqüentemente o prestígio em questão de poucos meses, como ocorre com a maioria dos treinadores das principais divisões do futebol brasileiro. Portanto o prestígio possui várias facetas no futebol, tanto durante a carreira quanto após a carreira; por um determinado período ou por todo o período. Mas para analisar essa proporção do prestígio, pensamos considerar o espaço.

O espaço é um fator determinante para estruturar o que podemos considerar como "fronteiras" do prestígio. Nem todas as formas de prestígio são aceitas em todos os locais, apesar de que o poder exercido pelas influências e até mesmo pela quantidade de riquezas possuídas (economicamente) eleva bastante esse alcance. No entanto um grande jogador de futebol dificilmente terá o mesmo prestígio no "mundo" musical por

¹⁴ Como por exemplo a cabeçada de *Zinedine Zidane* em *Marco Materazzi* na final da Copa do Mundo de 2006 no jogo entre Itália e França. Apesar desta cabeçada em um dos jogos mais importantes da sua vida, que acabou por ver sua seleção perdendo a Copa do Mundo numa decisão por pênaltis. Zidane tem uma das carreiras mais vencedoras da história do futebol, colecionando títulos e grandes jogadas. Atualmente é treinador do Real Madrid C.F. da Espanha (e atual vencedor da Liga dos Campeões da Europa como treinador).

exemplo, mesmo que o seu dinheiro e influência consiga abrir as portas para gravar um CD, divulgar, etc. Portanto, em primeiro momento, podemos denotar que o espaço como característica social, possui direção, área, forma, volume e distância, sendo tratado tipicamente como um atributo objetivo que pode ser medido e apreendido (HARVEY, 2007). Ao estudar o futebol local, me deparei com esta fronteira; medir e apreender de que forma esse espaço é aproveitado e até mesmo rechaçado socialmente, pode vir a se tornar um ponto determinante para entender o funcionamento político do futebol em Goiânia.

Normalmente tratamos o espaço como algo dado, como um valor simbólico já instituído desde que nos entendemos por pessoas. Todavia o espaço é um senso simbólico social, varia de sociedade para sociedade e até mesmo varia em determinadas condições. Quando falamos de espaço, fronteira, território, lugar todos tomam características bastantes distintas dependendo do referencial e de onde estamos indagando essa questão. Portanto

A conclusão a que deveríamos chegar é simplesmente de que nem o tempo nem o espaço podem ter atribuídos significados objetivos sem se levar em conta os processos materiais e que somente pela investigação destes podemos fundamentar de maneira adequada os nossos conceitos daqueles (HARVEY, 2007, pág. 189).

Cada forma de produção ou formação social possui suas características distintas para compor tempo e espaço.

Esses são fatores cada vez mais integrantes e importantes dentro do mundo do futebol: a definição de tempo e principalmente espaço. Afinal “*O futebol, como tem sido mostrado em inúmeros estudos, é um referente universal (Bromberger, 1995, 1998, 2001) que tem enorme impacto na mídia, quebrando recordes do evento mais assistido no planeta a cada Copa do Mundo*” (RIAL, 2008, pág. 21). O futebol é então um dos esportes mais (re)conhecidos do mundo, ao mesmo tempo jogado em diversos fusos, com diversos idiomas, nacionalidades, concepções e culturas, e tudo isso é amplamente televisionado pela as mídias de massa.

Logo, quando tratamos do imaginário do futebol anteriormente, observamos que esses imaginários mudam e transitam a medida que percebemos o futebol em uma visão macro. Essa é a modernidade que se alastrou no futebol, e posteriormente foi globalizada para todo o mundo. Globalização aqui deve ser entendida como: “*o processo globalizador, ou seja, a desterritorialização de empresas, capitais, bens, comunicações e migrações, cujos resultados são os não-lugares (aerportos,*

shoppings, rodovias) trabalhados por Marc Auge” (CANCLINI, 2004, pág. 99, tradução minha). O futebol é uma espécie de agente globalizador; as pessoas tendem a conhecer mais países, mais culturas e costumes à medida que acompanham futebol estrangeiro, ou quando se deparam com estrangeiros durante eventos como a Copa do Mundo. *“Demonstro que o trabalho da imaginação, percebido neste contexto, não é nem puramente emancipatório quanto inteiramente disciplinado mas sim um espaço de contestação nos quais indivíduos e grupos buscam anexar o global em suas próprias práticas do moderno”* (APPADURAI, 1996, pág. 4, tradução minha). Confirmamos assim o contato que um esporte global pode realizar em sua vida pessoal, local.

Quando se vive nesta “modernidade” e não se usa os objetos e práticas do moderno, surgem os termos depreciativos para aqueles que não estão a par das questões globais, que é a questão da homogeneização. Aqueles que não estão a par dos últimos “*trends*” globais, ou que não conseguem acompanhar o próprio avanço tecnológico de aparelhos e máquinas acabam por sofrer sanções sociais para se conectar. Então precisa existir essa “simplicidade” dos termos globais, para que a assimilação se torne simples e rápida e o maior número de pessoas no menor espaço de tempo possam compartilhar as mesmas ideias.

As condições do capitalismo fazem as pessoas buscarem sempre mais, reafirmando seus posicionamentos e posturas, e aqueles que não estão acompanhando o capital, a mercadoria, o dinheiro e o prestígio são cobrados a se colocar nesta estrutura, a se atualizar. A partir dessa concepção procurei padrões econômicos e sociais que poderiam me ajudar a entender o porquê de seguirmos os passos ditados pela estrutura sem ao menos perceber que estamos fazendo-o. Este fator demonstra que a mídia está sempre nos munindo de informações (independentemente de suas utilidades), gostos, opiniões; enfim, estamos condicionados a sempre receber mais notícias, com a concepção de que as opiniões e informações de ontem já não são mais válidas; fica a reflexão de que estamos sempre andando, acompanhando as notícias sem realmente ter tempo de pensar sobre elas, e a relação que se forma entre notícia-sociedade-individualidade.

Apesar de todo o impacto financeiro que o jogador pode trazer para a sua vida, para o seu país através de entrada de dinheiro e remessas, o maior ganho através do futebol ainda é o impacto simbólico gerado, por contratos de marketing, media televisiva, jornal, internet. Noticiários de futebol são constantes, recorrentes e muito expandidos (RIAL, 2008). A força do biopoder se retrata quando pessoas seguem o

caminho para serem “bem sucedidos” abrindo mão de tudo para obter esses recursos financeiros e prestígio; onde muitos falham, aqueles poucos que conseguem seguir adiante levam uma carreira com bons rendimentos simbólicos e monetários. Esse traço pela busca do prestígio é fator central na globalização. O jogador pode ser reconhecido em países que ele nem ao menos sabe que existem:

Ter visto nas estruturas simbólicas mais que uma forma particular de poder, uma dimensão de todo poder, ou seja, outro nome da legitimidade, produto de reconhecimento, de desconhecimento, na crença da virtude no qual as pessoas exercem a autoridade e são dotados de prestígio (BOURDIEU, 1980 apud CANCLINI, 2004, pág. 58, tradução minha).

As estruturas que são emanações de poder acabam por controlar o tempo e o espaço social, com isso “*Tempo e espaço são dependentes da ação social. E estão sempre relacionadas a relações de poder*” (HARVEY, 2007, pág. 206). Dessa forma, os agentes que estão relacionados à mídia, que conseguiram criar um só tempo, uma só programação, uma única língua, estilos de vida, imaginários, conseguiram transformar povos heterogêneos em homogêneos, a nível nacional e em alguns casos a nível mundial. Não podemos dizer em nível mundial como se a globalização fosse realizada e alcançada da mesma forma em todos países do mundo. Não é. A globalização chega de forma diferente, e com forças diferentes, nos mais variados países (não todos), e não alcança todos os locais mesmo naqueles países ditos globalizados.

Toda luta para reconstituir relações de poder é uma batalha para reorganizar as bases espaciais destas. É a luz disso que podemos melhor compreender "por que o capitalismo reterritorializa sem parar com uma mão o que estava desterritorializando com a outra (DELEUZE e GUATTARI, 1984 apud HARVEY, 2007, pág. 217).

Podemos ressaltar conforme dito anteriormente que os sentidos simbólicos são mutáveis, pois de tempos em tempos diferenciamos nossas práticas para aprimorá-las, para cobrirem um maior alcance, espaço e difusão. “*Estes sentidos não podem estar fixados para sempre, eles estão sempre sujeitos a alterações, tanto em um contexto cultural como em outro, de um período para outro. Portanto, não possui um ‘significado verdadeiro’ único, imutável e universal*” (HALL, 2010, pág. 460, tradução minha).

As relações de poder citadas anteriormente podem ser caracterizadas pelo biopoder na visão de Foucault, “*Para compreender o poder e sua materialidade, seu funcionamento diário, devemos nos remeter ao nível das micropráticas, das tecnologias*

políticas onde nossas práticas se formam” (DREYFUS; RABINOW, 1995, pág. 203). Esse poder é internalizado na consciência, está sendo implantado em nossas mentes sem ser perceptível; as mídias de massa em seus avanços da globalização trabalham tanto uma linha de pensamento que você acaba por tratar aquilo como algo inerente do meio de convivência, sem perceber que é um discurso de poder, que emana ordens, opiniões, ideias, algo que é internalizado, e não um discurso aberto e direto. Não somente pela mídia, o biopoder surge do próprio imaginário social “[...] *é exatamente quando estas tecnologias encontram uma localização em instituições específicas (escolas, hospitais, prisões), quando “investem” nestas instituições, que o biopoder começa, de fato, a funcionar*” (DREYFUS; RABINOW, 1995, pág. 203). Estamos sendo condicionados a essa microfísica do poder, pois a todo o momento somos disciplinados, nos tornando dóceis para algumas características e agressivos para outras. Não é então necessário o uso da força, pois a ação micro já lhe disciplinou e educou. O biopoder é caracterizado pela crescente organização da população e seu bem-estar, visando o aumento da força de trabalho e da produtividade.

Isso no futebol se dá quando os clubes, a fim de respeitar o contrato com as mídias de massa, expõem seus jogadores a dois, três jogos por semana, gerando um montante de mais de sessenta jogos por ano. O grande desgaste dos jogadores além de propiciar jogos menos disputados (já que ambos os times estão fisicamente esgotados), é um grande fator causador de lesões, podendo também agravar lesões já existentes nos jogadores. Vemos esses fatos principalmente na época de final de temporada na qual o clube precisa que os principais membros do seu elenco estejam dispostos até mesmo a tomarem injeções e a jogarem lesionados (podendo agravar a lesão), com a finalidade de contribuir na luta pelo título.

No fim chegamos à conclusão de que a estrutura capitalista se utilizou de vários mecanismos para transformar o futebol em uma grande atração que gera poder, atrativos, mercadorias, fetiches e que por via das mídias de massa com sua capacidade de difundir a informação usou a globalização como forma de expandir o alcance deste poder, não somente pelo futebol. Tudo que nos é trazido pela globalização possui um custo simbólico (afinal é um choque entre diferentes percepções).

A globalização traz vários benefícios e malefícios; é o preço que se paga para termos esse acesso (caso se deseje ter, ou caso seja mandatório). Mas a condição de biopoder já está presente nas “sociedades modernas” há centenas de anos. Logo, mesmo nos países (locais) não afetados pela globalização, ainda reside o biopoder como

mecanismo de controle. *“A força do biopoder repousa na definição da realidade assim como na sua produção. Esta realidade toma o mundo como sendo composto de sujeitos e objetos e de sua normalização totalizadora”* (DREYFUS; RABINOW, 1995, pág. 222). A globalização sendo um agente de definição e produção da realidade, busca cobrir o maior contingente de espaço possível nessa ordem cultural e econômica. Dessa forma, Stuart Hall (2010) remete às definições de poder de Foucault: *“As relações de poder permeiam em todos os níveis de existência social e operam, portanto, em todos lugares da vida social”*.

Todos os pontos trabalhados levam a determinar a força do *mediascape* (APPADURAI, 1990) *“não há meio de comunicação importante no mundo hoje que não dedique espaço para o futebol e para seus protagonistas principais, os jogadores”* (RIAL, 2008, pág. 22). Essa difusão levou o Brasil a ser um dos grandes protagonistas do futebol mundial dada a qualidade dos jogadores que se formavam no país, assim como os resultados e quantidade de títulos da seleção nacional, concedendo a possibilidade de atuar no mercado exterior, gerando assim um fluxo de migração.

Todavia o maior fluxo de migração que o futebol gera, é o de migração nacional; pessoas estão a todo momento mudando de cidades e estados para entrarem em novos elencos, muitas vezes chegam a fazer uma espécie de migração pendular, sempre voltando para o seu time de origem. Essa abordagem é muito comum para jogadores jovens que precisam provar o seu futebol e são emprestados com frequência. Retratando essa concepção, 56% dos entrevistados da pesquisa, da lista dos ex-jogadores não nasceram no estado de Goiás. Diferentemente dos fluxos migratórios trabalhados pelos autores multiculturalistas, que retomam a grupos de pessoas que migram por motivos de guerra, trabalho, necessidade, luta, etc., no futebol a migração se passa como migração de “especialistas” (jogadores), mesmos esses sendo, muitas vezes, advindos de minorias econômicas, raciais, étnicas.

Derrida propõe que a constituição de um Novo Internacionalismo – na era da migração, das minorias, da diáspora, das populações “nacionais” deslocadas, dos refugiados – exige uma disjunção radical no nível da ontologia do pertencimento nacional, uma “insatisfação” que é, em parte, um efeito do deslocamento das “novas” ordens de informação e comunicação (BHABHA, 2011, pág. 93).

Ao contrário do que propõe Derrida nessa linha de pensamento multiculturalista, estes fatores nem sempre se aplicam ao futebol, já que muitas vezes não se trata de uma

problemática envolvendo a pressão sobre a identidade dos jogadores que migram para outros continentes em questão.

Os jogadores brasileiros a partir de

seus consumos assim revelam o que Michael Billig (1995) definiu como nacionalismo banal: diariamente, quase que inconscientemente, suas práticas cotidianas reafirmam sua brasilidade, os unem e marcam fronteiras com os outros, os locais [...] Trata-se, portanto, de uma circulação que poderia ser caracterizada como imóvel na medida em que os sujeitos implicados deslocam-se geograficamente sem se deslocarem simbolicamente [...] Estes jogadores nunca são referidos em reportagens sobre imigração, sendo invisíveis nas matérias de jornais que abordam os imigrantes na Europa. Imigrante é nessas reportagens uma categoria com conotações negativas – fala-se no "problema da emigração" – e que designa populações de baixa renda, redes de tráfico de drogas, desempregados, empregos clandestinos, mercado-negro, etc. Estes jogadores em nada se aproximam desse perfil de imigrante, pois se reserva esta categoria para os trabalhadores braçais e geralmente ela é associada ao crime e à ilegalidade (RIAL, 2008, pág. 13; 18).

Brasileiros que jogam em clubes de outros países, principalmente no continente europeu, buscam adquirir a nacionalidade do país em que jogam, mas não no sentido simbólico, e sim no literal. Para se jogar na Inglaterra por exemplo, os jogadores precisam retirar a carteira de trabalho, que é muito difícil de ser concedida a jogadores brasileiros, e quanto mais novos mais complicado se torna o processo. Logo, grandes clubes ingleses possuem “convênios” com outros clubes da Europa, os clubes satélites.

O clube inglês contrata o jogador brasileiro de 18 anos, mas o empresta para um clube satélite de outro país da Europa que impõe menos burocracia para que o jogador possa jogar (como a Holanda e Portugal). Este jogador fica emprestado a este clube até que obtenha o tempo mínimo para a retirada da cidadania no país em que está jogando e assim poder se transferir para qualquer país da Europa sem ser considerado “estrangeiro”, até mesmo porque muitos campeonatos europeus impõem limite de estrangeiros no elenco do clube.

Os jogadores que transitam pelo Brasil, utilizam a mesma concepção de migração para outras formas de trabalho. Tendem a seguir sua forma de vida com raízes fortes de sua terra natal, e frequentemente guardando dinheiro para enviar para parentes próximos, ou então visita-los durante as férias. Goiânia tende a ser uma cidade fácil de se adaptar de acordo com os interlocutores, até mesmo por ter muitas pessoas de outros estados. Esta referência ficou clara quando me foi explicado que é fácil encontrar uma comunidade de seu estado de origem.

Essa caracterização pode ser explicada pela forma como estes jogadores são controlados e muitas vezes possuem acesso restrito no país que estão vivendo, devido à proteção de sua imagem e até aos seus compromissos contratuais com o clube; e também na reafirmação da própria identidade brasileira, afinal ele está em outro país somente com o intuito de trabalho. No futebol nacional, por mais que ainda exista a proteção à imagem do clube, ela não é tão forte na Europa. Então as pessoas tendem a possuir liberdades maiores perante suas ações, e não precisam de mudanças estruturais para reajustar a realidade social e adaptação em um novo país, embora exista o processo de adaptação em uma nova cidade, casa, relações pessoais, etc.

Ele, como outros jogadores, como os jovens judeus (Majer, 2008) e os garçons das estações de esqui (Dias, 2008), dificilmente correspondem ao perfil do emigrante/imigrante, e chamá-los assim é utilizar o que Beck (2002) ironicamente define como uma categoria zumbi. Estão no país de passagem, não se consideram e não são considerados como imigrantes, sua referência de fronteira simbólica não é a nacional/local, mas a clubística, vivem em zonas e bolhas institucionais que os protegem e os controlam, mediando suas relações com o mundo exterior, fazendo-os passar de um não-lugar (Augé, 1992) a outro, onde o local (Feldman-Bianco, 2006, Sassen, 2008) tem um impacto reduzido em suas vidas. Assim, cruzam fronteiras geográficas sem entrarem em países, pois suas fronteiras são os clubes e não os países. Nacionalizam-se, sem mudar de identidade nacional. E, de um continente a outro, são eles quem mais fortemente encarnam o Brasil na imaginação da população mundial hoje (RIAL, 2008, pág. 65).

Estas pessoas então acabam por viver nesses não-lugares, e no pouco tempo que possuem estão transitando entre cidades globais. Estes são fluxos que atravessam a fronteiras de Estado-Nação (RIAL, 2008). O jogador se torna um agente (e integrante) globalizador indireto. Caracterizamos essa concepção de viver apenas em não-lugares através do termo angústia de Homi Bhabha:

Angústia é um momento de trânsito ou de transição, no qual o estranhamento e a contradição não podem ser negados, mas devem ser continuamente negociados e feitos “funcionar através”. A angústia é o momento mediatório entre a sedimentação da cultura e o seu deslocamento significativo (BHABHA, 2011, pág. 96).

A angústia funciona como uma “expectativa de trauma”. O trauma é uma experiência psicológica que viola muitos parâmetros pessoais, algo pesaroso. A angústia é uma forma de retomar o trauma de forma mitigada, controlada, menos intensa, onde boa parte do impacto já se esvaiu.

O jogador deve negociar com essa realidade e aceitar que por mais intrusiva que seja, essa é a maneira de conseguir grandes valores econômicos e simbólicos. Assim penso que os jogadores brasileiros que jogam fora do Brasil normalmente carregam esse peso da angústia, de tal forma que eles sempre buscam levar o local (suas raízes) para sua vida cotidiana no global, mesmo que eles sejam integrantes do mundo transnacional. O futebol pode ser examinado na lente de Homi Bhabha quando:

Identificado globalmente e com base no conceito de Derrida de deslocamento acelerativo em termos mundiais, possa nos servir para examinar o destino de pertencimento a uma cultura no mundo transnacional e, em particular, a angústia social e moral inerente ao que é frequentemente reconhecido como o “local”, em contraste com o global (BHABHA, 2011, pág. 96).

Em contraste, pessoas que migram para Goiânia, por exemplo, dificilmente passam por algum local caracterizado por não-lugar, primeiro porque o próprio aeroporto é simplório; qualquer pessoa nota a chegada de um time de futebol e ele não é nem de longe um complexo grande o suficiente para se formatar como um local de transição, sem características próprias. De toda forma, a chegada de pessoas de outras cidades também pode se pautar como globalização, pois se trata de chegada de novas informações, de diferentes concepções, do encontro com algo que está distante, cuja representação até então existia apenas no campo da imaginação. Mesmo que seja uma expansão local, ainda é uma forma de aumento do nosso mundo.

E embora sejam experiências com níveis de adaptação distintos, afinal no mesmo país há a facilidade da língua e de certa forma um reconhecimento cultural, persiste o trauma, como abordado por Homi Bhabha, todas as pessoas possuem sua individualidade e não podemos pensar que elas se adaptem em qualquer circunstância, momento de vida e local de convivência. Portanto, mesmo que a pessoa esteja a apenas 70km de distância de casa, algumas simplesmente não estão aptas a vivenciar uma experiência de migração, de adaptação, de novas rotinas e comprometer-se. Então sempre existe de fato a angústia durante este processo. Muitos fatores podem vir a causar transtornos mas fazem parte da carreira que essas pessoas escolheram.

1.2 Espaço e sua transição

Goiânia, uma cidade ainda nova nos anos 1950, contava com um aspecto espacial tradicional de cidades “interioranas” do país, cuja nomenclatura tradicional é roça. Por mais que este termo atualmente tenha uma conotação pejorativa, abandonando essa concepção, a cidade contava com barro, animais e grande espaçamento entre construções; a urbanidade da cidade ainda se estava desenvolvendo; neste ponto ainda existia um aspecto rural. Ainda que no período de vinte anos, muito do aspecto urbano tenha mudado com o surgimento de edifícios altos, grandes avenidas e serviços públicos, mesmo assim a cidade contava com muito espaço geográfico e isso era importantíssimo para pensar o funcionamento do futebol local.

Na década de 60, no que tange ao futebol, a ocupação espacial era drasticamente diferente. No Setor Norte Ferroviário havia seis campos de futebol (de várzea) disponíveis para jogos. Sérgio (nome fictício, entrevistado, ex-jogador do Goiânia, que trabalha no meio esportivo através da Saneago e outras instituições públicas) dizia que frequentemente os seis campos estavam em uso; as pessoas do bairro e de localidades próximas se reuniam nesses locais em horários pré-determinados verbalmente para que existisse uma rotação de horários e todos pudessem jogar. Sérgio assume que nem sempre funcionava desse jeito tão organizado e que havia muitas disputas (normalmente competitivas) pelo local, mas que no final tudo se resolvia dentro da várzea com 11 de cada lado; mas a ideia principal era de que os seis campos estivessem em constante uso durante todos os dias e turnos.

Os campos pela cidade de Goiânia na década de 1960 eram em sua maioria caracterizados como várzea, que é aquele campo de terra, com os gols e traves sempre formados por diferentes materiais e tamanhos, de acordo com o que estivesse disponível. Podiam ser de metal nos locais em que jogavam pessoas que trabalhavam em oficinas e fábricas que envolviam pequena produção metalúrgica, chegando até mesmo a serem traves de madeira e tijolos.

O mesmo vale para o campo em si, muitas vezes com o solo irregular em determinadas partes, dimensões de campo variadas e marcações raramente com tintas, valendo desde o “achismo” de quando a bola saía, até considerando como fora de campo quando a bola ultrapassava algum marcador (objeto) ou alguém que estava assistindo ao jogo.

Praticamente qualquer espaço vazio que houvesse na cidade e que estivesse capinado ou coberto por terra servia como campo de várzea. Então áreas de praças, lotes baldios, instalações públicas sem uso e quando não tinha uma várzea por perto, o jogo acontecia na rua. Nas palavras de Bruno (Nome fictício, ex-jogador, aposentado):

Meu futebol é de rua, tinha várzea para quase todo lado, menos perto da minha casa, precisava ir de bicicleta e eu não tinha uma. Todo dia tinha um queimado de asfalto diferente na pele. Minha mãe perdeu as contas de quantas vezes me proibiu de jogar, o solado do meu pé era grosso de tanto jogar na rua. Hoje em dia é complicado, até a rua mais pacata de Goiânia passa carro a cada 5 minutos, além que a cidade ficou bastante perigosa.

As determinações do campo não eram vistas como dificuldade; na visão daquelas pessoas era algo comum, passaram suas vidas jogando naquele meio e os campos que viam no estádio eram um sonho que poucos conheciam. No futebol de várzea era comum as pessoas jogarem descalças por não terem dinheiro para comprar um tênis ou chuteira para praticar o esporte; aqueles que tinham um tênis precisavam que o mesmo durasse por muito tempo, envolvendo os buracos do objeto com fita isolante.

Todas essas práticas foram reduzidas com o passar das décadas até chegarmos ao momento atual, no qual é raro encontrar 06 campos (não society) de várzea pela cidade. Pensar essas mudanças na cidade é essencial para entender a trajetória do futebol local, pois o espaço em qualquer questão social é importante para o andamento e o desenvolvimento de relações; essas ditam o ritmo no qual as coisas ocorrem ou deixam de ocorrer. Então partindo dos fatos apontados pelos interlocutores da pesquisa, considerarei alguns pontos que foram determinantes para construir essa correlação de tempo e espaço no futebol em Goiânia.

Sérgio me dizia que era comum encontrar campos de futebol em cada bairro; que naqueles tempos a cidade ainda não havia sido “assolada” pela especulação imobiliária que preencheu de forma invasiva todos os espaços da cidade, e considerada pelo interlocutor como o principal motivo de vermos cada vez menos o futebol sendo praticado não somente aqui em Goiânia, mas todo o país.

Normalmente quando estamos assistindo telejornais atualmente, os âncoras, na maioria das vezes usam como base de medição o tamanho de campos de futebol (“O tamanho de tal reserva natural equivale a oito campos de futebol”). É possível que a maioria das pessoas no Brasil não faça ideia das dimensões possíveis de um campo de

futebol¹⁵, mas mesmo assim consideram que campos são grandes o suficiente para ocupar muito espaço. Levando em conta a visão ambiciosa do empreendedor no Brasil, os primeiros espaços a serem destinados à expansão imobiliária são os campos de várzea, que não fazem parte diretamente da produção monetária da cidade, apesar de serem parte de uma rica produção de lazer, relações e cultura.

Foi comum ouvir dos interlocutores ex-jogadores: “não se faz mais craques, pois eles não têm lugar para jogar”. De fato existe uma lógica nessas palavras para essas pessoas, mas como trabalharei adiante, as relações sociais estão em constante processo, a variante de tempo e espaço têm mudado com muita frequência na nossa sociedade e não seria diferente com o futebol. Precisamos entender que estes espaços mudaram e existem sim novos espaços para que o esporte seja praticado, como as variantes do futebol: o *futsal* cuja maioria das escolas da cidade possui uma quadra, e o futebol *society*. Essas variantes são diferentes em vários níveis e muitas vezes possuem tempo de jogo pré-determinado (em horários específicos nas escolas, e mediante pagamento nos campos *society*), diferentemente da várzea (sem custos e tempo estipulado de prática).

Todavia, pessoas que realmente tem interesse no futebol (pensando em seguir carreira) podem praticar no campo através de escolinhas, mas somente aqueles que possuem condição sócio-econômica para tal, ou que sejam incluídos em alguma espécie de programa social. Goiânia ainda é uma cidade que conta com muitas praças e parques; é possível que na maioria destas locações tenha espaço suficiente para que as pessoas possam jogar se assim quiserem (pensando em uma “nova” versão da várzea). Entretanto, acredito que boa parte dessa prática de futebol sob qualquer condição e circunstância se perdeu nestas últimas décadas, as pessoas de gerações anteriores não acreditam que possam surgir bons jogadores que não vieram das ruas e várzeas ao passo que as pessoas das novas gerações preferem jogar em quadras ou campinhos (em sua maioria nas escolinhas pela cidade).

Retomando os elementos de espaço e cidade, outro motivo levantado por Sérgio foi a locomoção. Era comum na década de 1960 as pessoas utilizarem suas bicicletas

¹⁵ A parte interessante é que os gramados de estádios pelo mundo não possuem o mesmo tamanho, já que cada clube escolhe o tamanho de seus gramados, então o próprio uso de campos de futebol como metáfora de medição é bastante inconclusiva. O padrão oficial dado pela entidade controladora do futebol no mundo, a FIFA é de 105m x 68m (Comprimento vertical por horizontal). Já os clubes do campeonato brasileiro série A do ano de 2015 utilizaram entre 105-110m x 68-75m. Fonte: <http://ndonline.com.br/florianopolis/esportes/296552-cbf-quer-padronizar-dimensoes-dos-campos-em-2016.html> (Acesso em maio de 2016).

para transitar pela cidade. Sérgio me disse que frequentemente ia até outro setor para jogar futebol andando de bicicleta, uma prática que foi cada vez mais sendo minada pelo acentuado número de carros trafegando. Em 1956 Juscelino Kubitschek impulsionou a indústria automobilística no Brasil; naqueles tempos as mudanças demoravam a chegar até Goiânia, mas o processo existiu e foi tomando cada vez mais as ruas e espaço na cidade. Além disso, as ciclovias só entraram no dicionário do burocrata brasileiro nos últimos cinco anos. Já o transporte público até mesmo atualmente é um dos maiores problemas da cidade. À medida que a especulação imobiliária (1980) foi se alastrando pela cidade, esses campos próximos foram se tornando distantes, seu fácil acesso começou a se tornar complicado, pois agora você precisaria enfrentar toda uma cidade para jogar o futebol. O trajeto de bicicleta que antes durava dez minutos, passou a durar vinte, trinta minutos, além de se tornar extremamente perigoso.

A própria percepção de espaço e tempo das pessoas foi se modificando com o passar das décadas a partir do crescimento da cidade. O que era perto se tornou distante. O aumento da concorrência no mercado de trabalho forçava as pessoas a se dedicarem cada vez mais ao mesmo, e em seu momento de folga procurar alternativas para melhorar a renda ou se capacitar ainda mais para manter seu emprego. Foi o que houve com Edson (nome fictício, entrevistado, trabalha na Saneago):

No final da década de 1970, eu estava terminando a escola e já trabalhava em uma fábrica. Lembro que durante a semana eu trabalhava no meu horário de almoço, para conseguir sair no domingo às 16h para ir jogar futebol. Cheguei a entrar numa carreira profissional, viajava para jogar. Mas chegou um ponto em que eu precisava sustentar a minha família e o futebol naquela época não dava dinheiro, não é como hoje... Chega um ponto que o sujeito precisa escolher entre o trabalho e o futebol; essa sempre foi a decisão mais complicada do pessoal da minha época (risos). Decidi seguir o trabalho, passei em um concurso e aqui estou hoje. Nunca larguei de jogar futebol, participei de vários times amadores e semiprofissionais, sempre estive nesse meio, mas não tinha tempo para jogar futebol como ofício e ao mesmo tempo trabalhar. Tive que estudar bastante para passar no concurso e estudar ainda mais para ser um bom profissional e desenvolver minha carreira.

Outro fator importante foi a questão da segurança levantada por Alan (nome fictício, entrevistado, trabalha na Saneago). Desde criança era apaixonado pelo futebol, mas a Vila Operária (atual Setor Centro-Oeste e parcela em Campinas) era um bairro até “meio” perigoso, pois era um local central da cidade e que tinha bastante comércio e trânsito de pessoas. No início década de 1970 a cidade já havia crescido bastante em contingente populacional e era perigoso demais para crianças ficarem sozinhas jogando

futebol. Alan poderia apenas jogar quando seu pai ou mãe estivessem presentes ou quando podia convidar seus amigos para jogar na sua casa.

Ainda considerando a segurança, é oportuno contar a história de Walter (nome fictício, entrevistado, trabalha com projetos sociais na prefeitura) que foi um ex-jogador que após encerrar carreira dedicou parte do seu tempo para organizar um grupo de educadores em sua região, buscando desvencilhar as crianças e jovens das drogas e violência e trazê-las primeiro para o futebol e depois para a escola. Seu projeto ficava em um campinho de várzea no Setor dos Funcionários, era tudo bastante informal; as pessoas que o ajudavam eram voluntários amigos dele ou educadores das escolas da região. Walter conta que após uns três anos foi que ele realmente percebeu a diferença do que estava fazendo naquele local, pois seu objetivo era dar para outras pessoas a mesma chance que ele teve em sua vida; mas ele nunca havia parado para pensar que poderia atingir as pessoas nas proximidades do seu projeto.

Walter narra:

Na esquina do campinho onde eu dava aula, tinha esse borracheiro, o Vadão. Ele chamava Osvaldo. Esse cara sempre enchia a bola para as crianças quando ela murchava... As crianças levavam correndo para arrumar e o Vadão sempre enchia e tapava os buracos das bolas no mesmo instante. Você sabe, as traves eram de madeira, vira e mexe dava problema com as lascas que ia surgindo, e bem na forquilha tinha um parafuso retorcido. Num desses dias, uma bola furou de um jeito que não tinha jeito, mas as crianças levaram mesmo assim para o Vadão, dessa vez eu decidi ir junto para conhecer o sujeito. Ele olhou a bola e falou pra criançada que aquilo lá já era. Mas pediu para esperar um momento, foi até o fundo de sua oficina e não é que ele trouxe uma bola?! As crianças saíram correndo para voltar a jogar, nisso eu fiquei para conversar com o Vadão, queria entender o porquê de ele ser tão prestativo com a gente e nunca ter cobrado uma moeda. Então ele me disse: Olha, você começou esse futebol aí tem o que? Uns dois, três anos certo? Pois é, só posso te agradecer. Por conta disso eu posso manter minha borracharia aberta até umas 22 horas, 23 horas. Com isso eu tiro um dinheiro extra pra mim e pra minha mulher. Esses jovens aí estavam todos na rua até uns anos atrás nesses horários; primeiro era perigoso estar aberto nesses horários e segundo os clientes também não queriam frequentar uma borracharia essa hora da noite. Mas agora, eu não tenho o menor problema, nem medo de ser assaltado eu sinto, por que agora conheço bem esse pessoal e tem menos deles nas ruas. Os que estão nas ruas muitas vezes param aqui na borracharia para conversar, me agradecem por ter enchido a bola, outros dizem que o irmão deles me conhece e por aí vai. Sei que estou seguro e é por isso que faço esse tipo de serviço simples para vocês. Da última vez que arrumei a bola, eu sabia que ela não ia durar muito, então eu comprei uma nova; pensando no quanto as coisas ficaram melhor aqui pra mim, isso é o mínimo que eu poderia fazer.

Walter me disse que tinha visto excelentes casos de crianças que melhoraram o desempenho na escola, que haviam sido convidados para integrar o juvenil de alguns clubes da cidade, e que essa história sempre o emocionava. Apesar da história parecer simples, esse momento tocou sua visão de vida, e ele entendeu que estava mudando sua comunidade apenas a partir da sua vontade de assistir crianças jogando futebol. Mas que nunca pensou que ensinando futebol iria melhorar a qualidade de vida da região, mesmo que pontualmente, e que aquilo foi um grande motivador para o seu projeto e para a sua vida.

Retomando a correlação de espaço e tempo, essas mudanças foram trazendo novas perspectivas para se pensar o espaço do futebol na cidade, e até mesmo o seu valor monetário para ser praticado apenas por lazer. Sérgio me explica que atualmente as pessoas raramente jogam em campos já que existe a alternativa de jogar em campos society. Por que essa diferença? Bem, o primeiro ponto são as medidas entre os campos – o chamado “campão” varia entre 105 e 110 metros de comprimento e entre 68 e 75 metros de largura, como apontado anteriormente; já o society varia entre 40 e 60 metros de comprimento e entre 20 e 40 metros de largura.

Já que normalmente não se respeita muito o tamanho desses campos, as pessoas tentam sempre colocar o maior número de campos society no espaço que possui; neste caso ao invés de construir um campão de grama, é possível construir de três a quatro campos society. O segundo ponto é que normalmente as pessoas pagam pelo aluguel do campo por jogo; no campão se paga determinado preço por 90 minutos de jogo, mais um pequeno tempo de pausa. Já no society o jogo normalmente dura 50 minutos com a pausa; então neste caso enquanto você recebe no período de quase duas horas por apenas um jogo no campão, você estaria recebendo no mesmo período o equivalente a 06 jogos se considerarmos três campos society; o aluguel de um campo society é bem mais barato que o do campão, mas o valor multiplicado por seis torna o negócio bem mais vantajoso.

Considerando ainda esta análise, quando se joga um dia no campão, dependendo dos cuidados que você tem com o gramado, é necessário que se deixe o mesmo descansando por dois a três dias para a recuperação da grama natural. Já no campo society normalmente o gramado utilizado é sintético, o que facilita a adaptação da grama para o clima local, tem um menor custo de manutenção e necessita de bem menos tempo de descanso entre jogos; então se você possui quatro campos society você pode criar uma mecânica de rodízio destes campos e receber diariamente pessoas para jogar

neles sem que seja extremamente prejudicial para o gramado, aumentando ainda mais a lucratividade.

E por fim, atualmente com as pessoas tão ocupadas nas diversas atividades que realizam diariamente, é muito mais fácil conseguir quatorze pessoas para jogar futebol society do que 22 para jogar em um campo (isso sem contar times de espera). Além disso nem todos possuem condição física para jogar por noventa minutos e ainda preencher muitos espaços correndo em um campo; é mais fácil jogar cinquenta minutos em um campo bem menor. Então o futebol society se torna mais conveniente, mais barato para quem está pagando, e pela rotatividade e utilização do espaço, mais lucrativo para quem está recebendo. Colocando todos esses pontos em diálogo com o funcionamento da cidade e as diferenciações que se deram do espaço e tempo, faz sentido essa diminuição dos campos de futebol tradicional e de várzea na cidade e a substituição por uma alternativa mais rentável, confortável e que se encaixa no padrão imobiliário local e nas condições físicas desses jogadores.

Algo que percebo constantemente nas mudanças das relações sociais do futebol é a própria forma de montar os times para jogar futebol. Os interlocutores quase de forma unânime apontavam que nas várzeas sempre havia pessoas esperando para jogar futebol, independentemente de serem conhecidos, desconhecidos, crianças, adolescentes, era como se fosse um centro de gravidade para as pessoas mais jovens; estes eram sempre atraídos para as várzeas durante qualquer turno do dia.

Atualmente marcamos o futebol pelo telefone, aplicativos de celular; as pessoas tendem a procurar quinze pessoas (para formar 03 times de 05 numa quadra), no momento em que dez pessoas confirmam, o futebol está marcado e só então essas pessoas se deslocam para o local de jogo previamente combinado. Caso não tenha local, o jogo é cancelado (sem procurar alternativas não ortodoxas), assim como, se apenas nove pessoas confirmarem, o jogo também é cancelado. Nunca se pode esperar que no local do jogo existam pessoas desconhecidas interessadas em participar (e de fato nem sempre aparecem pessoas para completar time). E nestes grupos fechados de amigos que se encontram para jogar futebol, sempre que um desconhecido aparece para jogar, a situação parece que fica um pouco estranho, é como se um *outsider* quisesse fazer parte da “panelinha”. As relações humanas em volta do futebol mudaram bastante, atualmente as pessoas querem jogar nas quadras, com números contados de pessoas, e que sejam todos amigos, ou conhecidos (amigos de amigos, primos, agregados).

Goiânia nesse período de quarenta anos mudou bastante sua fisionomia como cidade. E não é por menos que os espaços do próprio futebol mudaram também, afinal por meios quase imperceptíveis, os nossos locais de convívio são modificados dia após dia, ano após ano e quando traçamos essa retrospectiva, percebemos que de grão em grão vieram grandes mudanças, que ao mesmo tempo deixam grandes erosões em nossas lembranças por “levar embora” locais e momentos tão preciosos, mas ao mesmo tempo nos mostram novas formações prontas para serem exploradas e vividas.

Capítulo 2 - O futebol e encontros

2.1 Família e clubes como instituição

É preciso pensar a abordagem familiar perante o futebol, que em diversos momentos pelo tempo teve diferentes visões e julgamentos enquanto valor social, que determinaram o comportamento e expressão familiar quando uma pessoa decidia seguir carreira em algum setor do futebol. O futebol chegou ao Brasil no início do século XX como um esporte da elite, trazido por pessoas que estudaram na Europa, principalmente na Inglaterra e Alemanha; o esporte era uma prática da moda da elite inglesa e se popularizou no Rio de Janeiro e São Paulo. Os clubes eram locais de reunião e o esporte era uma das formas de se promover a sociabilidade local dessas elites.

Somente nos anos 20 que houve uma quebra desse elitismo no futebol quando o Clube de Regatas Vasco da Gama estreou e foi campeão na disputa local. Seu time era composto apenas por pessoas que viviam no subúrbio, que eram operários ou participavam de serviços urbanos. Este foi o momento em que houve a difusão do esporte para as camadas não elitizadas da sociedade, e foi fundamental para popularizar o futebol e através dos anos espalhar a prática por todo o país (LOPES, 1998).

Quando falamos sobre o futebol, precisamos entender que o mesmo é uma prática social e os seus valores são dados pela sua representação social. Essa base familiar é importante para demonstrar que o futebol em diversas épocas possui diferentes visões acerca de sua representatividade social. Numa primeira época jogar futebol demonstrava um status de elite, e num segundo momento houve a chegada do futebol até as massas, que transformaram o futebol não somente no Brasil, mas ao redor do planeta no esporte mais popular do mundo neste século; as perspectivas de chegada do futebol em outros países se deram de diferentes formas. Mas essa popularização no Brasil foi bastante atrelada a várias formas de preconceito e marginalização dentro da sociedade, principalmente considerando questões raciais e de estratificações sociais.

O futebol migrou para Goiânia junto dos seus fundadores; após apenas dez anos de inauguração da pedra fundamental, clubes profissionais já estavam formados e já estavam organizando os primeiros torneios locais. O primeiro campeonato goiano aconteceu em 1944 organizado pela antiga AGEA (Associação Goiana de Esportes Athleticos) com a participação dos clubes: Atlético Goianiense, Campinas, Goiás, Goiânia e Vila Nova.

Desde a popularização do futebol, as pessoas que jogavam eram marginalizadas. Naquela época o conceito da palavra vagabundo era o de jogar futebol (ao passo que o conceito atual é o de não trabalhar) e vários termos pejorativos e racistas foram ligados ao futebol. As palavras “você não vai ser jogador profissional de futebol” eram antes pronunciadas pelos próprios familiares. Entendemos que nas décadas de 1960, 1970 e 1980 o futebol existia apenas da boa vontade dos seus praticantes e entusiastas, pois o dinheiro envolvido era mirrado. O máximo de envolvimento monetário que poderia existir provinha de grandes apostas entre os membros da elite, enquanto os jogadores não recebiam quase nada. O futebol como forma de pagar menos a seus jogadores trouxe a ideia do “bicho”, valores adicionais dados aos jogadores no vestiário após o jogo de acordo com a sua produção. Se o cidadão marcava gol, ganhava um montante relacionado ao número de gols; o mesmo valia para goleiro que não sofria gol, e tudo era resolvido com o presidente do clube naquele momento, sem intermediários.

Portanto a ideia de que, jogar futebol era apenas lazer e não trabalho já nascia na família. O estigma com o futebol era tão forte que aqueles que se destacavam bastante no esporte, como o Garrincha, por exemplo, e que de fato conseguiam algum retorno monetário decente, acabavam por gastar tudo o que haviam ganhado com álcool, drogas, prostituição, etc. E criou-se desse imaginário de alguns jogadores toda uma generalização, de que mesmo se você fosse bem sucedido no futebol, o futuro que te aguardava era ruim.

Então essas histórias e esse estigma eram passados para todas as crianças que jogavam futebol, para que elas aprendessem a separar desde cedo o que é trabalho e o que é lazer. Mesmo assim ser um astro de futebol possuía um imaginário tão forte socialmente, que apesar de todas as dificuldades as pessoas insistiam em calçar as chuteiras e tentar a sorte.

De todas as entrevistas que eu fiz, todos disseram sem exceção que tinham o sonho de se tornar jogador de futebol; alguns realizaram e outros não. Para aqueles que não realizaram o primeiro e principal ponto para abandonarem o sonho foi em todas as ocasiões a família. Em alguns casos a pessoa precisava da família e da aprovação da família (para seguir o caminho moralmente e psicologicamente apto), em outros a família precisava da presença dessa pessoa seja nas tarefas domésticas ou para inteirar o orçamento familiar.

Naqueles tempos a família tinha inúmeros motivos para interceder na escolha de jogar futebol: pouco retorno monetário, dificuldade de se destacar, mudança de cidade, concentração com o clube; estigma de vagabundo, desordeiro, cachaceiro, drogado, boêmio, indisciplinado; trabalho sem estabilidade e com “prazo de validade” (limite de idade em torno de 34 anos), lesões que podem acabar com a sua carreira. Até mesmo para entrar na carreira a pessoa precisava gastar dinheiro próprio para comprar chuteira (quando havia a possibilidade), pagar viagens e estadia em outras cidades para enfrentar a peneira. Havia muitas possibilidades de dar tudo errado e poucas possibilidades de um retorno baixo. Além disso, havia também no imaginário social o estigma de que a pessoa se tornava jogador para fugir da escola e não precisar estudar. Pelo que parecia, as pessoas não queriam que houvesse jogadores de futebol no país, mas todos os finais de semana os estádios estavam lotados.

A história de Evandro (nome fictício, entrevistado, ex-jogador) mostra justamente esse ponto:

Naquela época as pessoas não tinham uma imagem boa dos jogadores igual hoje em dia não. Para jogar bola a gente abre mão de muita coisa, na verdade abre mão de tudo né, até da família. Quando minha filha completou 04 anos, eu estava viajando muito para jogar, e é de partir o coração porque eu apenas encontrava com ela de duas em duas semanas, ou mais. Chegou uma época que ela não respeitava mais minha autoridade como pai, porque eu era muito ausente. Aqueles foram tempos difíceis, pois mesmo sem ter a autoridade da minha própria filha eu tinha que entrar em campo de cabeça erguida e demonstrar autoridade para dez marmanjos, afinal eu era o capitão do time. Esse choque de realidade me abalou bastante na época, porque no futebol se você não se entregar em campo. Chega um ponto que você precisa pensar se vai optar pela boa convivência e/ou aproximação da sua família ou pelo caminho da carreira. Neste momento optei pela minha família. Poucos empregos no mundo possuem uma cobertura jornalística tão forte quanto o futebol.

É papel da família orientar, guiar e considerar todos os pontos negativos de se jogar futebol mesmo sem os estereótipos sociais. Nunca foi uma carreira fácil e acaba por ser lógico as pessoas se posicionarem contra o futebol naqueles tempos, naquela situação. Mas esse é o papel da família no que pontua a vontade de um membro querer ser jogador de futebol, pois o comportamento familiar é bastante diferente em relação ao esporte quando o foco não é profissional, e sim lazer.

Retomando a história de Alan:

Apesar da minha família ser humilde, da vila operária em Campinas, onde eu morava tinha uma grande área que tinha espaço para jogar futebol. Por questão de segurança meus pais raramente me deixava

jogar fora de casa, então frequentemente convidava meus amigos para jogarem futebol na minha casa. Meu pai gostava de assistir a criançada jogar futebol. Lembro que domingo jogava futebol pela manhã e tinha aquele almoço de família, todo mundo se reunia lá para almoçar, e depois do almoço íamos juntos andando até o estádio Antônio Accioly para assistir ao jogo do Atlético; e centenas de pessoas faziam a mesma coisa, o carinho de Campinas para com o dragão campineiro era enorme, as ruas ficavam toda em tom rubro-negro e no caminho encontrávamos famílias na mesma situação, que se reuniam no almoço de domingo para irem ao estádio juntos. Naquela época o estádio era um ambiente familiar, pelo menos aqui em Goiânia; as famílias iam juntas aos jogos do Atlético, isso era um costume local de Campinas.

O futebol sempre se pautou por ser um ambiente muito familiar. Em minha pesquisa fica claro que durante as décadas de 1970 e 1980 a presença familiar no futebol era muito forte. Isso ficava evidente nos encontros realizados em clubes e campos de futebol, que ocorriam principalmente nos finais de semana, embora também ocorressem durante a semana. Como já citado anteriormente, na maioria das vezes quando jogavam futebol, as pessoas faziam a resenha (forma popular de chamar a reunião feita pós-jogo). A resenha é um ritual de celebração, união pelo futebol, com fartura (normalmente com bastante comida), festa (sempre com muita música) e diversão; acredito que muitos jogavam futebol mais pela integração gerada pela resenha do que pela aptidão pelo esporte em si. Era o momento em que deixavam os problemas de casa e do trabalho de lado, assim como as rivalidades no futebol. As resenhas normalmente envolviam churrasco e futebol, e duravam por horas. Quando ocorriam nos clubes durante o final de semana, enquanto tivesse luz solar havia resenha.

A resenha era importante por ser o momento que conectava lazer, família e trabalho. Afinal as pessoas levavam esposas, namoradas, filhos, sobrinhos, tios, para curtir um dia fora de casa. Normalmente as pessoas jogavam futebol com as pessoas do trabalho e várias empresas se reuniam no mesmo local para montar os times e as competições. Era o momento de convívio social sem o ambiente estressante do trabalho; era uma das formas de conexão de pessoas em Goiânia entre as décadas de 1970 até o início dos anos 1990. Nos locais em que realizei a pesquisa, a média de visitas girava em torno de 350 pessoas; claro que são estimativas de quem viveu naquele tempo, mas que participavam da organização geral da resenha. Considerando que isso ocorria em vários pontos da cidade e até mesmo em vários dias da semana, é um número expressivo.

Portanto, naquele momento em Goiânia, a família como um todo participava das atividades e criava vínculos; se formava ali uma sociabilidade. Toda essa movimentação trazia as pessoas para mais perto do futebol, chamava a atenção das crianças e jovens; o esporte estava fincando suas raízes como atividade familiar relacionada ao prazer e convivência social. Até mesmo as pessoas que não tinham um interesse no futebol como esporte, aproveitavam a situação pela competição, pela alegria de torcer por algum membro da família, pelos amigos; aquele momento era uma forma diferente de se expressar que foge das emoções com as quais nos deparamos no dia-a-dia.

Também existem outros motivos que explicam essas reuniões em clubes. A primeira ideia é a de que o futebol veio daquele conceito europeu da palavra clube, que era um grupo fechado para uma prática específica, cujos membros construía uma espécie de subcultura sobre. Quando o futebol chegou ao Brasil, ainda se espelhava no conceito europeu de um clube fechado para a elite se reunir e jogar. Mas com a propagação do jogo para as populações de outros estratos sociais, acabamos por repensar o conceito de clube como um grupo fechado, e transformamos clube em um local aberto de recepção para as pessoas que se interessam pelo esporte e querem se unir nessa atividade.

A tradução deste termo representa até mesmo a atividade recreativa do clube, onde várias pessoas se unem para um momento de lazer em um local onde há espaço suficiente e aparatos suficientes para sustentar essa diversão, como é o caso de locais de camping, cavalos, piscinas, playground, campos de futebol, quadra de vôlei, venda de comidas e bebidas. Como dito anteriormente a concentração das pessoas no clube é o ponto central para o desenvolvimento do futebol em Goiânia, pois foi o local onde o esporte foi jogado, pensado, estruturado e a partir disso surgiu toda a rede de relações sociais que permeia o esporte.

O clube como local físico também possuía seus benefícios além de todo o espaço e opções de atividades. Sérgio me conta que antigamente o que interessava boa parte dos sócios era o fato de poder comprar comida e bebida pelo sistema de fiado. Como a maioria dos frequentadores do clube eram trabalhadores da própria empresa proprietária do estabelecimento, a pessoa que era responsável pelo bar tinha um registro com a dívida de todos os visitantes e sabia exatamente quando essas pessoas recebiam. Esse sistema de crédito era essencial para a dinâmica entre encontro e futebol, pois o cidadão não precisava nem mesmo sacar dinheiro ou ter que se preocupar com isso durante o momento de diversão, além de propiciar a oportunidade de participação nas festividades

mesmo que a pessoa não tivesse com dinheiro disponível naquele mês. Estes locais já faziam naquela época a função que um banco faz hoje, de possibilitar o consumo de algo de seu interesse no momento em que você não dispõe de dinheiro em mãos.

Caracterizo dessa forma o clube como um fator central para a manutenção do futebol local, uma instituição que fazia todas as engrenagens rodarem fora de campo, para que o dentro de campo existisse. Lembrando que esse futebol de clube é um futebol separado do futebol de várzea. Esse último está relacionado ao amador e semiprofissional, pois existiam as ligas entre empresas, fábricas, separação por privado e público e assim por diante.

Além dessa diferenciação em “níveis” de futebol, a várzea é caracterizada pelo futebol de rua e em lotes baldios, e quem estivesse passando no local e se interessasse em participar poderia jogar. Já no futebol no clube existe essa separação de posição social, que se caracterizava pelo fato da pessoa ter um emprego que lhe dá acesso a determinado público; com isso as pessoas utilizam o clube como atividade familiar. Não necessariamente existe uma diferenciação se levarmos em consideração termos de renda, mas a diferenciação se dá pelo acesso e até mesmo pela idade. O futebol de várzea se caracteriza principalmente pela idade dos jogadores, abrangendo desde crianças até jovens nos 20 anos. No clube também existem as composições para crianças e jovens, mas o foco é na atividade adulta, que são as idades de carreira de um jogador profissional, que varia de 20 e 35 anos, existindo também as ligas para a melhor idade que são times acima de 50 anos.

As várzeas estavam espalhadas por todas as partes da cidade, em proporções menores próximo no Setor Central devido ao número de construções em andamento e até mesmo da movimentação de pessoas considerando a década de 1970. Setores próximos do centro tendiam a ter menos várzeas em relação aos bairros mais distantes, apesar de que Goiânia não era tão grande ao ponto de caracterizar quando uma várzea era perto ou longe, a própria lógica de situação espacial tende a variar de pessoa para pessoa e houve até opiniões divergentes entre os interlocutores, mas o que vale pontuar é que não precisava fazer muito esforço para encontrar uma várzea, ainda mais se você tivesse uma bicicleta.

Diferentemente das várzeas, os clubes eram raros, podiam se contar nos dedos quais existiam, e a grande maioria já não existe na atualidade. Inclusive a própria concepção de clube estava se formando neste período em Goiânia, o futebol funcionava como propulsor para as atividades em conjunto social e familiar nestes clubes. As

peças se encontravam para jogar futebol e fazer churrasco, mas nada impedia que praticassem outros esportes, nadassem e fizessem outras atividades ao longo do dia. Por isso as pessoas associadas ao serviço público, ou então pessoas de boas condições sociais (em primeiro momento) conseguiam se adentrar nos espaços de clubes.

Essa prévia exclusividade dos clubes evidencia que o futebol de várzea é mais inclusivo que o de clubes, afinal a pessoa que joga no clube, também pode jogar na várzea, mas o recíproca nem sempre é verdadeira. Reitero que há uma conexão de clubes e várzea, pois algumas pessoas acabavam por participar dos dois; a migração entre um e outro acontecia na maioria dos casos em que alguém conseguia um emprego integral, afinal a maioria das empresas/instituições tanto públicas quanto privadas tinha uma espécie de convênio com algum clube devido à demanda dos funcionários em manter esse tipo de convivência. Outro caminho era quando a pessoa seguia a carreira profissional e com a ajuda de outras utilizava os recursos e contatos de algum clube para desenvolver sua carreira. Dessa forma a diferenciação não se dá exclusivamente pela questão monetária de ambos (várzea e clube), pois existe um processo, um momento de antes e depois que explica o contexto.

De acordo com os interlocutores Goiânia favorecia tanto o futebol de várzea quanto os clubes. Por ser uma cidade que sempre teve espaço, e até então não possuía tantos carros e trânsito, a movimentação normalmente tendia a ser pacata durante boa parte do dia, e os espaçamentos entre as construções acabavam por servir como várzea. A cidade não sofria de problemas com a segurança pública, como na atualidade, que impediam atividades fora de casa, apesar de já existir essa percepção em muitas famílias. E por ter aquele “ar de cidade do interior” em que todas as pessoas dos bairros se conheciam, existia um senso de comunidade que facilitava a interação entre as pessoas e a aceitação da família com relação à prática sem maiores ressalvas (sem considerar as de cunho social).

Em 1980, por ter muito funcionalismo público e poucas alternativas de lazer como as grandes cidades (considerando *shoppings*, teatros, apresentações culturais, cinema, exposições), os clubes em Goiânia se popularizaram; o espaço físico destinado a estes públicos tendia a ser gigantesco, provendo o aparato para permanecer o final de semana dispondo de várias atividades para serem realizadas. As pessoas se interessavam pela congregação que o clube oferecia e a qualidade de serviços, espaço e equipamentos. Então era esperado que algo estivesse movimentando as relações que ocorriam no clube, e em boa parte se pautava na prática de esportes, com o futebol

sendo o principal representante, mas não exclusivo. Atividades como natação, atletismo e vôlei eram bastante representadas e preservavam a presença dos diferentes gostos esportivos que podem existir em uma família.

Essa correlação entre família, clubes e resenha é essencial para a dinâmica do futebol local; esses são os pilares que modelam a sociabilidade e a representação que o futebol possui fora de campo, mostram um sistema no qual o jogo possui muito mais importância fora de campo do que dentro de campo, pela formação de círculos sociais.

Ainda no âmbito familiar, a mulher possui seu espaço dentro do futebol, assim como outros vários contextos sociais, a mulher vem conquistando seu espaço no futebol como torcedora, jogadora, árbitra, etc. Infelizmente tive pouca oportunidade de entrevistar mulheres que se interessaram por participar deste meio futebolístico por tantos anos. Consegui encontrar poucas nos dois encontros de ex-jogadores e envolvidos (do futebol) que tive oportunidade de presenciar e pude contar nos dedos quantas participaram dos mesmos: ambos os encontros tinham pouco mais de cem pessoas; em um havia apenas três mulheres e no outro havia sete.

Nas entrevistas me disseram frequentemente que antigamente nos dias de sexta, sábado e domingo os encontros contavam com uma parcela muito maior da família, que era bastante comum que os homens levassem suas mulheres e filhos e que as mudanças que ocorreram com o futebol pelos anos atingiram a presença não somente dos homens, mas também das mulheres, crianças e adolescentes.

Para analisar essas mudanças precisamos colocar vários fatores sociais em questão. Primeiro é que em quarenta anos houve grande mudança quanto ao posicionamento da mulher dentro da família e na sociedade. Muitos direitos igualitários foram adquiridos através da luta pela mulher em vários espectros. Primeiramente, através do próprio senso comum devido o papel do homem como “provedor da casa”; o homem tinha a palavra final quanto às atividades desempenhadas em família quando se considerava lazer em períodos de folga.

Soraia (nome fictício, entrevistada, contadora) dizia que para o marido, o futebol de sábado com os amigos era “sagrado”; ela já deixava sempre a mochila com roupas, toalhas e outros objetos e também a caixa de isopor para colocar bebidas preparada. Dizia que fora assim desde que eles se conheceram e isso por muito tempo foi uma atividade de rotina de toda a família.

Lembrava que nas primeiras vezes odiava perder boa parte do dia apenas para assistir as pessoas jogando futebol, mas que preferia ir, pois nas vezes que não podia comparecer o marido sempre ficava de mau humor e eles acabavam discutindo por pequenos problemas. Além disso, ela ficava preocupada com o fato de seus filhos ainda crianças estarem na presença do pai e de vários adultos embriagados, devido à resenha. Não que isto tenha dado problema alguma vez, dizia Soraia, devido à presença de várias famílias e ao fato de as mães no local vigiarem e cuidarem de todas as crianças; mas era aquele sentimento maternal de estar sempre “de olho” em seus filhos. Mas todos esses problemas logo pararam de importar, pois após algumas semanas Soraia fez várias amizades e depois de um tempo foi cada vez mais se adaptando e se inserindo neste meio. Algumas dessas amizades até hoje perduram, e ela retém boas lembranças e por isso até hoje ainda se interessa em participar dessas reuniões (nunca foi um interesse direto no futebol, ela até disse que passou a gostar de futebol, mas o esporte nunca foi o motivo de estar ali).

Joana (nome fictício, entrevistada, empresária) sempre participou destas reuniões, desde adolescente. Seu pai trabalhava na Saneago e jogava pelo time da empresa. Para ela esse ambiente nunca foi estranho, e ela gostava bastante de futebol e desses encontros; entretanto com o passar dos anos foi descobrindo outras atividades mais interessantes para realizar nos finais de semana e passou a frequentar esporadicamente essas reuniões. Quando perguntei o que ela achava da presença de poucas mulheres no evento, ela foi enfática:

Ah, hoje em dia nós temos mais liberdade. Quando casei meu marido me obrigava a ir aqui e ali... Mas hoje em dia esse homem não me obriga nem a assistir televisão (risos). Antigamente não se tinha muito para fazer, ainda mais sendo uma mulher, tinham muitas restrições da família, obrigações em casa. Tinha que ajudar minha avó a deixar tudo arrumado, pois minha mãe também trabalhava e meus pais ficavam pouco em casa. Hoje em dia é diferente, quando chamo minha filha para sair... ainda mais em um sábado de manhã ela já diz: Ah mãe, não vai dar, vou dormir na casa de não sei quem... Ah mãe, hoje vou ao salão... Ah mãe, vou à balada sexta à noite e só vou chegar sábado de manhã... coisas que antigamente não eram comuns, sabe? Hoje mesmo, por exemplo, eu estou aqui porque consegui uma folga do trabalho. Mulheres trabalhando sábado há trinta anos seria um caso raro. Bem, se comparar com hoje em dia... Pois então, consegui uma folga para trazer meu pai até aqui. Fazia um tempo que ele não tinha uma resenha com o pessoal, então estou tentando aproveitar esse momento para ter um pouco de nostalgia e passar um tempo com ele.

Portanto, percebo que desde meados dos anos setenta, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, e as incessantes lutas sociais pela igualdade, as mulheres foram seguindo diferentes caminhos sociais e, portanto acabaram por diferenciar sua participação neste local especificamente. Atualmente as mulheres não dependem de ninguém para exercer suas atividades de lazer, para seguir seus diferentes interesses de sociabilidade e integração. Não precisam mais acompanhar marido e amigos para campos de futebol para se encontrar com outras pessoas que estão na mesma situação. Os interesses e as possibilidades de lazer são mais diversos, evidentes e acessíveis para as mulheres, já que o revezamento de papéis é mais frequente atualmente.

Inclusive, assim como nestes eventos era possível contar nos dedos quantas mulheres estavam presentes, o mesmo ocorria com as crianças; em um evento havia cinco crianças e no outro havia seis. Descobri, conversando com essas mulheres, que a maioria das crianças que estavam ali vieram apenas com o pai e isso nos diz sobre essas diferenciações do tempo social. A mulher deixa de ser responsável apenas pela casa e crianças e passa a ter o também papel de provedora. Não está ali apenas para cuidar das crianças enquanto o homem está jogando. Atualmente os homens também estão tomando o partido de parceria nesse papel. Percebo então que a pouca presença feminina se dá não somente pelo fato de que o futebol ainda é um esporte bastante masculino de modo geral, mas também pelo fato de que a condição de mudança do papel da mulher na sociedade também atinge a forma como ela está inserida neste contexto social específico, já que agora possuem mais liberdade e oportunidade de seguir interesses sociais próprios sem estar intrinsecamente “dependendo” do homem, da família ou de um convívio social.

Quando digo que o “futebol é um esporte bastante masculino de modo geral” precisamos demonstrar que essa condição é bastante arbitrária, pelo menos no Brasil, afinal “[...] logo no início da ditadura militar, o CND proibiu às mulheres a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, rugby, halterofilismo e baseball. A proibição só veio a ser revogada na década de 1980, e se fez acompanhar da criação de departamentos de futebol feminino em vários clubes do país [...]” (FRANZINI, 2005). Percebemos que é difícil desenvolver algo que fora proibido por 16 anos, justamente na época de juventude das interlocutoras e da maioria das pessoas entrevistadas durante a pesquisa. Essa proibição existiu pelo absurdo de que a mulher precisa proteger o seu corpo para reproduzir e contribuir para o

fortalecimento da nossa raça e da nossa nação (FRANZINI, 2005). Essa foi apenas uma das inúmeras restrições que existiam (e ainda existem) em relação à mulher, e percebemos que existe um interesse nas decisões das pessoas que vai muito além de uma mera “contribuição” para o fortalecimento da raça e nação. Isso travou o desenvolvimento dessas modalidades como esporte no Brasil e muito se perdeu com essa prática.

Ainda existe um forte trabalho das mulheres para popularizar o futebol feminino pelo mundo. Em 1991 foi criada a Copa do Mundo de Futebol Feminino¹⁶ sob a licença da FIFA. O Brasil ainda não venceu, apesar de ter sido vice-campeão em 2007. Provavelmente o Brasil teria um melhor desempenho nessa competição se não fosse por essa proibição que fechou a porta para muitas carreiras e o desenvolvimento da liga nacional. Nomes expoentes do futebol feminino como: Marta, Formiga, Cristiane, Pretinha, Rosana, etc. – estão marcando essa geração e mostrando que existe um caminho para as mulheres que desejam seguir carreira no futebol.

¹⁶ A Copa do Mundo de Futebol Feminino sempre ocorre no ano seguinte da versão masculina, sendo então os anos: 1991, 1995, 1999, 2003, 2007, 2011, 2015 e a próxima em 2019. Já os países sedes são diferentes de uma modalidade para a outra.

2.2 Lazer

Durante a pesquisa, uma frase esteve sempre presente na fala de todos interlocutores: “não tinha nada para fazer”. E normalmente a frase era completada com: “então por isso jogava futebol”. Ora, será que em todas as partes do mundo, e até mesmo do país quando não havia nada para fazer as pessoas pensavam primeiro em futebol? Provavelmente não. Essa é a questão. O futebol ao menos em Goiânia (e em boa parte das outras cidades) teve um forte construto social de atividade relacionada ao lazer na juventude, juntamente com o pião, a pipa, o beto, brincadeiras costumeiras das crianças. Diferentemente das outras atividades, futebol tem uma ligação com profissional, com públicos, paixão e todo o mais. Pensar o futebol como primeira atividade é uma ideia social que as pessoas trouxeram a partir da convivência da época, de como estava funcionando o Brasil e como o esporte estava se popularizando por todo o país. Era um esporte que na nossa visão não precisava de muito para praticar: apenas espaço, pessoas e uma bola; diferentemente de outros esportes que precisam de vários outros aparatos seja relacionado ao espaço físico ou equipamentos de uso.

O futebol se popularizou, claro, não somente pela facilidade contextual de se jogar, mas pela emoção que envolvia o jogo, pelos vários estilos possíveis de jogo. Não existe um biótipo físico ideal, então qualquer pessoa com qualquer habilidade está passível de aprender e jogar em questão de minutos, sem contar que existem apenas 17 regras oficiais.¹⁷ Mas para jogar, precisa-se bem menos do que dezessete regras e isso o torna um esporte muito fácil de praticar.

Os diferentes níveis de habilidade também impressionam no futebol; é um esporte no qual um jogador pode surpreender a partir de uma habilidade ou jogada individual; essa parte do espetáculo que pode ser tanto individual como coletiva é muito mais fácil de ser percebida e até mesmo admirada no futebol do que quando comparado aos outros esportes, em que você precisa ter um conhecimento maior para entender até que ponto determinada jogada foi realmente engenhosa ou não. Esse fácil entendimento é essencial para captar e cativar rapidamente pessoas para se tornarem apreciadores do esporte. E por fim, é um esporte marcado por emoções, não existem jogos ganhos, muito se define nos acréscimos finais; nem sempre o melhor time em campo ou o

¹⁷ Sendo elas: O terreno de jogo; a bola; número de jogadores; equipamento dos jogadores; o árbitro central; os árbitros assistentes; duração de partida; o início e reinício do jogo; a bola em jogo e fora de jogo; o gol; o impedimento; faltas e condutas irregulares; penalidade máxima; arremesso lateral; tiro de meta; escanteio.

melhor time no “papel” vence e isso marca o futebol como um esporte extremamente imprevisível.

O ponto crucial para a popularização do futebol, foi justamente a entrada de classes econômicas mais simples no esporte que até então era dominado pela elite (branca) como já retratado por Lopes (1998); no esporte acharam o prestígio que de outras formas seria inviável obter. A população passou a ver e ouvir a partir da década de 1940 pessoas em um campo de futebol representando todo o país no futebol, pessoas de histórias de vida complicadas, pobres, que sofreram preconceitos raciais e sociais por toda a vida, e mesmo ali com a camisa da seleção brasileira, continuava a carregar esse estigma. Ultrapassaram esses problemas para se tornarem pessoas renomadas.

As vitórias nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970 nos mostraram que os brasileiros tinham muito talento para o futebol, as pessoas que estavam com a camisa da seleção saíram do anonimato para entrar para a história do esporte e do país. Acredito que esse ponto foi essencial para demonstrar que diferentemente da rotina, do dia-a-dia do trabalho, o futebol trazia chances iguais para qualquer pessoa, independentemente de onde veio e da cor da sua pele. E através dele a pessoa poderia colocar seu nome na história de um país, ou de um clube, de uma torcida. As vitórias nessas Copas, querendo fugir de um caráter ufanista, foi um ganho social para o Brasil.

Então por essas considerações, acredito que o futebol tenha se popularizado bastante em detrimento de outras atividades, principalmente no Brasil. Mas, uma coisa que devo deixar claro é que existiam muitas outras atividades esportivas a serem feitas, mas que questões do próprio costume social daquele momento específico foram determinantes para formar toda essa concepção que carregamos de futebol.

Quando realizei a entrevista, para todos os entrevistados perguntei: “Por que você jogava futebol?” E a resposta era sempre a mesma: “Não tinha nada para fazer”. Considerando o contexto social dos anos 1970, os meus interlocutores apontavam que eles precisavam estudar, ajudar com as tarefas da casa, ajudar o pai fazendo pequenas parcelas de trabalho (quando não trabalhavam efetivamente), precisavam realizar as lições escolares de casa, e se tivessem irmãos mais novos, precisavam cuidar dos mesmos e educá-los em alguns casos. Portanto, havia sim muito a ser feito, até mesmo porque a concepção de que a criança deve ter muito tempo dedicado ao lazer é uma ideia recente, de que a juventude deve ser formada por convivência social com outras crianças; de que a criança deve ser livre de trabalhos, atividades pesadas, e desenvolver o crescimento intelectual e de comunidade social como papéis primários durante a

juventude. Então, depois de acordar cedo para ir ao colégio, voltar, ajudar a mãe a limpar a casa e fazer a comida, colocar os irmãos para tomar banho, ajudar o pai no trabalho de marcenaria, fazer a lição de casa, aí sim sobrava tempo para a criança brincar, e como depois disso tudo não tinha “nada para fazer” então ela ia jogar futebol.

A concepção de “nada para fazer” mudou durante os tempos. A partir da pesquisa, percebi que uma pessoa que dispunha de tempo antigamente era considerada uma pessoa que não dava atenção suficiente para sua família, que preferia se envolver em outras atividades normalmente relacionadas à prostituição e/ou bebidas do que passar o tempo cuidando dos seus filhos e convivendo com sua esposa; um contraste com a ideia atual de que uma pessoa que dispõe de muito tempo é vagabundo, não tem interesse em trabalhar. Atualmente é comum nos discursos das pessoas: “não tenho tempo”, “meu dia está corrido”, “deixei para outra pessoa fazer porque hoje está impossível”. Então quando você encontra uma pessoa que tem o que ninguém mais tem (tempo), a explicação plausível é a vagabundagem, a pessoa não gosta de trabalhar.

A percepção de tempo entre essas duas épocas é totalmente diferente; muito se deve pelo efeito de globalização, que inseriu no nosso cotidiano a informação e a comunicação ao alcance da mão através da internet e outros meios de mídia. Mas não somente por isso, a ideia de tempo está sempre variando a cada geração; nós lidamos com o tempo de formas distintas e damos variados valores a cada espaçamento de tempo. Assim como o espaço, o tempo está em constante relação com a sociedade e as transformações que nela ocorrem; esses termos funcionam em conjunto como engrenagens de um motor, e todos estão em constante processo de transformação pois o motor está todos os dias se desenvolvendo por causa do funcionamento da máquina social. E como qualquer aspecto social, nunca para melhor e nem para pior, apenas para diferente. Portanto, sempre temos diferentes percepções de tempo, espaço, sociedade.

O “nada para fazer” sempre irá existir, mas o que importa nessa expressão que é tão comum para se referir ao nosso “tempo livre”, é que estamos realmente fazendo o que gostaríamos de fazer durante todo o dia se a sociedade assim permitisse. O que nos referimos como nada, possui um valor pessoal íntimo muito forte, o valor de desejo de fazer uma atividade que nos satisfaça, e é essa a representação do lazer – realizar uma atividade que nos leve a felicidade, independente de qual seja. O que sempre me deixou pensativo quanto a esse termo é por que sempre nos referimos ao que é tão importante para nós como “nada”? Até que ponto deixamos o trabalho, a família e outras constantes sociais ditarem que algo tão importante se traduza na realidade social como “nada”?

Podemos tratar o termo “nada para fazer” até mesmo como uma armadilha da memória; estas pessoas estão revivendo, relendo sua juventude a partir das concepções de vida atual, e percebem pela longa jornada que percorreram que a quantidade de coisas que realizavam naqueles tempos às vezes eram irrisórias considerando toda essa “caminhada”. Era um tempo mais lento, tranquilo, a dinâmica era totalmente diferente, estas pessoas não pararam no tempo. Podemos conotar pelo diálogo que estão tentando explicar termos do passado, com o entendimento do presente. A própria memória nos prega peças, muitas dessas pessoas se pudessem reviver aquele momento em que trabalhavam, frequentavam a escola, cuidavam dos irmãos, ajudavam a arrumar a casa, comida e ainda tiravam tempo para estudar e jogar futebol perceberiam que faziam muitas atividades e que eram atividades pesadas. Ou até mesmo perceberiam que pouco faziam, mas que isso dificilmente se encaixariam como “nada”.

Por fim, essas pessoas praticavam futebol porque gostavam do esporte, da atividade, da competitividade, de demonstrar habilidade, de fazer o gol. Essa era uma forma deles se pronunciarem na comunidade, de serem reconhecidos (que outras pessoas reconhecessem sua competência, sua proeza esportiva). Pela diversão, pela prática, pelas risadas e pela resenha. Essas eram as razões que desenvolviam a vontade de jogar futebol. Por isso era a atividade mais realizada no momento de “nada para fazer”, e não pelo fato de não existirem outras opções. Desde milhares de anos existem jogos (sociais, esportivos, tabuleiros, adivinhação) e atividades lúdicas que estiveram presente na vida das crianças e jovens e nunca faltou o que fazer. As pessoas que estão abertas ao convívio social, que estão abertas a conhecerem outras pessoas, estão fadadas a sempre fugir da vida enfadonha, pois diferentes pessoas estão sempre a nos mostrar novas atividades, novos hobbies, novos conhecimentos para se interessar e se apaixonar.

Capítulo 3 - Global e local

3.1 Novos espaços e clubes amadores e semiprofissionais

O futebol possui essa característica bastante diversificada, um possível motivo pelo qual tenha se popularizado bastante. Não existe um modelo correto para praticar o esporte, existindo diferenças nas práticas, nos estilos de jogos, nas concepções dos clubes, no gerenciamento interno destes times. Estas diferenciações ditam as direções do futebol, tornando possíveis distintas formas e propostas de jogar. Não existem fórmulas secretas constantes ou times imbatíveis no esporte; o futebol se renova constantemente e podemos sentir que tudo o que nós sabíamos sobre o esporte, todo o conhecimento tático, técnico que aprendemos nas últimas décadas, se desconstrói em sua maioria num pequeno período. Por isso é um esporte que não perde o seu momentum e a cada ano se populariza mais.

Como qualquer atividade de cunho social, à medida que a sociedade vai tomando diferentes proporções e segmentos, essas mudanças impactam diretamente o futebol e nada mais claro para entender isso do que retomar a ideia de espaço pensando nessa transição de tempo no futebol. No Brasil, para as pessoas que estão acompanhando o esporte há algumas décadas, existe um abismo se compararmos o futebol dos anos 1970 com o atual tomando como base quase todas as perspectivas possíveis. Por isso busquei comparações entre os dois tempos, pois a memória elucida perfeitamente a forma como podemos perceber a sociedade como uma entidade viva, transformando o espaço e o tempo de uma forma que atinge a todos nós.

O futebol, uma ação de cunho social que é o cerne central desta dissertação, é uma atividade que muda junto da sociedade. Ora, ela está bastante inserida nesse contexto então fica claro que o futebol muda bastante com o tempo e possui uma vertente tão forte fora de campo. Dessa forma demonstro que o futebol preenche um espaço social muito mais importante fora do que dentro de campo. O imaginário criado em torno desse esporte se tornou muito forte em nossa sociedade ocidental, diferentemente de outros esportes que não preenchem todo o espaço social que o futebol preencheu nas últimas décadas em várias nações pelo mundo.

Por isso abordei parte desses novos espaços sociais preenchidos pelo futebol, e também de outros espaços sociais que o mesmo já não preenche, além de trazer as bases que sustentam o esporte e suas interações sociais.

Para entender esse ponto o acontecimento chave é a globalização. No Brasil esse momento se deu no final dos anos 1980, com a popularização dos apetrechos tecnológicos que diminuía a nossa “distância” em relação a outras pessoas; dessa forma a comunicação com o outro, com diferentes países e fronteiras se tornou mais constante e possível. Com a popularização dos telefones móveis, da internet, do uso de aeroportos, televisão e informação a globalização foi se instaurando em diferentes níveis e países pelo globo. No que compete ao futebol, houve mudança em relação à imagem mundial que o esporte e os seus jogadores possuíam, e em relação às transferências de jogadores.

Retomando a ideia de Giddens (1991) quanto a compressão do tempo “*O deslocamento do espaço do lugar não é, como no caso do tempo, intimamente relacionado à emergência de modos uniformes de mensuração [...]*” vemos que novos equipamentos tecnológicos “educam” a forma como nos situamos no espaço e muitas vezes sobrepõe a presença em determinado espaço. Já estes aparelhos nunca conseguem “capturar o tempo”, nunca conseguem controlar o tempo. Novos equipamentos mudam a forma como nos relacionamos com o tempo, mas esse ainda organiza como levamos nossas vidas em uma sociedade moderna, e até mesmo regulariza a unificação de várias nações sob o mesmo fuso horário e calendário compartilhado. Isso torna possível que, eu no Brasil, um mês antes de começar a *Barclays Premier League* (Campeonato Inglês) possa olhar o calendário do campeonato e saber todos os confrontos e horários das partidas dos próximos 10 meses, trazendo a possibilidade de adequar o meu horário para poder acompanhá-las.

A possibilidade de jogar em outros países (com melhores possibilidades de renda) e manter a imagem de bom jogador no Brasil, agora que o futebol estrangeiro estava mais próximo, facilitou a entrada de brasileiros no mercado futebolístico internacional. Esse mercado teve sua maior expansão durante o período de globalização, apesar de que antes dos anos 1980 já existiam jogadores brasileiros transferidos para clubes europeus e norte-americanos.

O termo globalização é muito extenso e engloba várias ideias contrárias de diferentes autores, pensadores e construtores de opiniões. Quando utilizo globalização é somente com relação ao mundo do futebol e às possíveis mudanças e diferenciações que ocorreram devido a esse evento. Não me aprofundei no tema, já que as mudanças no futebol são substanciais e foram utilizadas para pensar a transformação de tempo e espaço que ocorreu do ponto de vista do nacional para o local (Goiânia). Como não era

caráter central dessa pesquisa desenvolver os conteúdos sobre mídia, mercado, consumo e holofotes do futebol, então o termo globalização foi utilizado apenas de forma direta pensando na difusão de tecnologias e informação que ocorreu em certas partes do mundo.

Como citado no Capítulo 1.2, Goiânia foi tomada pelas especulações imobiliárias e o espaço físico foi bastante transformado; tivemos boa parte dos nossos campos de várzea substituídos por prédios e casas, assim como os campos de futebol foram restritos apenas a centros de treinamentos dos grandes times, clubes pela cidade e alguns locais específicos que abrigavam os tamanhos necessários. As pessoas deixaram de praticar nestes locais e migraram para o popular futebol society.

Para um melhor aproveitamento do espaço popularizou-se bastante o uso de quadras poliesportivas pela cidade; como o próprio nome aponta, é um espaço dedicado a prática de várias modalidades esportivas. A maioria das escolas e várias praças nos anos 1990 contavam com elas. A quadra possui a concepção do ginásio, mas claro, ao ar livre, normalmente com piso de concreto básico, pintado com várias linhas coloridas, cada uma representando um esporte: ser futebol, basquete, handebol, vôlei, etc. Na maioria das quadras poliesportivas existiam buracos para o posicionamento das redes de vôlei e tênis, mais um aspecto para se lidar dentro destes locais que abrigava diferentes esportes no mesmo espaço.

O futebol de quadra (futsal) é outra modalidade esportiva diferente do futebol de campo, com seus aspectos e história próprios, popularizou-se bastante nos anos 1990. Uma geração que nunca jogou em várzea, jogou apenas o futsal, para chegar ao futebol de campo normalmente precisaria migrar para o time juvenil de um clube em Goiânia. O jogo é praticamente outro, com quantitativo de pessoas, velocidade, posicionamentos em campo, bola e regras diferentes. Portanto não é a mesma coisa, mas para as crianças que jogavam, sempre era referido como futebol, apesar as diferenças serem reconhecidas

Podemos perceber que como essas quadras e ginásios poliesportivos permitiam a prática de outros esportes, esses foram se popularizando; normalmente as pessoas praticavam mais de dois ou três esportes nesses locais. Com o aumento populacional da cidade e a evidenciação dos casos de violência pela capital através de rádio, televisão, jornal, as pessoas se tornaram mais informadas, e a passaram a tomar precauções, e depois com o aumento do tráfego automotivo da cidade a possibilidade de se jogar futebol na rua foi reduzida. Os poucos espaços de quadras poliesportivas disponíveis,

apesar estarem com a prática do futsal em sua maioria, agora também disputavam com outros esportes.

A elevação da violência durante os jogos e os casos de morte nas brigas entre torcidas inviabilizaram a concepção de ida aos jogos com a família e crianças pequenas; até mesmo os preços dos bilhetes passaram a travar a ida constante de pessoas de estratos sociais específicos. Alan que frequentemente ia ao estádio conta que um amigo muito próximo faleceu em uma briga entre torcidas mesmo ambos não participando dessas. Seu amigo foi pego em “fogo cruzado”, e desde então Alan nunca mais foi ao estádio.

Os clubes citados no capítulo anterior foram cada vez mais sendo esquecidos pela sociedade goiana; vários clubes de médio e grande porte faliram na década de 1990, e os que não faliram sentiram a grande diferença de públicos em contraste com as décadas anteriores. Os motivos do fechamento são vários, desde má gestão, corrupção quando ligados a entidades públicas até a falta de público e interesse. Apesar de ter passado por um período conturbado, atualmente os clubes estão em uma situação estável, pois usaram esse momento para repensar o seu papel na sociedade e tomaram novas atitudes para continuar atraindo o público.

Recordando-me dos dois encontros aos quais fui convidado por muita boa vontade, um organizado por Sérgio e outro por Jander (nome fictício, entrevistado, trabalha em organizações esportivas), tive a oportunidade de entrevistar vários ex-jogadores e vivenciar algo que remontava à memória dos interlocutores da pesquisa. Não foi uma recriação do passado, mas é um costume e ele é seguido constantemente como parte ritualística deste grupo social em específico. Esses encontros atuais, diferentemente do passado (que ocorriam três ou mais vezes por semana) ocorrem esporadicamente e contam com aproximadamente um terço da parcela de pessoas.

As pessoas não perderam o costume de se encontrar por causa de futebol e nem de fazer a resenha; esses existem e agora estão tomando novos espaços. Essa diferença de números de públicos é traduzida pela concepção de clubes amadores e semiprofissionais e também pela nova forma como percebemos o tempo. Em retrospecto, as pessoas antes tinham mais oportunidades de se profissionalizarem, o futebol não era tão exigente. Um cidadão que fosse analisado por um olheiro durante uma peneira, no término do jogo poderia já acertar com algum clube; hoje nesta mesma situação a pessoa seria convidada para uma ou duas semanas de teste no clube, depois

seriam iniciadas as conversas com a família, depois com o empresário, e só então se pensaria em contrato.

A cena de clubes amadores e semiprofissionais eram muito mais forte, haviam mais pessoas envolvidas, maior competição e até mesmo mais jogos por ano; o futebol atualmente no Brasil só prioriza os grandes clubes, que possuem condições de se manter nas quatro principais divisões no país. O clubes que não participam devem arrumar alternativas com os campeonatos estaduais para manterem suas condições como empresa e pagar a folha salarial anual com poucos meses de jogo e bilheteria. Portanto como em qualquer esporte no Brasil, o baixo investimento acaba por travar o crescimento e desenvolvimento dos pequenos clubes.

Logo os clubes de amadores e semiprofissionais que eram aspirantes a profissionais pouco a pouco foram se tornando clubes de lazer. As pessoas que querem se profissionalizar atualmente tentam suas chances em peneiras, escolinhas, campeonatos juvenil dos grandes clubes de Goiânia e do resto do estado, e precisam estar em um limite de idade bastante específico, se não as portas se fecham. As pessoas entenderam que o nicho para profissionalização de futebol mudou drasticamente e passaram a ver os times não profissionais como um hobby. Nesses times os participantes não ganham dinheiro, na verdade eles gastam para manter o time (como sempre fizeram), e passam a organizar campeonatos entre si, contra times de empresas, firmas (como sempre foi feito); mas agora sem a pretensão e até mesmo a vontade de um dia se tornarem profissionais. Sabem que não haverá olheiros nas arquibancadas, sabem que passaram e muito da idade de interesse dos clubes locais e até mesmo jogam um futebol mais leve e vistoso sabendo que ali é um momento de diversão e lazer. Todas as pessoas envolvidas tendem a ter empregos firmados ou uma carreira em outra área que não o futebol.

Portanto os times amadores e semiprofissionais foram perdendo espaço na revelação de jogadores para as categorias de base dos grandes clubes. Esses times possuem um papel próximo dos clubes dos anos 1970 e 1980 – continuam reunindo entusiastas para jogar futebol, promovendo o reencontro de pessoas e famílias e a resenha. Diferentemente de se reunirem no mesmo local, eles continuam mantendo a prática viva, só que em diversos ambientes pela cidade. Enquanto cem pessoas estão em um clube num amistoso de ex-jogadores, outros quarenta estão jogando num campo society já que a idade avançada nem sempre permite uma condição física para se jogar em campo normal, e outros trinta estão em uma quadra de condomínio próximo de uma

churrasqueira. Estas são possibilidades que até então não existiam e esses espaços foram sendo ocupados pois eles atendem ao critério de comodidade. Afinal o que é característico da atualidade é a falta de tempo, então é agradável quando conseguimos organizar nosso tempo de lazer em um local próximo de casa, que economiza alguns minutos e facilita a vinda dos convidados.

As pessoas ainda mantêm os seus costumes, mas existe a diminuição do público pela evasão do número total de pessoas que dedicam suas vidas para o futebol e pelo crescente desinteresse das novas gerações de seguir carreiras, apesar de ainda apresentar um grande interesse pelo jogo.

Quando percebi durante as discussões com os interlocutores de pesquisa a importância desses clubes, também percebi que o campo de pesquisa (como já observado na metodologia) me empurrava cada vez mais longe dos grandes clubes, pois suas histórias são construídas com muito cuidado, as pessoas acabam reproduzindo aquele velho sistema de “cultura empresarial” e acabam por repetir o discurso muitas vezes sem perceber. Por isso a representação do futebol analisado extracampo, que é caracterizado por ser um elemento altamente integrador da sociedade, estava presente principalmente nos pequenos clubes, pois estes são sustentados pelos próprios integrantes, por pessoas movidas pelo interesse no esporte, pensando no futebol como esporte e não somente como *business*. A existência desses clubes contribui de forma inestimada para o futebol, cria toda uma perspectiva social que foi integrada ao futebol profissional e faz parte do cotidiano dos grandes clubes. Mesmo com toda a profissionalização do futebol, ao menos no Brasil, acredito que a maioria dos grandes times continua aproveitando seu momento de resenha.

O momento de decaimento do interesse da juventude pelo ato de jogar futebol ocorre justamente nesse início dos anos 1990. Vale ressaltar que o decaimento se reflete apenas no ato de jogar profissionalmente; as pessoas não estão deixando de jogar futebol, estão apenas tendo um diferente tipo de contato com o mesmo; não se inserem no meio futebolístico, pois agora possuem objetos que podem colocá-los em contato com o jogo sem participar do mesmo. Pode parecer estranho uma vez que após a globalização o jogador profissional de nível médio ganha bastante dinheiro, ao passo que no passado isso era extremamente raro até entre os melhores do mundo. O futebol virou plano de carreira e muitas vezes as famílias dedicam tudo para isso, mas a sociedade abriu muitas outras opções, o número de universidades e de cursos profissionalizantes cresceu.

Ainda possuímos aquela concepção de que não vale a pena deixar de estudar e/ou trabalhar para jogar futebol, independente de quantas carreiras e mudanças de vida o esporte tenha gerado. O futebol em si não gera emprego apenas para os jogadores, são muitos dirigentes, fisioterapeutas, massagistas, técnicos, preparadores físicos, olheiro, faxineiros, jornalistas esportivos, fotógrafos, equipes de mídias e redes sociais, e mais outras centenas de empregos necessários para realizar a transmissão de um jogo. Essa queda do interesse em jogar futebol que aqui pontuo, se faz presente na atualidade mais pela forma como as pessoas estão tendo o seu primeiro contato com o esporte.

Traçando o paralelo com meus interlocutores, a maioria dizia que com três anos de idade estava batendo bola na rua com os pais e/ou irmãos, algo que não é tão comum atualmente. A sociedade está mudando a sua relação com o futebol com a chegada de novos periféricos advindos da globalização e estamos integrando as crianças e os jovens nesses sem a necessidade de introduzir o futebol jogado que praticamente foi banido das ruas.

Crianças de várzea jogavam das oito horas até meio dia (normalmente mais); já as crianças hoje em dia jogam apenas na educação físicas da escola (quando estudam), em média quatro horas semanais, divididas para futebol, basquete, handebol, vôlei, queimada, xadrez, etc. Crianças que podem jogar mais tempo de futebol são de estratos sociais mais elevados; podem pagar por aulas nos grandes clubes ou escolas da cidade; mesmo assim são aulas três vezes por semana com uma hora de duração. Tudo isso se a criança gostar bastante de futebol. Caso contrário ao invés de aulas de futebol serão aulas de inglês, espanhol, natação... Crianças que vivem em setores nas margens da cidade ainda conseguem jogar futebol na rua, ou em uma várzea improvisada, nos locais onde não há tanta valorização imobiliária, onde não há asfalto, ou tratamento de água e esgoto; mas isso constitui uma minoria se comparada com o passado.

Essa convivência constante com o futebol foi perdida por causa das mudanças dos mecanismos sociais de convivência gerados principalmente a partir da globalização. Como citado em exemplo anterior, nas décadas passadas aos três anos de idade as crianças ganhavam uma bola e iam para a rua jogar com o pai; hoje aos três anos elas ganham *smartphone* com vários aplicativos, e são deixadas se divertindo neles enquanto o pai está ocupado com trabalho extra para ajudar a renda da casa ou então organizando sua vida diária e realizando outras tarefas que não envolvem o trabalho. As crianças raramente vão ao estádio, logo assistem aos jogos pela televisão (caso o pai seja um ávido torcedor); caso contrário provavelmente desenvolverão outros tipos de interesses,

relacionados à mídia digital que está tão fácil ao alcance, como era a bola em tempos passados.

A própria percepção das estratificações sociais em relação ao futebol mudou. O dinheiro e prestígio que os supercraques ganham interessam praticamente qualquer parte da estrutura social. Vemos um número cada vez maior de pessoas com famílias estruturadas e boas condições de vida se profissionalizando no futebol. Ao passo que vemos pessoas de estratificações mais baixas deixando o futebol para dedicar aos estudos, pois o país e sua economia e políticas sociais também estão em processo.

As dinâmicas urbanas mudaram em certa medida o tipo de público que é atraído para o futebol. Já na minha geração, devido à inexistência de várzeas, a prática de futebol se dava através de escolinhas, e a maioria destas cobravam pagamentos mensais; quanto melhor as condições e centros de treinamentos, mais caro a mensalidade. O próprio gosto pelo futebol foi passado pelas gerações anteriores – pessoas que trabalhavam arduamente em fábricas, e que tiveram uma infância deficiente e complicada (em alguns casos), hoje usufruem de um bom emprego, boas condições de vida, conseguiram adquirir educação de qualidade para os filhos. Todavia continuam com os mesmos gostos de sempre: o futebol. E por isso colocam os filhos para bater bola desde que começam a andar. O sonho é “repassado” para o filho, pois agora a criança tem condições, apoio familiar, tempo para se dedicar ao futebol, e se for talentosa e tiver o desejo de jogar, as portas estão abertas.

A nova geração não se esbarra tão frequentemente com o estigma do jogador de futebol, as pessoas por todo o globo sabem o quanto o esporte se tornou popular mundialmente, sabem os rendimentos monetários dos jogadores e as cifras de transferências. A dinâmica social em relação à formação de jogador mudou de forma substancial a partir das relações com pais, tios, avôs e ao espaço dedicado ao futebol em todos os diferentes tipos de mídia de massa. O acolhimento urbano em relação ao futebol também mudou. Atualmente os olheiros tendem a procurar jogadores jovens que se encaixam na “filosofia de jogo” de seus times e não procuram mais jogadores típicos de várzea que se caracterizavam por habilidades individuais.

Essas pessoas estão se inserindo nos times desde muito jovem, as equipes pretendem moldá-las com as suas dinâmicas e necessidades locais. Prepará-las fisicamente, psicologicamente, taticamente, coletivamente (a individualidade até certo ponto passou a ser um caráter extra dos jogadores talentosos). Essa dinâmica se tornou bastante comum na Europa e foi muito ressaltada durante as conquistas da Espanha e da

Alemanha nas Copas de 2010 e 2014 respectivamente. Foram gerações que se destacaram pelas suas formas de jogarem, que foram construídas desde muito jovem, como se as categorias de base fossem um laboratório de testes procurando o “futebol perfeito”, ou no caso, o “futebol vencedor” (definido arbitrariamente pelo time que forma o jogador).

O espaço dado pela cidade Goiânia acaba por colaborar com esse novo processo de formação de jogadores. Tal qual as mudanças também se aplicam a não jogadores, as pessoas possuem novos espaços para acompanhar o seu time mesmo sem se envolver com o mesmo: jornais online, televisão, páginas de redes sociais. É muito comum em Goiânia encontros e reuniões para assistir jogos em bares. Nos estádios a venda de bebidas alcólicas é proibida devido à violência constante. Então se torna mais rentável ir ao bar, gastar o dinheiro do ingresso em cerveja e aperitivos, e curtir todo o jogo no conforto que o bar pode oferecer com todas as pessoas no recinto torcendo pelos seus respectivos clubes (isso quando não é um bar de um clube específico – o que torna a experiência totalmente diferente).

O ponto central que estou demonstrando é que os periféricos eletrônicos não roubaram o espaço da bola. A condição social mudou, e com isso a forma como as pessoas percebem o lazer se modificou junto. Todos esses elementos contribuíram para haver essa transição do futebol como prática comum entre as crianças para o domínio de smartphones e computadores. E a partir do momento em que houve uma geração nesses novos moldes, crescemos como jovens com uma diferente perspectiva em relação ao futebol; os jovens dos anos 90 ainda estavam no ponto de transição já que internet e celulares ainda eram tecnologias em surgimento (em Goiânia). Estas pessoas passaram a ter o primeiro contato com o futebol apenas pela televisão, pelo futsal, e não mais no clube, estádios e resenhas; tudo isso nos tornou mais distantes desse futebol amador. Passamos a perceber e reconhecer apenas o futebol profissional, o futebol da televisão, e isso reduziu a nossa percepção do futebol como agente integrador da sociedade. Estávamos nesse momento de transição do espaço lúdico das novas gerações da nossa sociedade; seguimos os primeiros momentos em que as pessoas estavam deixando o futebol de lado para seguir outras atividades como caráter primário para ocupar o “tempo livre”.

3.2 Internet e novos meios de perceber o futebol

Com a globalização e a introdução da tecnologia, informação e mídia no contexto da cidade, várias vertentes do convívio social (e como o futebol participa nele) mudaram. Como apontado anteriormente novas atividades lúdicas surgiram e a partir do convívio social e da aproximação cada vez mais forte da pessoa com os objetos tecnológicos, principalmente os relacionados com a internet; mudamos o nosso comportamento em relação à bola, até mesmo porque as cidades já não comportava o espaço necessário para realizar a atividade; as transformações são apenas uma constante da sociedade.

Os meios tecnológicos não atrapalham diretamente o futebol como atividade nas novas gerações; as mudanças fazem parte da sociedade e uma coisa em detrimento da outra não quer necessariamente dizer que houve uma melhora ou piora se considerarmos todos os aspectos; devemos reconhecer apenas que existiu essa mudança e que ela é um fator considerável para pensarmos na juventude dos milhares de crianças que existem em Goiânia, que antes diariamente jogavam futebol e que atualmente possuem uma aproximação bastante diversificada com o futebol.

O futebol ainda é parte presente do cotidiano brasileiro, um dos assuntos mais difundidos da mídia; é comum encontrar o esporte nas primeiras páginas dos jornais, e os jornais televisivos sempre possuem um tempo dedicado aos gols do dia ou da semana. As pessoas ainda são bastante ligadas ao esporte. Ora, este tinha uma contribuição central no convívio social das gerações passadas e elas ainda apresentam para as gerações mais novas o futebol como um esporte bastante competitivo e emocionante e por isso, mesmo com o futebol não sendo praticado pelas novas gerações, ele ainda tem um número crescente de interessados; isso se dá porque as pessoas passaram a adotar novas maneiras de perceber, entender e lidar com o futebol e é esse ponto que pretendo tratar; a internet e mídia se fazem importantes para pensar esses aspectos.

As novas gerações também convivem diariamente com o futebol, mas não jogando e sim pela informação. O encontro com o futebol se dá por campos virtuais pelo videogame. Onde antes havia a resenha, hoje existem as reuniões nos bares, em páginas das redes sociais cujo único propósito é fazer piadas com o mundo futebolístico. Se antes íamos em estádios com a família, agora nos reunimos em casa para torcer através da televisão. No passado se marchava para o estádio em torcida,

gritando e cantando, hoje palavras e cânticos da torcida são postados em todas as redes sociais possíveis. A forma de ver o futebol mudou e temos de reconhecer isso. Mas o mais importante é que o futebol tomou um novo sentido de integração, no campo online, sob uma ótica bastante diferente, mas que ainda é uma reprodutora de convivência social e, portanto, é a parte central desta tese.

Jander uma vez me disse:

Hoje em dia é impressionante a velocidade das coisas relacionadas ao futebol. Disse ao meu sobrinho durante a copa de 2014 - Caramba, você viu o gol da Holanda de cabeça na Espanha? – E ele me respondeu – Não vi não, espera aí – Pegou o celular no bolso, abriu o youtube e segundos depois estava assistindo ao gol. E eu disse para ele – Sabia que se eu te falasse isso a dez, vinte anos atrás, você para poder assistir a esse gol precisaria esperar até o jornal de meio-dia amanhã, ou então só à noite? – Ele e o sobrinho terminaram dando risada da situação.

Essa é a velocidade que a globalização trouxe ao futebol; todas as informações sobre o esporte agora saem em tempo real; acompanhamos vários jogos ao mesmo tempo, o esporte se tornou mais interativo. Buscamos mais informações e por isso nós as recebemos.

O futebol de videogame se popularizou bastante: seja controlando os times nos famosos FIFA e Pro Evolution Soccer ou sendo o manager do time como em Football Manager e FIFA Manager. São uma das poucas séries de jogos que são lançados anualmente e as pessoas se mantêm fiéis comprando a nova versão todo ano. Esses jogos se popularizaram bastante em 1995, com o Super Star Soccer que era jogado no Super Nintendo. E depois, em 1998, no console play station com o FIFA 98 e o Winning Eleven 3 (que posteriormente se tornou o Pro Evolution Soccer).

Estes jogos habitam o imaginário da geração atual; muitos que não são familiarizados com o futebol real são extremamente hábeis no futebol virtual. Inclusive, desde 2004 existe o FIFA Interactive World Cup que é o campeonato mundial do game FIFA, que entra sob a bandeira do esports (competições profissionais de jogos virtuais); a premiação deste campeonato específico da edição 2016 chega a 20.000.00 dólares¹⁸. Também existem os jogos diretos em sites, como o renomado Cartola, em que você monta um time fictício. Você pode montar o seu time com jogadores do campeonato brasileiro (por exemplo) e a cada rodada esses jogadores pontuam de acordo com suas atuações nos jogos reais. Esse é um exemplo de quando o jogo real e virtual se mistura.

¹⁸ Fonte: <http://www.fifa.com/interactiveworldcup/prizes/index.html>

Inclusive é bastante comum vermos entrevistas de jogadores profissionais que são fascinados também pela versão virtual do futebol. Os mais resistentes não reconhecem que o futebol virtual seja de fato futebol. O que vale entender é que as pessoas passaram a dar um novo sentido para o futebol, novas representações e até mesmo novas formas de praticá-lo. Existem muitas coisas nas nossas vidas que praticamos de forma real, e de forma virtual, isso se tornou parte do cotidiano globalizado. Através desses jogos muitas pessoas entrem em contato com outras, visto que a maioria das partidas é online; esses são exemplos de pequenas reuniões que ocorrem todos os dias em Goiânia que se fossem contabilizadas poderiam gerar um número relevante de novos contextos sociais criados.

A proposta de acompanhar o futebol online se tornou bastante comum, a partir do *streaming* de jogos, atividade em crescimento difundida pelos canais ESPN (watchESPN), Esporte Interativo e SporTV. Diferentemente da televisão, os narradores e comentaristas possuem um canal de discussão direto com o seu espectador, e como nem sempre as pessoas estão em condições de assistir pela televisão, existe a opção de assistir no celular enquanto estão em um ônibus, salas de espera, hospitais e até mesmo escondidos no trabalho. E essas páginas, de minuto a minuto, trazem novas notícias de qualquer campeonato do mundo à medida que elas vão surgindo, buscando novas reportagens, análises de times, táticas, jogadores, com a finalidade de manter o espectador entretido com o futebol por vinte e quatro horas por dia. Esses canais estão cada vez mais antenados com o fato de que o brasileiro gosta de curtir e fazer piadas nas redes sociais e estão cada vez mais aderindo ao jornalismo com conteúdo de comédia para fidelizar o seu público com o novo tipo de linguagem que está surgindo no futebol.

Os dias de segunda-feira e quinta-feira, desde décadas atrás, são os dias para se falar bastante de futebol no trabalho e tirar sarro com todos os amigos cujos times perderam na rodada; mas com o surgimento das redes sociais, esses níveis de piada assumiram grandes proporções, com várias montagens, *memes*¹⁹ e piadas localizadas. Percebemos o sucesso dessa nova forma de mídia quando páginas específicas²⁰ movimentam um grande número de comentários e brincadeiras diariamente, e criam programas no *youtube* para pessoas que gostam de assistir conteúdo sob demanda, sem

¹⁹ Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem.

²⁰ Todas páginas referentes à rede social facebook, páginas que fazem comédia sobre futebol: Desimpedidos com mais de 3 milhões de curtidas, Cenas Lamentáveis com mais de 350 mil curtidas, Legado da Copa com mais de 250 mil curtidas. A página pessoal do Cristiano Ronaldo conta com mais de 113 milhões de curtidas, e as de clubes como Flamengo contam com mais de 10 milhões de curtidas.

a necessidade da profissionalização para transmitir atividades relacionadas ao futebol e utilizando uma linguagem informal e própria da internet para reproduzir tais programas. Claro que a mensuração de sociabilidade através de redes sociais é um campo que ainda está engatinhando pois milhares de variantes entram na questão, mas vale pensar no quanto essas páginas são atualizadas e o número de respostas e discussões que são formadas diariamente.

Ocorre também uma aproximação dos jogadores profissionais com o seu público no geral, através das redes sociais. Podemos acompanhar o dia-a-dia dos mesmos, a perspectivas que eles possuem sobre o trabalho, e isso acaba também por alimentar o marketing destes jogadores, ajuda a difundir a sua imagem pelo mundo; é uma via de várias mãos que tornou totalmente diferente a convivência que a pessoa fora do futebol possui em relação com seus jogadores favoritos; passamos a ter um maior contato com suas opiniões, seu caráter pessoal e suas decisões. São novos elementos que cativam uma série de pessoas, que interessam as pessoas muito mais neste lado participativo das redes sociais do que muitas vezes pelas atuações dentro de campo.

Então o futebol como atividade jogada teve parte do seu espaço reduzido fora de campo e ao mesmo tempo criou um espaço gigantesco virtual e considero isso como um ganho de espaço; temos mais alternativas e locais para estar em contato com o futebol. Isso elevou o contato das pessoas com o esporte e portanto ajudou a desenvolver a imagem do mesmo pelo mundo; nunca foi tão fácil seguir o seu time, receber notícias diárias, conversar com jogadores, criticá-los, receber informações sobre modos de jogo, táticas, transferências, curiosidades, etc. O futebol captou essa interatividade que a internet traz para as vidas da pessoa e tentou incorporar em todas as vertentes de redes sociais e periféricos.

Seu time nunca foi campeão de determinado campeonato? Agora pode ser no videogame. Você não possui habilidade suficiente para ser jogador de futebol? Tenha essa experiência no videogame. Não conseguiu assistir ao jogo que acabou a 5 minutos? Sem problemas, veja os melhores momentos agora. Quer saber se o seu jogador favorito vai mudar de clube? Acompanhe em tempo real a janela de transferências. Quer tirar sarro da pobre exibição de determinado time de ontem? Esteja preparado para muitas montagens (*photoshop*).

O futebol está tão inserido no contexto social cotidiano que até mesmo a música se aproximou da atividade; todos os grandes torneios oficiais agora possuem músicas oficiais; muitas músicas pop fazem parte dos cânticos de torcida; Anualmente várias

músicas estão sendo licenciadas para os jogos de videogame. Existem também canais de apostas online nos quais as pessoas fazem apostas lance-a-lance em tempo real, ou então apostas de longo prazo, de vencedores e rebaixados de campeonatos, gerando toda uma indústria de jogos de azar, que chega a patrocinar alguns dos maiores clubes europeus. O futebol construiu parcerias com outras indústrias para reforçar a ideia e popularizar ainda mais o esporte pelo mundo.

3.3 Prestígio e identidade local

Na primeira vez em que fui convidado por Sérgio a participar de um encontro de ex-jogadores, após algumas apresentações e conversas, decidi me sentar na arquibancada para assistir ao jogo que estava prestes a começar. Escolhi um local mais distante para que houvesse a oportunidade de observar a movimentação, procurar entender os tipos de pessoas, como se portavam naquele momento, enfim, me distanciar para conseguir uma melhor perspectiva. Perto de mim estava uma pessoa que parecia bastante simples, comendo pão como café da manhã. Apesar de não me conhecer (e não me havia sido apresentado previamente) me ofereceu o pão e começou a conversar comigo de modo bem amigável. Célio (nome fictício, entrevistado), foi ex-jogador do Vila Nova e do Cruzeiro, jogou durante as décadas de 1970 e 1980. Fiquei impressionado com a humildade e com a forma amigável com que ele me tratou, conversei por um tempo com ele e ele me deu uma visão geral da forma como os ex-jogadores viam o futebol nos seus tempos e a relação com os tempos atuais.

Célio contou que as pessoas pareciam ter mais motivação para jogar futebol, eram apaixonados pelo ofício e isso que movia eles diariamente. E que hoje em dia as pessoas parecem fazer muito “corpo mole” para jogar futebol; estão interessados *a priori* em ganhar com o esporte. Hoje não se tem mais campos, e as crianças de camadas pouco favorecidas não tem mais a opção de jogar futebol; então pela própria falta de auxílio do governo e as mudanças na cidade essas crianças acabam sendo empurradas para usar drogas e cometer crimes. Ele lembra que precisou combater bastante a família, que acreditava que “jogador era malandro”, e que somente depois dessa difusão da mídia foi que passaram a apoiar e a perceber como projeto de vida.

Apesar de todas essas questões, Célio me conta que ainda trilharia o mesmo caminho, pois para ele é uma satisfação falar que foi um ex-jogador, que jogou em grandes clubes, fez um futebol bonito e de cabeça erguida. Diz que quando é reconhecido nas ruas, quando as pessoas pedem para tirar foto, é o momento em que percebe que fez o caminho certo na vida.

Mauro (nome fictício, entrevistado) que também é um ex-jogador conta que jogou extremamente bem em uma temporada; que naquela época era diferente, por mais que houvessem desconfiança com relação aos jogadores, as pessoas respeitavam mais. Mauro, após essa grande temporada, ficou bastante famoso pela cidade; ele disse que naquele momento não tinha percebido, mas o contato com as pessoas da cidade inflou

bastante o seu ego, chegou um momento que ele estava mandando no time e que esse retorno de reconhecimento dos torcedores trouxe um orgulho que ele nunca sentiu.

O mesmo interlocutor disse ter percebido que até um ano atrás não era um jogador muito reconhecido, e após um ano todos na mídia falavam apenas de seus bons jogos. Mas isso lhe trouxe problemas dentro do time, pois estava com moral alta demais e isso atrapalhava os outros membros da comissão. Mauro precisou trocar de time, mas mesmo assim o carinho da torcida permaneceu com ele, assim como a boa imagem; ele conta que mal teve aumento no salário quando ocorreram esses fatos, pois era algo impensável na época; que o reconhecimento se tornou o produto a ser buscado através do futebol, que você poderia sair de lugar nenhum e com o futebol ser uma pessoa famosa e respeitada, independentemente de sua condição social e monetária.

Esta é uma geração que jogou futebol e não ganhou grandes quantidades de dinheiro; foram casos isolados se comparados com a forma mercadológica com que o futebol funciona na atualidade. Essas pessoas jogavam futebol com o intuito principal de ascensão social; muitas vezes a pessoa não ficava rica e nem famosa, mas era respeitada. Saber que tinha pessoas que torciam por você, que gritavam o seu nome durante os jogos, que enviavam cartas com palavras de motivação, era o suficiente naqueles tempos. O futebol passou a ser uma ferramenta que as pessoas utilizavam para fugir da invisibilidade social, tudo girava ao redor de prestígio e respeito.

Leach (1996) demonstra que o casamento contribui mais para entender as formas de organização social do que projetar estruturas; da mesma forma o prestígio contribui para entender o objetivo de profissionalizar no futebol. Diego (ex-jogador, aposentado) foi um dos primeiros a me apontar para este rumo:

Sou do interior da Bahia, minha cidade natal não passava de dois mil habitantes. Claro que nessas cidades todos se conhecem. Mas quando retornei depois de encerrar a carreira, todos me conheciam por nome, time e me tratavam como se eu fosse o prefeito da cidade. Sou casado com uma goiana e voltamos a morar em Goiânia, até mesmo porque boa parte da minha carreira construí aqui. A melhor coisa de ter sido ex-jogador é o reconhecimento que recebemos nas ruas das pessoas. Às vezes quando vou ao restaurante, o dono do restaurante vai até a minha mesa, me cumprimenta, tira fotos e não cobra a conta. Disse que já paguei a conta anos atrás com gols e boas apresentações. Por causa dessas coisas que eu digo que jogar futebol foi a melhor decisão que eu pude ter feito durante a minha vida.

Neste mesmo dia do encontro no clube promovido por Sérgio, todos os ex-jogadores citavam a presença de Gustavo (nome fictício, entrevistado), que foi um dos

maiores ídolos da história do Vila Nova, jogando no final da década de 1960 e início da década de 1970. Gustavo sem dúvidas era a referência de todos os jogadores que estavam no local, todos citavam a importância da presença do Gustavo e o quanto ele havia contribuído para o futebol se tornar espetacular. Todos afirmavam que eu deveria conversar com o Gustavo pois ele era o melhor ex-jogador que estava naquele local. Diziam que quando ele ia jogar a cidade simplesmente parava; não importava se era sábado, domingo, quarta-feira, quando ele ia jogar o estádio sempre lotava. Ele estava na beira do gramado dando orientações táticas para quem estava jogando, segurava uma revista que a capa era uma foto em preto e branco que mostrava um jogador comemorando um gol; havia recebido a antiga revista de presente de um amigo naquele dia.

Quando o intervalo do jogo chegou tive a oportunidade de entrevista-lo ali na beirada do campo. Gustavo me contou que os jogadores antigamente jogavam por outros valores, jogavam pela beleza do futebol, por suas famílias e que as pessoas não tinham grandes pretensões. Reconhece que conseguiu de forma inesperada passar a ganhar bem, além da condição de ídolo pela cidade, saindo em várias revistas e jornais. Sabe que não era o objetivo de sua carreira e nem estava pronto para toda a fama que adquiriu, mas que manteve o foco no futebol para continuar jogando bem. Para ele a falta de orientação é o que acaba por desviar a carreira de vários potenciais jogadores e que por isso ele permanece até hoje trabalhando com futebol, pois ele percebe a orientação como um dos principais artifícios para se tirar o melhor proveito do talento de um jogador.

Quando perguntei sobre a principal diferença entre os jogadores de sua geração e a atual ele me respondeu da seguinte forma:

Os jogadores atualmente só querem saber de futebol para ganhar dinheiro e fama, perdemos o valor do futebol bonito, bem jogado, bem pensado. Os jogadores atualmente estão mais ocupados em tatuar o corpo, colocar brincos, utilizar penteados que ninguém mais usa do que em jogar futebol; a pessoa tenta primeiro chamar atenção pela aparência do que pelo futebol, pois sabe que isso dá mídia, e por causa da fama, temos vários jogadores medianos atuando no lugar de promessas e profissionais sérios de melhor qualidade. Perderam o respeito pelo futebol, jogando com a camisa para fora do calção, com a gola levantada para demonstrar que está com “raivinha”; essas coisas parecem banais, mas são comportamentos que estão subindo a cabeça dos jogadores e estão fazendo com que deixem o que é precioso de lado: o futebol, o amor à camisa, a vontade de ganhar. Se o cara fosse craque e já tivesse provado isso diversas vezes, tudo bem ele jogar da forma que quisesse; mas jogadores medianos, que

cometem um erro atrás do outro dentro de campo, se passando por craques, e as pessoas acreditando que tal jogador é realmente bom de bola, é o que está arruinando o futebol atual.

Gustavo pauta muito essa parte de orientação justamente para a mídia não subir à cabeça do jogador; ele reconhece que os jovens não fazem isso muitas vezes por maldade, mas é porque cresceram assistindo os jogadores fazendo isso, e agora possuem empresários que aconselham esse tipo de comportamento; tudo foi levando para esse caminho que mais prejudica a carreira do que ajuda. Estas são perspectivas de diferentes gerações referentes ao futebol, com perspectivas próprias sobre como é jogar, e como se portar como um jogador. São conflitos comuns geracionais que ocorrem em várias esferas da sociedade, não somente no futebol. Essa é a grande correlação que tempo e espaço causam em todos os processos sociais.

Estas pessoas jogaram sob uma diferente perspectiva, mas o que eu encontrei na fala de todos ex-jogadores foi a felicidade de ser reconhecido nos locais que frequentam; quando vão a bares e restaurantes as pessoas elogiam a carreira, pedem foto e até mesmo cedem descontos, tudo pela boa carreira que construíram; é o que os faz ter certeza de que o futebol valeu a pena, pelo prestígio que eles passaram a ter em relação as dificuldades de vida que passaram para se profissionalizarem no futebol.

A forma de identidade que pude constatar durante a pesquisa, relacionada com o futebol em Goiânia está diretamente relacionada ao prestígio que o jogador adquiriu durante a carreira. O alcance deste prestígio normalmente está relacionado ao sucesso que fez em determinada equipe ou campeonato. Os ex-jogadores que participaram da pesquisa tinham diferentes motivos para continuarem residindo em Goiânia após o término da carreira, mas nenhum se pautava pelo sentimento de pertencimento em relação a cidade.

Alguns ex-jogadores apontaram que permaneceram em Goiânia por ter feito maior parte do sucesso da carreira nos clubes da cidade e com isso as pessoas reconheciam e os tratavam bem nos meios sociais que eles participavam. Outros vivem na cidade pois, apesar de terem nascido em outros estados, se casaram com mulheres goianas e como jogaram por aqui por bastante tempo, acabaram por ficar, até mesmo pela comodidade de estar próximo da família. O ponto é que os jogadores normalmente jogavam onde tinham bons contratos ou oportunidades de jogar como titular, independente da cidade e estado essa era a única fidelidade dos ex-jogadores. Vale apontar que todos os participantes da pesquisa em algum momento jogaram em clubes

de fora da cidade de Goiânia e outros em clubes fora do estado de Goiás. Então essa migração constante dos jogadores se torna “ossos do ofício”; é o tipo de trabalho em que se considera viver em diferentes cidades para o desenvolvimento da carreira.

Para respeitar a própria carreira e o que lutaram por toda a vida, é natural que estes jogadores permaneçam em cidades que os acolheram como ídolos e símbolos, dessa forma eles podem desfrutar por décadas de todo o prestígio que construíram com a bola nos pés após o encerramento da carreira.

3.4 Novos símbolos

Aponte algumas diferenças que ocorreram no futebol em Goiânia com a chegada da globalização. Mas a forma do mundo percebê-lo e entendê-lo a partir da expansão midiática também mudou os próprios conceitos dentro do futebol, que apesar de gerais, também são usados para interpretar o esporte. Essas diferenciações também chegaram a Goiânia e trouxeram transformações de percepção do jogo tanto para o público que acompanha diariamente, como para o público em geral.

No Brasil, o futebol é tão difundido que mesmo aqueles que odeiam o esporte e se afastam de todo o conteúdo relacionado ao mesmo, acabam se deparando constantemente com a prática e o assunto, visto que são temas comuns de conversas e notícias; isso representa o ponto de que ele está integrando até mesmo pessoas que não tem o menor interesse pelo esporte; por isso aponto a forma como a população lida com o fora de campo como socialmente mais importante do que o que ocorre dentro de campo. É comum as pessoas que não gostam e não entendem do esporte possuírem opiniões formadas em relação ao jogo, clube, jogadores mesmo sem dedicar a menor atenção ao jogo; podem muito bem conversar sobre o assunto e até mesmo se divertir com isso.

A mídia também torna esse público que não tem interesse pelo futebol em alvo; transformam os jogadores em celebridades e no momento em que uma pessoa se torna uma celebridade, ela foge do seu ramo de atuação e passa a ser símbolo de várias marcas ou ideias diferentes. Hoje um jogador que é idealizado pela mídia, sai do campo de futebol e participa de propagandas, clipes de música, bandas, participa em filmes, faz ensaios fotográficos de roupas, escreve livros e realiza várias outras atividades extra campo. Isso faz com que pessoas sejam fãs de determinados jogadores sem nem ao menos ter visto o mesmo jogar, simplesmente pelo que a pessoa representa no cenário mundial.

Mas o que isso tem a ver com o futebol em Goiânia? Ora, estamos todos bastante conectados com a internet, diariamente recebemos notícias de pessoas do mundo do futebolístico fazendo coisas fora desse mundo, e nós comentamos sobre isso, conversamos, novos públicos e novas modalidades de entretenimento são atingidos, e com isso cria-se uma base de fãs para determinados jogadores ou equipes que vai muito além do que ocorre dentro de campo.

Esses símbolos eram inexistentes algumas décadas atrás; tínhamos nossos ídolos, grandes jogadores, mas eles eram vistos dentro de campo; por mais que participassem de jornais e revistas, suas intenções e falas eram sempre ligadas ao assunto, não havia essa visão empreendedora atual de que a pessoa pode ocupar vários campos no mundo das vitrines.

A grande injeção de dinheiro no futebol mudou toda essa dinâmica; grupos econômicos fazem parcerias de patrocínio para pagar o salário de um jogador para que o mesmo apareça em propagandas e anúncios da companhia. As famílias criam projetos de vida já pensando nos ganhos que um jogador pode obter no seu tempo de carreira; se tornou um ambiente empresarial em que o lucro e o prejuízo são os aspectos mais importantes. Os clubes eram tratados como negócios e queriam o maior lucro possível no final do mês, só que na atualidade temos uma concepção mais clara de até que ponto um clube pode lucrar, e as cifras são bastante altas se comparadas com o passado.

Considerando a atividade monetária do Goiás Esporte Clube²¹ no ano de 2015, a receita total foi de R\$ 58.824.818,71 (nesta lista entra bilheteria, direitos de transmissão, premiações, transferências de atletas, patrocínios, etc.). As despesas foram de R\$ 28.676.191,90 (despesas de jogos, staff, direitos de imagem, administrativo, materiais, tributação), com um adicional de R\$ 4.660.736,46 descritos apenas como despesas financeiras, totalizando um superávit do exercício de 2015 de R\$ 25.487.890,35. Somente o salário dos jogadores em 2015 representava R\$ 3.165.400,78, custo este que foi reduzido quase pela metade se compararmos com o exercício de 2014, cujos gastos salariais eram de R\$ 6.530.857,28. Em termos comparativos, os dados mais antigos dos documentos de transparência do Goiás datam do ano de 2007 em que o superávit do exercício foi de R\$ 7.851.384,00. Podemos ver a grande discrepância dos montantes comparativos dos anos de 2015 e 2007.

Todavia temos que considerar não somente a inflação, mas os diferentes momentos econômicos vividos pelo clube/empresa. Mas isso exemplifica até que ponto um clube movimenta dinheiro na nossa sociedade. Seria interessante ter acesso aos dados confiáveis de décadas atrás e traçar um comparativo levando em consideração a mudança monetária para ter uma noção melhor do quanto a chegada da globalização mudou o uso do dinheiro nos times de futebol.

²¹ Dados retirados do Relatório dos Auditores Independentes Sobre as Demonstrações Contábeis de 2015 que é o documento de auditoria e transparência do Goiás Esporte Clube. O mesmo pode ser acessado pelo seguinte link provido pelo site oficial do clube (acesso em setembro de 2016): http://www.goiasec.com.br/admin/conteudo/arquivos/4701_04300128152738.pdf

O dinheiro permitiu os contratos milionários que vemos no futebol internacional e nos principais clubes brasileiros, mas também permitiu a difusão dos direitos de imagem e reprodução televisiva que é uma das maiores fontes de renda dos clubes por todo o mundo, uma mina de ouro para as companhias de transmissão; se o repasse para os clubes é grande, o lucro das emissoras é muito maior.

A globalização impactou de uma forma que praticamente transformou todo o esporte, a grandeza dos clubes que tinha força na torcida e nos ídolos se difundiu, uma vez que os ídolos estão cada vez menos jogando no futebol brasileiro, debandando para o futebol europeu em busca de maiores ganhos e visibilidade; os clubes europeus desenvolvem o projeto de marketing e nome por todo o globo tornando o jogador reconhecido e ganhando receitas por venda de camisas, pacotes de streaming, e transmissões internacionais. O futebol neste período se profissionalizou rapidamente; as pessoas perceberam a grande máquina mundial que eles poderiam construir através do esporte e não perderam a oportunidade. E cada vez mais lamentamos a forma como o Brasil passou por esse processo, deixando de dar a devida importância ao futebol tanto como base de trabalho quanto como base de construção social, com a confederação e vários clubes importantes respondendo processos judiciais relacionados a corrupção.

Temos que parar de tratar o futebol apenas como um circo armado pelo governo. De fato existe essa concepção de que o futebol é um fator central do imaginário social brasileiro. O governo se utiliza do jogo para se promover e até mesmo para “apaziguar” a população em determinados momentos; mas o futebol não é apenas circo e ópio, temos que considerar o alcance que o esporte proporciona, passando por muitas camadas da sociedade e realizando muitas transações e relações sociais, econômicas, de poder, de influência, de espaço. Não podemos caracterizar todo esse alcance do futebol e cair na armadilha de generalizar. Por isso o futebol estudado através da antropologia e da sociologia nos faz perceber que o mesmo vai muito além da forma que os políticos e grupos de interesse que controlam e veiculam o jogo nacionalmente.

Devido aos jogos de interesses (políticos, econômicos, etc.), fica evidente a utilização do futebol para o fim de circo e ópio, mas não podemos condenar todo o esporte apenas pela forma como ele nos é apresentado por esses grupos. Outras nações²²

²² <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/07/do-fracasso-gloria-o-que-o-futebol-alemao-pode-ensinar-aos-brasileiros.html>
<http://trivela.uol.com.br/federacao-da-italia-faz-uma-exigencia-aos-clubes-que-deixem-o-campeonato-italiano-mais-italiano/>
<http://cenaslamentaveis.com.br/selecao-da-islandia-coloca-o-pais-definitivamente-no-mapa/>

estão cada dia mais incentivando o futebol em seus territórios, pois perceberam seu retorno social e monetário. São nações conclamadas de primeiro mundo, que perceberam que o Brasil por muito tempo ficou sentado em uma mina de ouro sem saber como explorá-la; quando essa mina se abriu a todos, souberam aproveitar, enquanto criávamos motivos para denegrir nosso futebol e reduzir as pessoas que a ele dedicavam suas vidas a simples “cachaceiros” e arruaceiros que jogavam porque não conseguiam trabalhar em outros lugares e que queriam levar uma vida mansa e boemia.

O futebol antes de tudo é um esporte, é um educador que trata a disciplina, a capacitação física e mental, é um duelo de ânimos, intelecto e força física. É o conceito de “homem total” de Marcel Mauss (2013) de que todo corpo é físico (mecânico), psicológico e sociológico. Aqui na ideia de físico ele pensa de fato na fisiologia e anatomia do homem, o modo que cada grupo social no mundo se utiliza de diferentes formas de marcha, corrida, nado, gestos, etc. Cada corpo também é psicológico pela parte individual, de desenvolvimento da psique, cada um possui uma identidade própria vinculada a identidade social que é ligada à parte sociológica do ser; o ser é social, ele compartilha o mundo com o próximo, ele apreende as técnicas com o outro, seja pelo ensino ou pela convivência. “*A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuados por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela*” (MAUSS, 2013, p. 405).

Portanto não podemos condenar toda uma prática pelas pessoas que tentam manipular e influenciar para seus planos escusos, é claro que as pessoas irão forçar o contexto social da prática para o maior benefício (próprio, o que aparenta, na maioria dos casos). O futebol deve ser considerado com racionalidade e caracterizar também através da antropologia e sociologia para refletir até que ponto é futebol, e até que ponto é manipulação das massas e saber diferenciar o esporte como atividade de seu construto social, que são duas dimensões completamente diferentes.

A respeito das mídias de massa com intenções dúbias, as novas tecnologias e técnicas de comunicação acabaram por mudar as facetas das relações dos jogadores com a mídia. Hoje quando o jogador tem um jogo ruim, podemos deixar mensagens críticas em suas redes sociais; existe uma grande cobrança da torcida e imprensa diariamente, e às vezes esquecemos que nos nossos empregos mal podemos suportar o supervisor vigiando os mínimos detalhes do nosso trabalho, quem dirá o escrutínio causado pela mídia e pela torcida constantemente, diariamente. Você sai de casa e sempre terá uma pessoa julgando você e o seu trabalho com comentários desleais e ofensivos.

Este preconceito que criamos em relação ao futebol, em relação aos jogadores também é um construto social para denegrir o que antes era um jogo para pessoas das margens, e que até certo ponto ainda o é. Que pensam que o futebol é uma alavanca para mudar de vida, coisa que estas mesmas pessoas nunca conseguiriam através de um “trabalho de verdade”. O impressionante é manter todo esse preconceito com relação ao esporte e mesmo assim ser um ávido telespectador e comentarista nos momentos de lazer.

O futebol como elemento integrador foi o ponto central durante o campo; os interlocutores citaram centenas de casos em que se encontraram e reencontraram com pessoas queridas que a muito tempo não viam. O papel que as redes sociais hoje fazem de conectar as pessoas, o futebol já exercia desde muitas décadas. O esporte existe na sociedade como elemento de integração, de competição, de vitória e derrota, de colocar as pessoas próximas e elevarem suas aptidões físicas e psicológicas ao máximo, para gerar um espetáculo aos que não estão participando.

Tantos elementos básicos dos nossos sentimentos são envolvidos que os esportes se tornam cativantes; por isso a Copa do Mundo de Futebol e as Olimpíadas são dois dos eventos mais assistidos e acompanhados dos meios de transmissão, pois o esporte é um dos maiores elementos de vínculo que existe na nossa condição humana; apegamo-nos a eles de forma que nem mesmo sabemos explicar, sabemos apenas que eles fazem parte da nossa vida e acabamos por esquecer o real valor dessas atividades, que é unir todos sob a mesma bandeira do prazer lúdico, da diversão. Portanto o futebol muito mais que um jogo, uma partida, um caminho de vida, é o que me coloca em contato com você e com milhares de outros.

Considerações Finais

O futebol se fez presente desde as primeiras décadas da cidade de Goiânia. As pessoas envolvidas no processo de fundação e construção da cidade trouxeram o futebol como atividade para seus momentos de lazer e prática social. Pouco a pouco o esporte foi se desenvolvendo com a formação de clubes profissionais e a organização de uma liga para estes clubes. Chegou a um ponto na década de 1960 que o futebol de várzea era uma das atividades mais tradicionais entre as crianças e jovens quando não estavam envolvidas com estudo ou trabalho.

Com a popularização dos clubes, o futebol que até então era de várzea encontrou um local que trouxe grandes diferenciações para forma que até então era praticado. O clube, um ambiente fechado em relação à várzea, trouxe a possibilidade de inserir a família neste meio, não apenas para jogar o futebol em si, mas para aproveitar o momento de encontro com outras pessoas e famílias. Essa manifestação foi trazendo transformações para acoplar a família e deixar a reunião mais divertida para todos os envolvidos, e dessa etapa surgiu a chamada “resenha” que é a festa que os encontros nos clubes proporcionavam. Na resenha não podia faltar música, bastante comida (de preferência churrasco) e muita bebida e farra.

O processo se tornou uma espécie de tradição para as famílias dos envolvidos, que durante duas ou até mesmo três vezes por semana se reuniam para jogar futebol e fazer a conclamada resenha. Com o desenvolvimento desses processos, times amadores e semiprofissionais começaram a surgir para que de fato existissem os jogos e a competitividade do futebol durante o período de resenha. As pessoas envolvidas passaram a adotar aquele estilo de vida relacionado a festa, aproveitamento do momento de lazer em uma grande comunidade. O futebol passou a tomar novos signos e representar algo diferente do esporte jogado, tomou a representação social de unir as pessoas, de funcionar como redes de conexão entre ambientes familiares e amigos de longa data.

Algo que todos interlocutores afirmaram é que o futebol proporciona reencontros inimagináveis com pessoas que habitavam apenas a memória de suas vidas. Através do futebol conseguiram reencontrar pessoas que não viam e/ou conversavam há mais de 20, 30 anos; a possibilidade desses reencontros é o que fomenta os encontros nos clubes, as resenhas, o jogo. Vai muito além de apenas praticar o esporte, mas sim de fazer uma máquina social girar e proporcionar a convivência, a aproximação de outras

famílias e os reencontros de longas datas com pessoas queridas que normalmente se afastavam por motivos de trabalho. O futebol por muito tempo funcionou com a concepção que temos atualmente de redes sociais. E citando este aspecto tecnológico, considero uma visão de que forma a modernidade chegou ao futebol e abalou tais estruturas que estavam em funcionamento.

A modernidade, pelo menos no campo do futebol chegou de forma avassaladora, trouxe centenas de variações e percepções diferenciadas decorrente da forma como as novas tecnologias interagem com o futebol. Apesar de ser um dos poucos esportes que evitam ao máximo de utilizar da tecnologia dentro de campo, provavelmente é um dos esporte que mais se beneficia da tecnologia fora de campo.

A globalização trouxe diferenciações na interatividade das pessoas com o esporte, com as cifras milionárias de transações e salários e mudou a concepção de ser jogador no Brasil; trouxe a ideia de que atualmente ser jogador pode ser uma aposta de vida rentável, algo que até então era extremamente improvável. Mas, o ponto importante é que a globalização tem uma dinâmica diferente com a cidade de Goiânia, que por si só, teve processos diferenciados no seu momento de expansão. A partir da década de 1980, antes mesmo da chegada da globalização, que está relacionada ao expansivo uso de objetos eletrônicos com caráter interativo, e outros maquinários tecnológicos, a cidade já passava por uma grande especulação imobiliária e crescente aumento populacional.

Por si só, Goiânia já mudava a percepção do futebol antes mesmo da chegada da globalização. Antigos espaços foram desfeitos e novos espaços surgiram com diferentes propostas de ocupação. A chegada da globalização foi o ponto que alterou não somente a cidade e a rápida modificação de espaços, mas também trouxe novos espaços através desses aparelhos tecnológicos para que o futebol voltasse a ter um amplo espaço, não mais fisicamente, e sim através das redes da internet.

Isso explica até mesmo a falta de correlações do espaço como localização geográfica na memória. Os interlocutores poderiam remontar perfeitamente as proximidades de suas casas aos campos de várzea, mas com poucas formas de traduzir a partir da memória localizações um pouco mais distantes que seriam essenciais para remontar um mapa e tecer as informações de diferentes interlocutores em um mapeamento “único” e coerente. E quando questionados sob estas questões geográficas em períodos de idade mais avançadas (além da adolescência) poucos conseguiam retratar, pois (frequentemente) diferentes tempos estavam envolvidos em um mesmo

espaço, provavelmente criando uma confusão das temporalidades envolvidas naquele raciocínio.

Este ganho de espaço (digital) está se tornando essencial para a comunicação entre pessoas, seus clubes favoritos e o esporte em si, mudando toda a perspectiva de conexão que até então existia nos clubes. A velha geração ainda se encontra nos clubes, mantém seus rituais em pleno funcionamento, apesar de que boa parte dos adeptos já não mais faça parte desta prática. Em contrapartida, a nova geração está cada vez mais próxima do esporte, não através de encontros reais e familiares, mas através da rede; todos os dias novas formas de interagir com o futebol se tornam disponíveis e com o uso de celular, em questão de segundos podemos nos interagir com pessoas de qualquer cidade.

Referências Bibliográficas

- APPADURAI, Arjun. Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy. *Theory, Culture & Society*, June 1990. p.295-310.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization*. Vol. 1 of *Public worlds*. University of Minnesota Press, 1996.
- APPADURAI, Arjun. *The Social Life of Things - Commodities in Cultural Perspective*. 1988.
- ARVIDSSON, Adam. Brand Management and the Productivity of Consumption. In: *Consuming Cultures, Global Perspectives, Historical Trajectories, Transnational Exchanges*. Berg Publishers. 2006.
- BAITELLO JUNIOR, N. Síndrome da máquina. In: CASTRO, G. de et al. (orgs.). *Ensaio de complexidade*. Porto Alegre: Sulina, 1997. p. 115-121.
- BATCHELOR, Robert. On the Movement of Porcelains: Rethinking the Birth of Consumer Society as Interactions of Exchange Networks, 1600-1750. In: *Consuming Cultures, Global Perspectives, Historical Trajectories, Transnational Exchanges*. Berg Publishers. 2006
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007, 1ª reimpressão.
- BHABHA, Homi. O entrelugar das culturas; Pós-modernismo e pós-colonialismo; O bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOURDIEU, P. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, Afrânio (orgs). *Escritos de educação*. Petrópolis, Vozes, 1998.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.
- BREWER, John; TRENTMANN, Frank. Space, Time and Value in Consuming Cultures. In: *Consuming Cultures, Global Perspectives, Historical Trajectories, Transnational Exchanges*. New York. Berg Publishers. 2006.
- CANCLINI, Nestor Garcia. 2. Diferentes, desiguales y desconectados. Editorial Gedisa, Barcelona. 2004.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. "O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever". In: *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora UNESP, 1988.
- COHN, Gabriel (org). *Max Weber*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- CONWAY, Martin A. *Memory and the self*. The Leed Memory Group, Institute of Psychological Sciences, University of Leeds, Leeds, UK. 2005. Available at www.sciencedirect.com
- DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. In: Michel Foucault - Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- DURKHEIM, Émile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Editora Martins Fontes, São Paulo, 1996.
- FERREIRA, João S. W. São Paulo: O mito da cidade-global. 2003.
- FOUCAULT, Michel. 1986. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- GASTALDO, Édison. "O país do futebol" mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Sociologias*, v.11, número 22, UFRGS, Porto Alegre Brasil. 2009.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP. 1991.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da Cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1973.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória coletiva*. São Paulo: Centauro. 1968.
- HALL, Stuart. El trabajo de la representación. In: *Sín garantías. Trayectorias y problemáticas en estudios culturales*. Popayán/Lima/Bogotá/Quito: Envió editores/ Instituto de Estudios Peruanos/ Pontificia Universidad Javeriana/ Universidad Andina Simón Bolívar, 2010.
- HANNERZ, Ulf. *Exploring the City - Inquiries Toward an Urban Anthropology*. New York. Columbia University Press. 1980.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. Edições Loyola, São Paulo, SP. 2007.
- KANSTEINER, Wulf. Finding Meaning in Memory: A Methodological Critique of Collective Memory Studies. *History and Theory*, Vol. 41, No.2. (May, 2002), pp. 179-197.

- KLEIN, Kerwin Lee. On The Emergence of “Memory” in Historical Discourse. Representations Edition 69 (Winter 2000): 127-150.
- LEACH, Edmund. Sistemas Políticos da Alta Birmânia. São Paulo: Edusp, 1996.
- LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Entre-campos: Cultura material, relações sociais e patrimônio cultural. In: TAMASO, I.; LIMA FILHO, M. (Orgs) Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetórias e conceitos. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.
- LOPES, José Sérgio Leite. Futebol mestiço. História de sucessos e contradições. Ciência *Hoje*, SBPC 24, no. 139, 1998.
- LANDES, David. Revolution in Time. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1983.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. Campinas : Papirus, 1997.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História. Proj. História, n. 17, São Paulo. 1998.
- MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico ocidental. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Editora Cosac Naify, São Paulo, 4ª reimpressão, 2013.
- MOSCOVICI, Serge. A representação social e psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. In: Horizontes antropológicos. Vol. 14 No. 30. Porto Alegre. 2008.
- RIBEIRO, W. C. “Globalização e geografia em Milton Santos”. In: El ciudadano, la globalización y la geografia. Homenaje a Milton Santos. Scripta Nova. Revista eletrônica de geografia y ciencias sociales, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 2002.
- SANTOS, Milton. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.
- TOLEDO, L. H. 1996 Torcidas organizadas de futebol, Campinas, Autores Associados/ Anpocs.
- TRENTMANN, Frank. Crossing Divides, Consumption and globalization in history. In: Journal of Consumer Culture. Birkbeck College, University of London, UK. 2009.
- VELHO, Gilberto. O Desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira. Coordenação de Gilberto Velho, Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- WEBER, Florence. “A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: Por que censurar seu diário de campo?” Horizontes Antropológicos. Porto Alegre: UFRGS, 2009, pp.157 – 170.
- WEBER, Max. Economia e sociedade. Brasília, Editora da UnB. 1991.
- WHYTE, William F. Sociedade de Esquina. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2005.
- ZALUAR, Alba. “Teoria e Prática do Trabalho de Campo: Alguns problemas”. In: CARDOSO, Ruth (org.). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, pp. 107 – 125.

Sites Acessados

- <http://esportes.terra.com.br/futebol/internacional/espanha/campeonato-espanhol/briga-esquerda-x-direita-que-matou-torcedor-choca-espanha.26831f5ec450a410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html> – Acesso em julho de 2015.
- http://espn.uol.com.br/fotos/341296_campeonato-brasileiro-esta-longe-de-ter-maior-media-de-publico-do-mundo-veja-em-fotos - Acesso em julho de 2015.
- http://www.goiassec.com.br/admin/conteudo/arquivos/1002_08091139345016.pdf - Acesso em setembro de 2016.
- <http://www.saneago.com.br/2016/arquivos/estatuto.pdf> - Acesso em setembro de 2016.
- <http://globoesporte.globo.com/go/noticia/2016/08/jogo-festivo-marca-reabertura-do-olimpico-de-goiania-apos-10-anos.html> - Acesso em setembro de 2016.
- <http://trivela.uol.com.br/federacao-da-italia-faz-uma-exigencia-aos-clubes-que-deixem-o-campeonato-italiano-mais-italiano/> - Acesso em outubro de 2016.
- <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/07/do-fracasso-gloria-o-que-o-futebol-alemao-pode-ensinar-aos-brasileiros.html> - Acesso em outubro de 2016.
- <http://cenaslamentaveis.com.br/selecao-da-islandia-coloca-o-pais-definitivamente-no-mapa/> - Acesso em outubro de 2016.

Anexo

Quadro de informação sobre entrevistados

Nome	Profissão	Data
Alan	Diretor Administrativo	Março de 2016
Edson	Ex-jogador (Semiprofissional), Tesoureiro	Março de 2016
Neto	Ex-jogador (Amador), Gestor Administrativo	Março de 2016
Sérgio	Ex-jogador (Profissional), Gestor Administrativo	Março de 2016
Walter	Ex-jogador (Profissional), Gestor de Projetos Sociais	Abril de 2016
Soraia	Contadora	Abril de 2016
Joana	Empresária	Abril de 2016
Evandro	Ex-jogador (Profissional), Aposentado	Abril de 2016
Jander	Gestor de Organizações Esportivas	Abril de 2016
Célio	Ex-jogador (Profissional), Aposentado	Abril de 2016
Mauro	Ex-jogador (Profissional), Professor	Abril de 2016
Gustavo	Ex-jogador (Profissional), Professor	Abril de 2016
Bruno	Ex-jogador (Profissional), Aposentado	Abril de 2016
Diego	Ex-jogador (Profissional), Aposentado	Abril de 2016
Paulo	Ex-jogador (Amador), Publicitário	Abril de 2016
Gabriel	Consultor	Maio de 2016
João	Advogado	Maio de 2016
Aline	Bancaria	Maio de 2016
Roberto	Ex-jogador (Semiprofissional), Auditor	Maio de 2016
Julia	Administradora Pública	Maio de 2016
Igor	Ex-jogador (Profissional), Empresário	Maio de 2016
Carlos	Ex-jogador (Semiprofissional), Engenheiro	Maio de 2016
Eduardo	Ex-jogador (Semiprofissional), Jornalista	Maio de 2016
Fernando	Contador	Maio de 2016
Hélio	Massagista	Maio de 2016